

ADEMIR LUIZ (ORGANIZADOR)



CONTOS DE 22

100 ANOS DA SEMANA DE ARTE MODERNA



ADEMIR LUIZ

ORGANIZADOR

CONTOS DE 22

100 ANOS DA SEMANA
DE ARTE MODERNA

CONTATO COMUNICAÇÃO

2022

Copyright © 2022 by Contos de 22

Capa: Contato Comunicação

Editora: Contato Comunicação

Editores: Ademir Luiz, Euler de França Belém, Lúri Rincon Godinho

CIP — Brasil — Catalogação na Fonte

Dartony Diocen T. Santos CRB-I (1º Região) 3294

C772

Contos de 22: 100 anos da Semana de Arte Moderna. / Ademir Luiz (org.). – Goiânia.: Contato Comunicação, 2022.

132p

1. Literatura brasileira. 2. Contos. 3. Arte Moderna. 4. Título

CDU: 821.134.3(81)-9

DIREITOS RESERVADOS — É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio sem a autorização prévia e por escrito da autora. A violação dos Direitos Autorais (Lei n.º 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 48 do Código Penal.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil – 2022

Índice para catálogo sistemático:
CDU: 821.134.3(81)-9

A SEMANA INVISÍVEL

Um aspecto pouco conhecido da famosa Semana de Arte Moderna de 1922 é o fato de que, na verdade, o evento não aconteceu. Não que esse equívoco histórico tenha sido orquestrado por uma conspiração deliberada, resultou apenas de uma proposta jogada ao ar que saiu do controle. Começou com um dos Andrade, nunca ficou claro qual deles, comentando em uma mesa de bar sobre a efervescência cultural modernista na Europa. Os festivais, as exposições, os recitais, os saraus de poesia, os manifestos. Entusiasmada, Anita sugeriu que eles fizessem o mesmo, ou algo parecido, que dessem uma abrigadeira no negócio. Heitor assobiou uma melodia caipira, batucou um ritmo tribal na mesa, e gritou que era uma grande ideia. Di, que estava desenhando no tampo da mesa, escondido do garçom, levou um susto com o berro. Recuperado, sem entender direito sobre o que falavam, concordou. Todos concordaram e brindaram comemorando o marco artístico que estavam criando. Muitas rodadas depois, o grupo de artistas se dispersou na madrugada.

No dia seguinte, ressaqueados, todos se esqueceram que tinham combinado data, hora e lugar para o grande evento. Todos, menos os garçons que ouviram as combinações, enquanto supriam copos. Foram os responsáveis por comentar a novidade com os frequentadores do bar, sobretudo jornalistas, que reverberaram na imprensa a nova do meio artístico paulista, brasileiro. Dos jornais, a Semana de Arte Moderna caiu na boca do povo, chegando nas orelhas dos artistas que seriam os protagonistas no evento. Lembravam-se vagamente de terem comentado algo assim e assado. Como se fosse combinado, individualmente, decidiram dar o dito pelo não dito. O equívoco acabaria por si mesmo, pensaram.

Mas aconteceu o contrário. Muitos outros artistas, ofendidos por não terem sido convidados, começaram a se convidar para o evento, engrossando as fileiras modernistas nacionais.

Quem poderia negar que não estavam lá? Quem poderia negar que a Semana de Arte Moderna de 1922 não aconteceu?

A Semana ganhou vida própria. Nos dias combinados, mesmo com as portas do Teatro fechadas, surgiam histórias e mais histórias do que teria acontecido em suas dependências. Não estar presente passou a ser considerado sinal de caipirice. A onda era estar na plateia ou no palco, vaiando ou aplaudindo. Todos estavam, pelo menos um dia da Semana. Coincidência não terem esbarrado em nenhum conhecido. Era muita gente, afinal.

A Semana ganhou amigos e inimigos no debate público. Ninguém viu nada, mas comentando por ouvir falar, sobravam certezas.

O evento tomou tal proporção que os poucos que tentavam argumentar que nada estava acontecendo eram ignorados ou chamados de loucos e inimigos da cultura. Meros sapos coachando. Mesmo os poucos artistas “participantes” que ensaiaram negar tudo foram considerados grandes ficcionistas por estarem divulgando enredo tão inusitado. A Semana se empunha como real, não havia como deter o monstro modernista.

Quando a Semana finalmente acabou, a História começou. Fora do tempo presente, e da possibilidade de verificação empírica, virou verdade oficial. As provas de que o dito acontecido realmente aconteceu nunca foram além do desprezível. Mas tal pobreza documental passou, durante décadas, por mera curiosidade científica, sendo considerada apenas descuido de registro. Acontece nos melhores arquivos. Quem poderia duvidar de tantos testemunhos?

Apenas recentemente alguns historiadores começaram a produzir tímidos artigos sobre as inconsistências da narrativa. Ainda é um tabu acadêmico.

O que se concluiu preliminarmente nestas pesquisas revisionistas é que a Semana de Arte Moderna de 1922, evento invisível aos olhos, mas onipresente na vontade, foi o primeiro evento pós-moderno não registrado.





OS AUTORES

Ademir Luiz - Doutor em História, professor da Universidade Estadual de Goiás e presidente da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

C. J. Oliveira - Escritor, vencedor do prêmio Hugo de Carvalho Ramos e associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Edival Lourenço - Escritor, ex-secretário de cultura do Estado de Goiás, ex-presidente da União Brasileira de Escritores Seção Goiás e membro da Academia Goiana de Letras.

Eliézer Cardoso de Oliveira - Historiador, doutor em Sociologia e professor da Universidade Estadual de Goiás.

Ênio Magalhães - Físico e escritor associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Geraldo Rocha - Escritor associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Hélverton Baiano - Escritor, jornalista, vencedor do prêmio Hugo de Carvalho Ramos e associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Iraides Barbosa - Advogada e escritora associada da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Itaney Campos - Escritor, desembargador e membro da Academia Goiana de Letras.

José Eduardo Umbelino Filho - Escritor, jornalista, doutor em Sociologia, vencedor do prêmio Hugo de Carvalho Ramos e associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

José Fábio da Silva - Escritor, doutor em História e membro da Academia Anapolina de Letras.

Lêda Selma - Escritora, ex-presidente da Academia

Goiana de Letras e associada da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Leonardo Teixeira - Escritor, prestidigitador e associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Luiz de Aquino - Escritor, jornalista, ex-presidente da União Brasileira de Escritores Seção Goiás e membro da Academia Goiana de Letras.

Maria Helena Chein - Escritora, vencedora do prêmio Hugo de Carvalho Ramos e associada da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Pablo Mathias - Escritor, doutor em Biologia, vencedor do prêmio Hugo de Carvalho Ramos e associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Rafael Fleury - Escritor, advogado, ex-presidente do Gabinete Literário Goyano e associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Simone Athayde - Escritora associada da União dos escritores em Goiás e membro da Academia Anapolina de Letras.

Solemar Oliveira - Escritor associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás, vencedor do prêmio Hugo de Carvalho Ramos, membro do Conselho de Cultura do Estado de Goiás e da Academia Anapolina de Letras.

Sônia Elizabeth - Escritora, advogada, vencedora do prêmio Hugo de Carvalho Ramos, associada da União Brasileira de Escritores Seção Goiás e membro da Academia Goianiense de Letras.

Talissa Teixeira Coelho - Escritora, historiadora e agitadora cultural.

Valdivino Braz - Jornalista, escritor e poeta.

Valéria Victorino Valle - Presidente da Academia Anapolina de Letras e associada da União Brasileira de Escritores Seção Goiás



A GRANDE VAIA

C. J. OLIVEIRA

O enorme teatro abre as portas para o grande evento da noite.

Ninguém o espera, mas Bardo, escondido, com um disfarce nada convincente, vê tudo por detrás da cortina lateral de um dos corredores. Sentindo-se parte da composição daquele espetáculo, não pode se furtar a comparecer, embora todos pensem que ele não veio, e a História assim diz. A verdadeira causa dessa ausência é uma tuberculose ferrenha que o atacara impreterivelmente nos últimos dias. Como se não bastasse a doença, setores da sociedade cultural reagiram com certa repugnância ao seu livro Carnaval de 1919. Alguns poemas foram mal vistos, outros execrados por antecipação — uma afronta aos parnasianos e simbolistas. E o que mais os espantavam e os aturdiavam era o fato de saber que o próprio Bardo tinha toda uma formação simbolista. Portanto, nada mais fazia, senão, cuspir no prato que comera. Tanto assim, que prometeram pegá-lo a tapas, caso comparecesse ao desrespeitoso evento.

Dias antes, a cidade alvoroçada, já não consegue esconder a apatia aos velhos métodos. Os vanguardistas, exultantes, respiram aliviados. Em breve irão se libertar. O botão da flor de uma nova arte irá se abrir, exalando um cheiro que perfumará o mundo. Pelo menos é o que todos esperam ao longo da semana.

No centro da cidade, várias personalidades circulam pelas esquinas das casas paulistanas. Os dias são dias de transição, e excitam as pessoas. Há no ar a indagação no semblante delas, que expande as narinas como se houvesse no ar um leve cheiro de cafezinho fervendo. Aliás, no começo da noite, os cafés e lanchonetes se enchem de gente, gente que conversa, ri, se

espanta e indaga perplexa que rumo seguir, que atitude tomar. As divergências são notórias, sugerindo que uma técnica viva em detrimento de outra.

O bondinho que passa pela via em frente lamenta algo através de um ranger de rodas. Os automóveis, idem. O tempo se modifica devagar, mas não há risco de chuva. Um tremendo vento arrasta folhas para a escadaria do prédio. O calor diminui agora na boca da noite, mas fora intenso durante toda a tarde, com o sol escaldante a invadir as ruas, dissipando desejos de retaliação. A cidade está em polvorosa. Há um grave desejo por mudança. E um susto coletivo por saber do novo.

A primeira noite está prestes a começar, e se anuncia como a grande estreia. No palco, as luzes da ribalta projetadas em diagonal embaçam o ar e as mentes confusas, parecem brumas. Os lustres suspensos estão apagados, mas em pouco se acenderão. O público chega e ocupa as galerias em volta. As galerias superiores também se apinham de gente, quase não sobram cadeiras. Todos aguardam.

À entrada, um pequeno tumulto agita as pessoas: um homem de rua tremendamente sujo entra no meio do povo, e se senta na última fileira para assistir ao espetáculo. Sua presença é repudiada por causa da roupa que traz ao corpo, imprópria ao evento, e ele é convidado a sair como um cão quando adentra o lugar errado. Começa a falar frases soltas, recitando um poema. Pelas frases entrecortadas, vê-se que tem certa erudição. Os motivos que o fazem mendigar é desconhecido, ninguém pode supor. O poema é célebre e de domínio público: “Poema em Linha Reta”, de Álvaro de Campos, irônico, sarcástico, com um enorme significado social. Sobre isso ninguém ousa argumentar. Casa bem com a programação da casa, anunciada para logo mais. Rejeitado pela nata presente, que se vê ofendida com a astuta poesia, é achincalhado ali mesmo passando-se por *persona*

non grata. Alguém dirá que no fundo ele não passa de um ser infiltrado. É o escândalo da noite. Oferecendo resistência se vê colocado pra fora por dois guardas da casa, plantados ali há horas, à espreita. Súbito, a paz volta a reinar no recinto, e tudo volta ao normal como se nada tivesse acontecido. Homens incomodados com aquilo limpam seus ternos de casimira ante o pó desprendido pela roupa do mendigo. Comentários circulam em volta: “Onde já se viu, um mendigo dando uma de poeta! Era só o que faltava!” — Exclama um senhor gordo de sobrecasaca. Pelo porte que ostenta é um homem culto, mas por vezes, o saber não espanta a estupidez e o elitismo. Não parece contemporâneo, entretanto é prosaico; tanto assim, que só diz bobagens. Ao contrário, é mais um conservador programado para vaiar. Essa noite inicial promete derreter mil atitudes, sobretudo, chocar os recalcitrantes.

Quando todos se acomodam, Bardo já está a postos, pondo em prática a estratégia de esconder-se. Atrás da cortina, não pode tossir, com receio de denunciar a doença que o ataca, mas fica indignado ao divisar os guardas do teatro colocarem o mendigo na rua. Porém nada pode fazer, a não ser ficar quieto e esperar o começo do espetáculo. Se há algo que o revolta é a injustiça social. Sentir as dores do outro e não poder fazer nada, soa-lhe como uma impotência cristã, apesar de seu ateísmo nos contrastes da mente.

De cara, os espíões da cultura rejeitam as obras expressionistas de vários pintores brasileiros, colocadas ali nos murais sugerindo uma renovação estética totalmente nova, no mínimo incompreendida, na condição realista e descontraída com que foram pinceladas, com traços fortes e livres, de cores fortes. Entre elas: A Estudante Russa; O Japonês; A Mulher de Cabelos Verdes; O Homem Amarelo — só pra citar algumas de Anita Malfatti. A ousadia é a tônica dessas pinturas. A liberdade, um espanto.

O despojamento dessas obras incomoda os experts, que quase têm um ataque coletivo. Tanto que um endinheirado senhor de fraque e brilhantina, ereto no saguão feito um soldado, exclama aborrecido:

– Isso não é obra de arte! É um monte de rabiscos sem a menor ponderação!

Ponderações à parte, muita gente gosta desse novo modo de pintar, que não vem de nenhuma tendência francesa ou italiana, e que foge ao convencional, então em voga.

O grande diplomata entra em ação com um discurso longo incomodante aos presentes: “A Emoção Estética da Arte Moderna” dissecava com grandeza as novas criações. Um novo modo de compor a arte muda a arquitetura, a pintura, a música e as letras. Nada foge à influência do modernismo. A grande proposta feita ao público é transpor, quebrar o gelo, mudar formas e conceitos, descompor o mito. Desfazer as rugas nas caras amarradas das pessoas. Transpor os muros da estética daquilo que se chama Arte. Transpor o intransponível. E, sobretudo, calar os renitentes. Para tanto, a irreverência é a tônica das discussões.

Num dado momento, argumentava assim o discursista, fazendo menção às novas obras apresentadas: “Aquele Gênio supliciado, aquele homem amarelo, aquele carnaval alucinante, aquela paisagem invertida se não são jogos da fantasia de artistas zombeteiros, são seguramente desvairadas interpretações da natureza e da vida. Não está terminado o vosso espanto. Outros ‘horrores’ vos esperam.” – De fato, horrorizados, os olhos bem abertos, ouviam sem compreender.

Seguido à conferência, uma apresentação musical enche a noite, em meio a vaias e aplausos que se confundem. É o dia 13 de fevereiro de 1922. Começa, então, a Semana de Arte Moderna.

Bardo, naquele dia, vai embora mais cedo com medo de que alguém o reconheça. Passa, inclusive, diante daqueles que

o desejam apedrejar, atira para cima deles um olhar furtivo. O bigode de Alberto Caieiro, o óculos e o chapéu disfarçam bem seu rosto redondo com lábios grossos. Fino trato. Camuflagem. Ninguém percebe nada, e na quarta-feira, ele volta ao mesmo lugar, como um padre que volta ao confessionário. Tendo se submetido ao sereno da noite anterior, a terrível doença quase o impede de vir. Mas vencendo-a, num instinto, volta ao teatro, pois não poderia perder a declamação de seu poema, prevista para o segundo dia do evento.

E o segundo dia começa, 15 de fevereiro, uma quarta-feira, e o autor de Juca Mulato apresenta ao público os novos escritores modernos, os novatos que comporão no futuro o grande time de nossa literatura, presa até então às escolas tradicionalistas. O Príncipe dos Poetas Brasileiros (que ainda não fora condecorado com esse título) sobe ao palco, de terno preto, camisa branca e gravata borboleta. Sua apresentação é aguardada com ansiedade. O salão está cheio, e ele olha paciente e altivo para as câmaras das galerias, seguro de si. Sabe do impacto daquelas palavras logo após terminar a apresentação. “Bardo não veio” — pensa, e se prepara, solene. “Se tivesse vindo sentiria muito orgulho” — completa, achando-se agora tão responsável por aqueles versos quanto o amigo que os compusera. Então começa a declamar “Os Sapos”, com autoridade e irreverência, como se olhasse a todos nos olhos, e um arrepio lhe sobe pelo corpo, encorajando-o. A vaia começa, misturada a aplausos, gritarias, xingamentos, constantes ais... Alguém promete matá-lo, a ele, e a Bardo, pois as críticas ferrenhas são direcionadas como flecha ao Parnasianismo. E todos sabem quem afinal está por trás. Os que não sabem, desconfiam. Bardo, oculto, sente o astucioso prazer na declamação daqueles versos, mas evita se expor, mergulhado em si mesmo. Chega a tossir levemente atrás da cortina marrom, mas ninguém é capaz de ouvi-lo, pois o barulho no teatro estronda o

recinto. A doença, sendo maior que ele, o faz tossir várias vezes naquela noite, e o mataria definitivamente quatro décadas depois. Múltiplas vozes e sons guturais tentam desordenar a magistral interpretação do poema, que avança rumo à última parte. A grande vaia acontece então, e ecoa pelo teatro feito uma coisa viva, mas o novato poeta vai até o fim, totalmente seguro da nova estética que a todos suplanta.

Do lado de fora, na praça chamada Esplanada do Theatro, os sapos-cururus e os sapos comuns invadem os jardins e as ruas próximas, saindo dos esgotos e coaxando à maneira dos versos que dizem: —“Foi”. —“Não foi”. —“Sei”. —“Não sabe”. —“Sabe”. Os cães também ladram na noite como lobos ferozes; os gatos miam ao longe, numa correria desenfreada; até parece um protesto combinado da fauna urbana. E a ventania espalha papéis e folhas pela imensa praça colorida de plantas, numa reação inesperada. Alguns casais de namorados que não entraram no teatro se dão as mãos felizes e sonhadores, ouvindo o som propagado lá de dentro, na noite encantada que se prolonga.

Do lado de dentro, os cururus humanos, revolucionários, modernistas, esculacham aquilo que se chama arte, e que ninguém mais aceita, por não ser o anseio da grande massa que consome e vive de literatura. Logo após o final daquela apresentação grandiosa, Bardo sai lentamente andando pelos corredores, vestindo um sobretudo escuro e disfarçando a mão direita elevada ao chapéu, que o escondem definitivamente como se fosse um simples vulto na noite. Ninguém sequer cogita de sua estranha presença, tão absortos estão com o panorama do show. Aliás, num teatro cheio como aquele nada ou ninguém é capaz de causar espanto, senão o próprio espetáculo a hipnotizar o público.

No terceiro dia do evento, 17 de fevereiro, sexta-feira, portanto, ele não comparece. Sua ousadia em sair à noite e enfrentar

o sereno das ruas foi fulminada com uma crise de hemoptise, que quase o leva ao túmulo. Quando seus amigos de geração sabem da atitude malsã por ele tomada, indo ao teatro com a saúde precária dão-lhe fortes broncas, exasperam-se, mas o mal já está feito. “Eu não poderia deixar de comparecer” – Bardo explica acamado, tossindo mais uma vez. E a Semana de Arte Moderna termina. Mas a arte nunca mais foi a mesma. Termina é modo de dizer, porque na verdade ela perdura até os dias de hoje. Nunca uma semana durou tanto e influenciou tanto. Mormente a nós, sapinhos de lagoa, magros e desnutridos, ainda hoje exclamamos as mesmas frases prontas, que fez de “Os Sapos” um poema mundial: –“Foi”. –“Não foi”. –“Sei”. –“Não sabe”. –“Sabe”.

Cem anos depois do maior evento literário acontecer, Bardo tinha razão: – De nada sei!



MIÚDOS, POR DENTRO DA GAROA

EDIVAL LOURENÇO

O grupo organizador da Semana de Arte Moderna de 1922, que não era tão grande quanto efervescente, seguia animado, preparando tudo nos mínimos detalhes, para que a apresentação no Teatro Municipal não fosse apenas um acontecimento, mas um escândalo. Um soco na cara da sociedade paulista tradicional e conservadora. Pretendia rasgar o bucho dos burgueses, na praça, chutar os sapos parnasianos para a profundidade dos charcos, queimar os cadernos poéticos do lirismo funcionário público, então, vigente. Um terremoto que retirasse a poeira, a pátina que embotava as ideias pelo país.

O grupo sentia-se preparado, com trânsito e sintonia com as vanguardas europeias, especialmente com os ideários que giravam pelas cabeças arejadas dos frequentadores dos salões, cafés e bordéis de Paris.

No entanto, havia uma pulga na virilha dos ativistas: o intelectual brasileiro mais influente, Monteiro Lobato, não estava convencido da legitimidade do movimento, nem da eficácia de seus resultados. Já fora convidado, mas não mostrava animação, sequer havia confirmado presença a algum momento da Semana. Muito menos se alinhado às ideias do grupo.

Segundo a avaliação da maioria, o apoio de Lobato daria legitimidade e visão positiva, ocuparia espaços nos meios de comunicação, com desdobramentos repercutindo em todo o país e até no exterior. Sua indiferença poderia reduzir a importância do movimento. Sua oposição representaria um começo malfadado, um fracasso difícil de reverter-se. A minoria, no entanto, achava

que a participação, ou não, de Lobato não tinha essa importância toda. Sua imagem de intelectual estava mais ligada ao parnasiano mofo e à velharia a ser demolida. Para um terceiro grupo, bem reduzido, mas radical, sua participação seria um estorvo. Vista com desconfiança, uma forma dos burgueses açambarcarem os movimentos de vanguarda, moldando-os aos antigos cânones, de modo que tudo não passasse de falsas mudanças, para deixar tudo como antes. Mas como a maioria achava que ele deveria ser figura de proa do movimento, como se dizia, decidiram procurar uma forma de fazê-lo participar ativamente.

Após discussões quase intermináveis, idas e vindas, marchas e contramarchas, foram escolhidos os nomes para formar um grupo e ir ao encontro de Monteiro Lobato: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Guilherme de Almeida e Manuel Bandeira. Por azar ou sorte, Bandeira sofreu uma crise de tuberculose e ficou sem condições de acompanhá-los. O escolhido para substituí-lo foi Ronald de Carvalho, com a incumbência, dentro da programação, de declamar os poemas de Bandeira, *Os Sapos*, seguido de *Poética*, como parte dos argumentos.

As estratégias e os argumentos foram ensaiados com antecedência, para que a ação, junto ao prócer, não sofresse qualquer revés. A agenda foi pedida a Lobato, que topou receber o grupo na pequena sala de reuniões de sua editora.

Naquela manhã, a secretária acolheu o grupo, providenciou assento, água e cafezinho para todos. Na parede, atrás da poltrona de Lobato, com espaldar a média altura, ao estilo clássico, constava uma tabuleta com a seguinte frase:

“Tudo tem origem nos sonhos. Primeiro sonhamos, depois fazemos”. A frase não tinha autoria, mas, como estava ali, ninguém duvidava de que era da lavra do próprio titular da poltrona e se tornou de pronto um elemento de identificação de todos.

Egresso do escritório ao lado, Lobato entrou com seu indefectível terno cinza, colete e gravata, esbanjando confiança, acompanhando de um cãozinho shih tzu, que abanou o rabo num bom dia coletivo. Homem nascido no berço da aristocracia rural, herdeiro de grandes fazendas e de educação refinada, fez questão de pegar na mão de cada pessoa, nominando-a. Não era certo que conhecesse todos os visitantes, mas a secretária lhe passou antes as fichas e ele pôde proceder sua etiqueta de homem refinado. Só a secretária, pela longa convivência, percebeu que a presença de Anita Malfatti, no grupo, causou discreto mal-estar ao anfitrião. Talvez tenha soado como um acinte, pois não fazia muito tempo que Lobato havia publicado um artigo no Jornal O Estado de São Paulo, sob o título detratador “Paranoia ou mistificação?”, em que ridicularizava o suposto fato, atribuído à artista, de ter recebido o dom da pintura, por revelação, durante uma tentativa de suicídio. Contudo, entre os demais presentes, não foi percebida tal contrariedade, e todos ficaram à vontade para a exposição de seus argumentos e pontos de vista.

– Há cem anos, Dr. Lobato, o Brasil deu o grito da independência. Entendemos ser preciso, além da independência política, econômica e social, que fosse dado também o grito de independência estética e artística. A Semana de Arte Moderna, que propomos, pretende ser o divisor de águas de nossa história cultural, – alegou Mário de Andrade. Lobato fez um aceno de cabeça, como se concordasse. Oswald de Andrade animou-se e aduziu o seu *script*:

– Os vapores do centenário sopram a favor de nosso movimento, que postula uma arte de cunho nacional. Chega de papagaiar as artes e a estética de nossos colonizadores. – O anfitrião, se não aprovou cabalmente, pelo menos, não manifestou contrariedade.

– Até porque outros acontecimentos contribuem para essa

efervescência, como o fim da Grande Guerra, – argumentou Anita Malfatti. Lobato não fez nenhum gesto, sequer olhou para ela.

– Outros acontecimentos, que contribuem para a oportunidade desse evento, são o início da Industrialização do Brasil, a decadência da monocultura do café, o incremento da Urbanização, – aduziu Di Cavalcanti. Lobato fez um gesto para a fala do próximo.

– A entrada maciça da mão de obra estrangeira não escrava, o surgimento de uma classe média mais consistente, grande afluxo de pessoas com acesso a informação, ao livro (inclusive os de sua editora), a jornais, a revistas e ao rádio. O momento é propício para uma grande virada. Uma virada em favor da cultura nacional, com nossas raízes, com nossos falares, com nossas cores miscigenadas, com nosso cheiro. Cheiro de gente da terra, – disse enfático Guilherme de Almeida.

– Meninos, estou impressionado! Vocês ensaiaram o jogral, sem descuidar de nenhum detalhe – Exclamou o anfitrião, com cara boa. Desanuviando qualquer tensão que ainda pudesse existir. – Desculpe, disse Lobato, vejo que ainda falta a manifestação de Ronald de Carvalho.

Ronald animou-se. Com certo orgulho, retirou do bolso do blusão umas folhas manuscritas, um pouco amassadas. Alegou que falava em nome de Manuel Bandeira, que não pôde comparecer por questão de saúde, e, portanto, pedia licença para recitar dois poemas, compostos dentro do espírito modernista. Declamou, primeiro, Os sapos, em que critica acidamente o formalismo parnasiano, a escola literária em que Lobato se achava confortavelmente inserido. Não por acaso, seu nome completo, José Bento Renato Monteiro Lobato, compõe um verso alexandrino, com métrica e ritmo perfeitos. Inclusive, com uma luxuosa rima interna. Uma joia do parnaso. A crítica continua com o poema Poética, fechando com a manifestação basilar do modernismo:

– “Não quero saber mais dolirismo que não é libertação!”

Lobato, que já estava carrancudo, leva as mãos aos ouvidos, como se repelisse alguma gastura:

– “Não quero saber mais do lirismo que não é libertação!”? Não seria “que não seja libertação”? Parece que o amigo Bandeira está realmente mal de saúde. Até se esqueceu da conjugação correta de um verbo vernacular.

Lobato era um intelectual múltiplo, nacionalista, artista criativo. No entanto, advindo de uma extração social, cujos valores, embora contestasse, jamais conseguiu superá-los efetivamente. Depois do “jogral”, sem dar tempo para que Mário de Andrade formulasse o convite e negociasse as bases de sua participação no evento, o anfitrião destilou sua bÍlis:

– Até parece que nossas ideias têm pontos de contato, porque eu também batalho por uma cultura nacional. Não só a cultura, mas uma nacionalidade por completo, que possa ser e se orgulhar da brasilidade. Mas o que vocês trazem é uma irresponsabilidade sem tamanho. Vocês, meninos mimados, passam suas temporadas em Paris, bebem aquelas ideias tresloucadas que eles chamam de Vanguardas, e chegam aqui querendo mudar a cultura do País, com esse punhado de maluquice importada. Isso é uma arrogância, um populismo demagógico e rasteiro. É como jogar merda num quadro de Pedro Américo e chamar a sujeira de Arte Moderna, a arte que a população compreende e de que precisa. Por que não ocupam as cabecinhas brilhantes de vocês para descobrir uma fórmula de levar educação ao povo, para que possa fruir do conhecimento e da cultura? Não. Vocês preferem estragar a cultura e entregar o lixo para o povo, sob alegação de que se trata da mais refinada e perfeita arte. Vocês voltam de Paris com ideias frÍvolas para aplicá-las aqui como se fossem a quintessência da brasilidade. Isso é o aprofundamento da colonização. Não. Não vou participar dessa palhaçada.

Fez uma pausa, para tomar um gole d'água. Era possível ouvir uma mosca voando, se na sala houvesse moscas. Com aparência de ainda mais irado, olhou nos olhos de Anita e continuou:

– Já não me assusta mais nada. Nem se, a qualquer hora, um desses artistas, ditos de vanguarda, pegar os penicos de sua alcova, pendurar nos cavaletes de uma galeria e disser que agora essa é a arte que se contempla. Pelo amor de Deus! Nunca vi tanto mau gosto querendo se passar por arte. Nunca vi tanto aleijão reivindicando a estética do belo.

O silêncio voltou a reinar. Todos se enredavam na teia do constrangimento. Talvez nem Lobato soubesse como sair da situação.

Sem ter onde pôr os olhos, a vista de Mário de Andrade esbarrou na tabuleta atrás do anfitrião: “Tudo tem origem nos sonhos. Primeiro sonhamos, depois fazemos”. Instintivamente, teceu um comentário:

– Shakespeare tem uma frase que, acho, ele plagiou do Senhor: “A vida é feita da mesma substância de que são feitos os sonhos. E entre um sonho e outro transcorre nossa breve existência.” – Era a deixa que Lobato precisava.

– Espera aí, menino! Você está insinuando que plagiei a frase de Shakespeare? Vocês me fazem perder tempo e ainda me insultam?

Enquanto falava, dirigia-se à porta, para abri-la, indicando com a mão direita o rumo da rua. Num canto da sala, o cãozinho shih tzu, impassível, em pose de leão da esfinge da pirâmide do Egito.

E lá se foram os jovens modernistas, em silêncio, cabisbaixos, miúdos, por dentro da garoa da Pauliceia, sem a participação ou mesmo a simpatia do mais importante intelectual brasileiro de seu tempo.



PALMAS E VAIAS

ELIÉZER C. OLIVEIRA

Aparecido de Oliveira Silva, vinte e dois anos, solteiro, brasileiro, mulato rosado de cabelos lisos, estatura mediana, boa procedência familiar, temente a Deus, estudante da Faculdade de Direito São Francisco e suplente do 3º Secretário do Centro Acadêmico XI de Agosto, escriturário de meio expediente do Banco Alemão. Na noite de quarta-feira, dia 15 de fevereiro, Aparecido comprou um bilhete de entrada para o Teatro Municipal de São Paulo no valor de cinco mil e trezentos réis, para assistir a um evento denominado Semana de Arte Moderna.

Aparecido, um iconoclasta das inovações estéticas, achava o termo “arte moderna” um oximoro (Aparecido começou a usar palavras difíceis e bengala com cabo de prata depois que ele entrou na faculdade de Direito). A verdadeira arte deve ser velha, pois só o tempo poderia garantir o valor estético de uma produção; o tempo filtrava o relativismo do gosto de cada um, garantido que as obras estéticas se tornassem referências para os outros artistas. Não se tratava de imitar o passado, mas inspirar-se no passado. O próprio prédio do Teatro Municipal demonstrava isso, já que era um edifício novo – com pouco mais de dez anos – que já nascera velho, inspirado em estilos barroco e clássico.

Aparecido era um homem metódico e pontual nos seus compromissos. O mundo sem regras era um mundo de caos e incerteza. Deus inspirou a Santa Escritura para orientar os homens a encontrar o caminho do Céu; as leis terrenas orientavam os homens a encontrar o caminho da justiça; as leis da natureza garantiam a previsibilidade das chuvas, as estações do ano, os ciclos das migrações dos pássaros, os movimentos

dos astros. Tudo tinha regras! (Aparecido, por um instante, desviou os seus sublimes pensamentos para o fato de que o seu intestino sempre fora desregulado, ao ponto de ter que comprar um clister na Pharmacia do Alípio enfrentando os olhos zombeteiros da mocinha do balcão). Por que Diabos, então, as obras de artes não teriam regras? (Inconscientemente Aparecido cerrou os punhos, enquanto pensava nisso, o que levaria um entendido em linguagem corporal a descobrir uma personalidade colérica escondida sob uma aparência fleumática). A anarquia dos gostos de cada um não poderia ser o critério para avaliar a beleza da arte.

É verdade, admitiu Aparecido, que ele nunca havia gostado de ópera antes de entrar para a Faculdade de Direito e trabalhar no Banco Alemão. Antes disso, ele vivia dançando maxixe com as mulatas. Mas agora, não. Ele apreciava ópera, principalmente as italianas, que de vez em quando, davam o ar da graça no Teatro Municipal. Mas a mudança no seu gosto musical não significava que regras podiam ser alteradas da mesma forma que se troca uma camisa. O seu gosto musical não mudou, apenas evoluiu. Era a falta de cultura que o fazia gostar de uma música primitiva, mas quando ele saiu da caverna acústica popular, suas faculdades auditivas se abriram para sons mais belos e sofisticados. (Aparecido ficou impressionado com a leitura da Alegoria da Caverna na aula de Filosofia do Direito).

No saguão do Teatro, onde estavam sendo expostos quadros e esculturas, Aparecido contemplou "A Boba", de Anita Malfatti. Dos nus fabulosos de Jean-Léon Gerôme, estamos caminhando para isso... O artista tem que retratar a excepcionalidade da beleza do mundo; já a feiura, ela é evidente por si mesma.

Já sentado nas cadeiras do auditório (Aparecido desistira de ver o restante das obras), esperava ouvir a palestra do moço de nome esquisito que usava óculos redondos. Suas palavras

ardiam em sua cabeça: “Aos nossos olhos riscados pela velocidade dos bondes elétricos e dos aviões, choca a visão das múmias eternizadas pela arte dos embalsadores.” Múmias eternizadas é a sua mãe... “Basta de se exaltar as artimanhas de Ulisses, num século em que o conto do vigário atingiu a perfeição da obra prima”. Que absurdo comparar Ulisses a um malandro de rua. “Morra a Elíade! Organizemos um zé-pereira canalha para dar uma vaia definitiva e formidável nos deuses do parnaso!”. Você vai ver o que é um charivari de vaias...

A palavra “vaia” teve um efeito de um comando automático em cão adestrado. O homem ficou possesso, levantou-se da cadeira e começou a vaiar, olhando para os lados, tentando influenciar os demais. Deu certo. Outros aparecidos seguiram o seu exemplo e houve uma batalha campal entre vaias e palmas, uma batalha com resultado previsível, já que a tecnologia bélica das vaias é muito mais eficiente e especializada do que a improvisação das palmas. Vaia é o animalesco do ser humano que se manifesta em meio aos sons guturais. Palmas é a demonstração civilizada de apreço, de modo calmo e sincronizado. As palmas alimentam os grandes oradores, as vaias lhes provocam indignação.

O narrador onisciente já não tem condições de descrever o que se passava na cabeça do Aparecido naquele momento em que vaiava e uivava. Já sentado, os seus pensamentos já podiam ser concatenados em algo comunicável aos outros de sua espécie. A guerra precisa de vanguarda, não a arte; a arte tem que ser evidente por si mesma e não precisa de proselitismo. Inovação é tecnologia, útil para fazer máquinas, mas sem serventia para fazer arte. No palco, um jovem lia um poema: “O sapo-tanoeiro, Parnasiano aguado, Diz: - “Meu cancionero. É bem martelado.”

Aparecido levantou-se, novamente, completamente animalizado, arredondando a boca, enquanto expelia o som.

Dr. Aparecido de Oliveira Silva, cinquenta e dois anos, casado com Ângela da Silva Prado, branco, cabelo liso, de família ilustre, crente na existência do Grande Arquiteto do Universo, juiz federal e cafeicultor, udenista convicto. Enquanto esperava a Ângela se arrumar para irem a um espetáculo de Jazz Band, no Municipal, Dr. Aparecido, na sua imponente biblioteca, guardava o Macunaíma na estante. Vamos chegar atrasados ao Teatro, mas, e daí? (O poder fez Dr. Aparecido a se achar senhor de tempo, o tempo seu e dos outros). Na parede desnudada do cômodo, via-se com destaque o quadro Morro na Favela, de Tarsila do Amaral. (Dr. Aparecido lembrou-se satisfeito dos aplausos que recebera quando leiloeiro batera o martelo para o seu lance ostentoso na compra dessa preciosidade).



CENTENÁRIO DA SEMANA DE ARTE MODERNA, INFLUÊNCIA DE DRUMMOND E ALGUNS SINAIS DO MODERNISMO EM GOIÁS

ENIO MAGALHÃES FREIRE

Convidei minhas amigas, as três irmãs Ada, historiadora, Esther, arquiteta e Rebeca, biomédica, para me ajudarem a entender um pouco mais sobre a Semana de Arte Moderna, o surgimento do modernismo no Brasil e sinais do modernismo em Goiás. Elas se dispuseram a ajudar-me.

Ada diz que a Semana de Arte Moderna, ocorreu de 13 a 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, no centenário da Independência do Brasil. Que foi organizada por intelectuais e artistas que buscavam o rompimento com o tradicionalismo literário e artístico do país. Que questionavam uma oligarquia paulista e o revezamento do poder Café com Leite. Revezava-se o comando do país entre Minas Gerais e São Paulo. Que o Brasil teve identidade forte sob D. Pedro II, mas, em 1889 foi deposto pelo Marechal Deodoro da Fonseca, gerando um vácuo cultural no país.

Continuando, Ada diz que os participantes foram Anita Malfatti, Di Cavalcanti e Tarsila do Amaral (não participou diretamente) na pintura. Victor Brecheret na escultura. Na literatura Graça Aranha, Guilherme de Almeida, Mário de Andrade, Plínio Salgado, Menotti Del Picchia e Oswald de Andrade e na música Heitor Villa-Lobos.

Rebeca pergunta: o que esses intelectuais queriam?

Ada responde que queriam renovar o ambiente da arte e cultura de São Paulo, questionando a literatura, artes plásticas e visuais, música e arte indígena. Que exerciam a experimentação, liberdade criadora e ruptura com o passado. Que aquela semana influenciou o modernismo no Brasil e se tornou referência cultural do século 20. Avaliando as coincidências, Ada explicou que no início do Século 20, aconteceram movimentos artísticos modificadores na Europa, exemplo o Cubismo, Surrealismo e Modernismo, influenciando novos movimentos pelo mundo.

Rebeca: E como surgiu o modernismo no Brasil? Ada diz que o modernismo redescobriu uma identidade cultural do país. Ada aprendeu que ao final da década de 1920 o Brasil era parnasiano, atado à cultura europeia, e culturas que vieram a compor a nossa identidade. Apesar da Semana de Arte Moderna de 1922.

Esther complementa que Gonçalves Dias, em 1843, escreveu a belíssima poesia-símbolo do parnasianismo, ainda muito recitada na década de 1920. Que, exilado em Coimbra o poeta sentia e cantava saudades da terra natal. Lembrou duas estrofes da poesia símbolo do parnasianismo:

“Canção do Exílio”

*Minha terra tem palmeiras / Onde canta o Sabiá, / As
aves, que aqui gorjeiam, / Não gorjeiam como lá. / Nosso céu
tem mais estrelas, / Nossas várzeas têm mais flores, / Nossos
bosques têm mais vida, / Nossa vida mais amores.*

Aí descobrimos que em 1928, ressurgiu o modernista Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), revitalizando a Revista de Antropofagia, com este icônico poema:

“No Meio do Caminho”

*No meio do caminho tinha uma pedra / tinha uma pedra no
/ meio do caminho / tinha uma pedra / no meio do caminho
tinha uma pedra.*

Nunca me esquecerei desse acontecimento / na vida de minhas retinas tão fatigadas. / Nunca me esquecerei que no meio do caminho / tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho / no meio do caminho tinha uma pedra.

Para as irmãs, o poema levou o povo a pensar mais, manifestar uma nova identidade, reconquistando respeito no mundo, desde D. Pedro II, enfim se tornar moderno. Elas pensam que o Modernismo no Brasil começou com este poema de Drummond, e eu concordo.

Para elas, as pedras no caminho são as dificuldades na vida; dificuldades que Drummond poderia ter associado à perda de um filho e infortúnios menores. Que somos forçados a seguir em frente, apesar das dificuldades, ou pedras no caminho.

Esther pontua que Guimarães Rosa (1908-1967), chamava escrita pedregosa ao escrever com mais consoantes e menos vogais. Só um detalhe.

Agora Ada, Esther e Rebeca nos ensinam sobre o que consideram sinais modernistas em Goiás, desde “No Meio do Caminho” até os dias de hoje.

Ada diz que Tarsila, após Abaporu (1928), pintou “Operários” (1933), com 51 rostos que identificam os habitantes do Brasil, principalmente os que ajudaram a industrializar São Paulo. Que Goiânia foi fundada (1933), sob os ares e influências do modernismo, de “Abaporu”, de “Operários” e do Poema de Drummond. Esther acrescenta que os arquitetos de Goiânia (1933), liderados por Attilio Corrêa Lima, se inspiraram no modernismo da França, arquitetura Art Dèco (1910-1930), e no modernismo surgindo no Brasil (1928). Segundo ela, alguns projetos modernistas iniciais foram descaracterizados ao longo do tempo. Disse ainda que leu do antropólogo franco-belga Claude Lévi-Strauss, ao visitar Goiânia, que a cidade poderia ser mais humana, mais fiel à sua própria natureza.

Esther pontua ainda como modernistas o edifício-sede da

Assembleia Legislativa de Goiás (1960), pelos arquitetos Eurico Godoi e Elder Rocha Lima; o Cine Teatro Goiânia, estilo Art Dèco (1942), por Jorge Félix e Neddermeyer; as construções Art Dèco da Praça Cívica (1933) incluindo o Palácio das Esmeraldas; o monumento às Três Raças (1968), de Neusa Morais, sobre as etnias branca, negra e indígena que compuseram a base deste povo goiano. Mas Esther pergunta: onde estão, hoje, os índios? Não sabemos responder.

Ada explica que desde Tiradentes (1746-1792), e José Bonifácio (1763-1838), já se pensava transferir a capital do Brasil, para o interior. E que, em campanha, Juscelino Kubitschek encontrou em Jataí (1955), o cidadão Antônio Soares Neto. Toniquinho cobrou de JK o cumprimento da constituição. Esther reforça que o encontro resultou em Brasília (1960), um símbolo modernista da integração do país. Ela destaca a Catedral de Brasília e o Memorial JK como símbolos do modernismo Brasiliense.

As irmãs mencionam Siron Franco (1947-), artista universal, sempre em Goiás. E nós sempre visitamos, num trevo de Goianápolis, o moderno monumento ao Leandro (2006). Espessa chapa de metal sobre base, corte vazado com a silhueta do cantor, chapéu e guitarra. Para nós, a ausência do metal na chapa simboliza a comoção pela ausência de Leandro e ausências pessoais de quem observa. Quando nuvens e galhos se movimentam atrás da silhueta, Leandro se movimenta, revive. Os irmãos cantores criaram canções modernistas, falando da paz e do amor.

Esther considera o modernismo do clube Jaó, Arq. S. Bernardes (1962); o clube CEL da OAB (2003) e as novas instalações industriais do Arroz Cristal, Arq. Walter Garcia e Athos Rios (2000) - evolução na arquitetura do processamento industrial de alimentos; o ecológico Setor Jaó, implantado (1938) sob gestão do Eng. Tristão Fonseca e Magalhães Pinto, por prisioneiros de guerra alemães da Inglaterra; O Centro de Convenções de Goiânia, enxaimel, erigido

para apagar no inconsciente do povo o acidente do Césio 137; as pioneiras Usinas de Jaó e Rochedo; a BR-153; a integração aos Sistemas Elétrico Nacional e Nacional de Telecomunicações; o Projeto Macambira-Anicuns, preservando rio-mãe, afluentes e ciliares.

Ada ainda destaca o modernismo planejado do governo Mauro Borges; as marchas para o Oeste de JK e Geisel; as tentativas de demarcações de terras indígenas; a UFG, ETEG e a PUC-GO; o Teatro Escola Basileu França e o Centro Cultural Oscar Niemeyer; o escultor Veiga Vale, os artistas Gustav Ritter e Frei Nazareno Confaloni; a produção agropecuária e a Base Aérea de Anápolis.

Rebeca salienta o modernismo no saneamento básico, na indústria farmacêutica, os hospitais públicos e hospitais privados que se atualizam, bem como os bosques de Goiânia, gerando convivência e pertencimento comunitário, como nos ensina o israelense Bialik (1875-1943) na poesia “O Ninho”.

As irmãs destacam o poeta José Godoy Garcia se identificando com Drummond, Bandeira e Mário de Andrade; Maria Paula de Godoy, Rosarita Fleury, Nelly Alves Almeida, Cora Coralina, José Décio Filho, Afonso, Domingos e Maria Lúcia Félix de Souza; Marieta Telles Machado e um rol de talentos e ações modernistas, mercedores de nossa reverência.

Mas que tristeza, queridas, ver o moderno Projeto Macambira-Anicuns que não deslancha; os índios que ficam mais longes do moderno monumento às três raças e os modernos agrotóxicos que matam pessoas, abelhas e florestas.

Salve centenário da Semana de Arte Moderna, salve Carlos Drummond, salve povo do Brasil e de Goiás em particular, participe ou não de ações modernistas.

Gratidão pela força, queridas amigas Rebeca, Esther e Ada, sempre presentes na minha imaginação.

Cuidem-se bem, leitoras e leitores, ainda temos pandemia! Otimismo sempre!



O CONFRARIA 22

GERALDO ROCHA

O telefone tocou logo que eu acordei daquela pestana tradicional de depois do almoço. Olhei na tela quebrada do celular e apareceu a cara amarrotada do Bernardo, meu amigo do cafezinho do final do dia.

Pelo visto, ele também acabara de acordar.

Nos reuníamos, juntamente com outros companheiros, toda quinta-feira às 17:00 horas para jogar conversa fora. O encontro havia sido batizado com o nome de “café das cinco”. Na verdade, era uma mistura de gostos e o título era apenas simbólico. Alguns, como o Bernardo tomava chopp, outros como eu, degustava o café puro com a bolachinha recheada com chocolate. E tinha aqueles que tomavam conhaque, cachaça, e até chá de hortelã. Eu tinha largado o chopp porque não estava me fazendo bem.

Como de hábito, após as 18:00 horas eu pedia uma taça de vinho tinto para finalizar o encontro.

Atendi o telefone, já antevendo o Bernardo desfiando um rosário por eu ter faltado ao último encontro. Por incrível que pareça ele não mencionou a minha falta, entretanto, me deu uma notícia impactante.

– Você sabia que o Confraria 22 vai fechar? – me disse ele, assim que eu atendi.

Fiquei chocado com a notícia. O Confraria 22 era um daqueles lugares que se incorporam na paisagem, como aquelas igrejas barrocas, nas cidades históricas. Passam os séculos, atravessam gerações e estão sempre no mesmo lugar.

– Não sabia. O que aconteceu?

– Na semana passada você não foi ao nosso encontro. O Itamar relatou que a pandemia fez um estrago nas suas economias. Ele decidiu encerrar as atividades e mudar-se para uma chácara que ele tem em outra cidade.

– Que pena, cara. O Confraria 22 faz parte da história dessa cidade. E aquele negócio é a vida do Itamar. Quantos anos tem o Confraria 22, você sabe?

– Não sei, Paulinho. Mas acho que passa dos 50 anos. O Itamar é da terceira geração. O bar foi fundado pelo seu avô, passou para o pai e depois para ele.

Enquanto o Bernardo falava das conversas que tiveram na semana passada, quase todas girando em torno do fechamento do Confraria 22, fiquei pensando como os acontecimentos modificam a vida das pessoas e o desenvolvimento da sociedade.

Pelas minhas lembranças, já faziam mais de 20 anos que frequentávamos o Confraria 22. Localizado na rua 22, no centro da cidade, não tinha muito conforto e nem protocolos. As pessoas pediam o cafezinho no balcão, onde também recebiam o pão com manteiga ou o salgadinho preferido. Muitos comiam em pé. Alguns ficavam até do lado de fora, conversando e comendo na calçada.

Depois de algum tempo, o Sr. Alfredo, pai do Itamar, fez uma reforma e acrescentou várias mesas e cadeiras. Os garçons passaram a atender também do lado de fora do balcão. Alguns fregueses continuaram com o velho hábito de comer em pé, entretanto, para nós foi uma benção. Escolhemos logo uma mesa nos fundos do salão e lá ficamos nas nossas quintas-feiras.

Nossa prosa girava quase sempre em torno da política, dos costumes, ou de grandes acontecimentos na esfera mundial. Como a invenção de Santos Dumont mudou drasticamente a mobilidade e o intercâmbio entre os países. A revolução francesa e sua influência sobre as relações de trabalho, a abolição da escravidão e a liberdade para os negros. E até como Napoleão inferiu na vida dos brasileiros era tema de nossas conversas.

– Não fosse a iminente invasão a Portugal, a família imperial não teria aportado por essas bandas. E talvez o destino do nosso país teria tomado outra dimensão. O fato de a corte portuguesa ser obrigada a fugir para o Brasil, acelerou em mui-

to o desenvolvimento e a cultura do povo brasileiro – dizia o Waldemar, um professor de história aposentado.

Entre nossos parceiros, que alegravam as tardes de quinta-feira, existiam pessoas bastante cultas, a maioria aposentados. Uns haviam sido professores universitários, outros médicos e tinha até ex-deputados. Dois deles eram escritores. Alguns, como era o meu caso, ainda tocava os negócios, razão porque às vezes tinha que me ausentar.

O Confraria ficou bastante tempo fechado devido à pandemia. Falávamos ao telefone toda quinta-feira para manter acesa a chama do nosso encontro. Quando o Itamar nos avisou que iria reabrir ficamos eufóricos.

Chegamos bem antes da cinco, e o assunto predominante foi o Covid 19. Cada um queria falar das experiências que tiveram, nem sempre boas. Foi um desabafo geral.

– *Estamos vivos, não estamos? Isso é o mais importante e temos que celebrar* – eu provoquei.

Todos riram e fizemos um brinde à vida e à saúde de todos. O Itamar observava o movimento de longe, pois não queria se ausentar da mesa e perder a conversa.

Quando o Jorge falou que em fevereiro seria comemorado o centenário da Semana de Arte Moderna, ele lembrou que o seu avô havia nascido em 1922, e ficamos sabendo que o sobrenome do bar era uma dupla homenagem: pelo nascimento de seu avô e pela Semana de Arte Moderna de 1922.

Ficamos surpresos e não tive constrangimento de falar:

– Confesso que também conheço pouco sobre esse assunto. O que sei, são notas que li em jornais. Jorge, você poderia nos dar um panorama da influência desse acontecimento na vida cultural brasileira? – propus, sem constrangimento.

O Jorge, além de escritor, era uma pessoa muito culta. Navegava bem por todos os assuntos e não se fez de rogado.

– A Semana de Arte Moderna foi um marco para a arte

e a cultura brasileira. Assim como fatos marcantes impactaram outras sociedades, é fato que esse movimento mudou os rumos da nossa cultura.

– Jorge, desculpe a minha ignorância, mas o que provocou esse acontecimento? O que eles queriam demonstrar? – perguntei.

– Na verdade, existem muitas opiniões. Uns dizem que o movimento queria romper com as tradições e o formalismo que dominavam as manifestações culturais da época. Em todos os segmentos, mas principalmente nas artes visuais, na arquitetura e na literatura. Outros defendem que os vanguardistas nacionais queriam introduzir um quê de brasilidade nos modelos importados da Europa. Eu, particularmente, acredito que o movimento fez parte de uma evolução natural da nossa sociedade.

– Como assim, uma evolução natural. Pode ser mais específico? – insisti.

– O artista é um ser inconformado por natureza. Ele está sempre em busca do novo. Acredito que o movimento foi o reflexo da visão daqueles artistas. Mesmo sem a Semana de Arte Moderna, eles já estavam à frente do seu tempo. Romper com a forma tradicional da arte que se produzia na época na Europa era o caminho natural. A Semana foi o marco temporal que precisava para isso acontecer.

– Então, poderíamos dizer que acontecimentos marcantes para a humanidade tiveram suas origens na insatisfação dos agentes transformadores?

– Eu acredito que sim. Não houvesse pessoas à frente do seu tempo, não teríamos abolido a escravidão, não haveria a revolução industrial, ou a instituição da democracia. Precisa existir pessoas inconformadas com o jeito que as coisas estão sendo feitas para que as mudanças aconteçam.

– Interessante. Não havia pensado dessa forma. Você não deixa de ter razão. E quais foram os artistas que lideraram esse movimento?

– Como disse, o movimento vinha sendo gestado há algum

tempo. Dez anos antes do evento, muitos escritores, artistas e músicos se posicionavam individualmente sobre os novos ventos que se avizinhavam. Alguns deles, como os escritores Graça Aranha, Mário e Oswald de Andrade, pintores como Anita Malfatti, Di Cavalcante, músicos como Vila Lobos lideraram os acontecimentos daquela semana. Mas houveram muitos outros. Até a nossa Cora Coralina teve atuação relevante nesse fato.

– E como foi a recepção do público. Como o movimento foi avaliado? – perguntou o Bernardo.

– Para os tradicionalistas foi um choque. A elite brasileira era muito ligada à forma de arte produzida na Europa. Alias, a maioria dos artistas brasileiros, mesmo aqueles que lideravam o movimento, tinham como base de sua formação a escola europeia. Entretanto, eles tinham uma visão modernizadora e isso foi apresentado na Semana de Arte Moderna. Após o choque inicial, o movimento ganhou corpo e se consolidou.

– E o que ocorreu no pós-movimento? – perguntei, bastante interessado no assunto.

– A repercussão no eixo Rio São Paulo foi imediata. Devagar e consistentemente isso foi se espalhando pelo Brasil e a arte nunca mais foi a mesma. Na literatura, na música, na arquitetura, na pintura, a criatividade e a inovação do artista brasileiro se materializaram.

– Goiás foi influenciado pelo movimento, Jorge? – perguntou nosso colega Afrânio, um psicólogo que nos aconselhava sempre que tínhamos dúvidas existenciais.

– Aqui, como nos outros lugares, fora do eixo Rio São Paulo, a influência foi periférica. Mas serviu para expor as ideias dos modernistas locais. Como disse, Cora Coralina, mesmo sem ainda ter publicado, correspondia com alguns escritores daquela época. Houve também a Leodegária de Jesus, a primeira poetisa negra de Goiás, que acompanhava o movimento e refletiu as ideias vanguardistas por aqui.

Foi uma boa conversa naquele dia. Como tantas outras

que tivemos sobre diversos assuntos. De repente, percebi que ainda estava ao telefone com o Bernardo. Meu devaneio havia durado poucos segundos e ele nem havia percebido.

– Ah sim, vamos encontrar a turma mais tarde – respondi, quando ele perguntou se eu iria ao bar.

– O Confraria vai fechar no dia 22 de fevereiro. A data final foi uma sugestão do Jorge, para homenagear o centenário da Semana de Arte Moderna. Ele vai levar alguns livros para presentear os amigos. E fará uma palestra sobre o assunto – informou o Bernardo.

– O Jorge é um cara muito sábio. Com certeza será muito produtivo.

Às 17:00 horas cheguei ao Confraria 22. Logo que entrei senti aquela atmosfera de velório. O “sejam bem-vindos” dos garçons reverberou de forma diferente nos meus ouvidos. E quando o Itamar veio me cumprimentar, eu quase marejei os olhos.

As fotos na parede, que antes eu achava bacana, tive a impressão que estavam desbotadas. Uma especialmente me chamou atenção. Era uma foto de jornal com moldura de madeira e tampo de vidro onde se lia no rodapé: comissão organizadora da Semana de Arte Moderna. Entre os nomes listados, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Mário de Andrade. Eu nunca havia notado essa foto, e se me perguntassem não saberia quem eram aquelas pessoas. Entretanto, para Sr, Alfredo e o Itamar tinha um significado especial.

A nostalgia permeou nossa tarde. Não falamos do fechamento, mas no meu coração a saudade já estava batendo forte. Com certeza, alguém abrisse outro negócio no local. Poderia ser um bar, uma lanchonete, seja lá o que fosse, não seria mais o Confraria 22.

Restariam as lembranças dos bons papos das tardes de quinta-feira. No último dia de funcionamento do Confraria, teríamos uma bela palestra do Jorge sobre o centenário da Semana de Arte Moderna de 22. Com certeza, aprenderíamos um pouco mais sobre a importância de preservar os fatos marcantes para a consolidação de nossa existência.



ESSA VONTADE QUE DÁ DE COMER GENTE

HÉLVERTON BAIANO

Quando dava vontade de comer gente, de corpo e alma, para amenizar os devoramentos intempestivos de uma vida sem sal e doce, certinha ao extremo, Oswald de Andrade, que nascera junto com a República brasileira, se transformava no índio Ibirá Xchucuri. Na maioria das vezes, comia que lambia os beiços, outras, como quando comeu um poeta desenxabido, cinco minutos depois estava vomitando o calhamaço de gente, porque o comida não era só o corpo, vinham espírito, alma e sentimento juntos. O corpo em si era comida pelo puro prazer antropofágico e às vezes até sexual de estar deliberadamente comendo gente, sentindo a carne quente, úmida e doce. Gosto da comida ancestral indígena. No mais das vezes, quando comia uma mulher, dava em poesia, brotavam versos de uma brasilidade insidiosa, que refletiam o jeito de ser do brasileiro e que transmutavam no que a gente se acostumou a ler dele e que era o Brasil autêntico.

Poeta ao extremo, Oswald vivia mulherengando e foi uma dessas mulheres, Tarsila do Amaral, que sacudiu os dentes e o comeu, gerando uma das obras de arte mais interessantes do imaginário artístico brasileiro, o Abaporu, que traduziu essa imagem do comedor de gente. Essa farrá de comer uns aos outros virou uma febre, que na verdade não esquentava a temperatura e nem causava mal-estar, e lembrou nosso ancestral Tupi, que guerreava para se comer e se fortalecer. O banquete do Bispo Sardinha, passado no papo pelos Caetés, deu vazão a que Oswald aprimorasse a insurreição degustativa, comendo gente sem compromisso com o Brasil e burilando seu Manifesto Antropofágico, que deu sustentação teórica a esse berimbelo de escrever e retratar o país pela voz do seu povo.

Ô, Seo Ibirá Xchucrí, a mode que o poeta come gente?, ouviu-se do ermo, na voz do querer e do saber.

É mode isso aqui assim ficá mió, apois, respondeu o poeta, enquanto deglutia uma digníssima que já nessa hora virava um relicário:

Farinha de Suruí

Pinga de Parati

Fumo de Baependi

É comê bebê pitá e caí.

Quando passou a comer homem, surgiram peças de teatro e livros de prosa. Era fácil ser amigo de Oswald de Andrade, difícil era continuar vivo depois. Quem sabia, vivia se desviando para não virar petisco. Seus amigos perderam a conta de quanta gente ele traçou. Era um tal de sumir gente e surgir poema, conto, romance, peça, sumirem as gentes e virarem, poemas, contos, romances, peças. Foi essa comilança que levou Mário de Andrade a romper relações. Oswald sofreu muito com isso, deu indigestão, parou de comer gente e quis porque quis refazer a amizade, mas Mário foi irredutível.

A amizade entre os dois degingolou, a ponto de Oswald ameaçar parar de virar Ibirá Xchucrí, comedor de gente, e mandou recados, tentou contatos, escreveu cartas, bilhetes e foi diretamente conversar com Mário, fez carinho, foi satírico como lhe apetecia, irônico a não perder de vista e também usou nessa empreitada os préstimos de Tarsila, Pagu, Menotti Del Picchia, Heitor Villa-Lobos, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Guilherme de Almeida e outros nomes da turma idealizadora e realizadora da Semana de Arte Moderna de 1922.

Mário fincou pé, ficou irredutível e mandou desaforos cheios de calundus, condenando essa mania de Oswald de continuar comendo gente na produção de seus escritos. Alguns diziam que, no fundo, Mário tinha medo que Oswald fosse pego no flagra e colocasse a perder todo o movimento, com

intervenção policial, processos e o raio que partisse a Semana e seus ideais. Na verdade, não era motivo pra briga, mas vá dizer isso a intelectuais, ainda mais iguais a Mário, sisudos. No entanto, ninguém, em sã consciência esperaria uma atitude dessa de um cara que criou Macunaíma, um herói dos mais esculhambados. Era nisso que se apegava Oswald, tendo elogiado, incensado e se quedado a Macunaíma, querendo ele ter comido alguém e que desse nessa obra. “Era brincadeira, viu Mário?”, Oswald reparou depois, mas de nada adiantou, mesmo ele perdendo-se em elogios à obra do herói de Mário e do Brasil.

Oswald esmerou-se ainda construindo o Manifesto da Poesia Pau Brasil, que era uma forma menos refratária de comer gente e fazer o que demandava ser a verdadeira poesia brasileira, com a estética de um país devotado aos seus, pelos seus e esbagaçando as influências dos de fora. Fez-se uma fogueira de pau Brasil para saber que nossa batata estava assando e a poesia não se desmilinguia.

Por isso mesmo disse que aprendeu com seu filho de dez anos:

“Que a poesia é a descoberta

Das coisas que eu nunca vi”.

É a poeisa, então, um dogma, que para acreditar nele precisamos comer gente?, chegaram a atacar. Não apenas porque muita gente estava sendo comida, o que não faltou foi manifesto contra e a favor, mas muito maiores foram os manifestos inconcebidos de tanta gente que precisava ser comida e não foi. “Seriam melhores poesias do que gente”, Oswald pensava.

A lei e a cadeia não amedrontavam Oswald no seu propósito, mas ele por decisão própria resolveu parar de comer gente, também por exigência dos delegados que ficaram em seu encalço. Para acalmar Mário e a justiça, ele passou a só comer gente na imaginação ficcional. Virou um Ibirá Xchucrí virtual.

Apois, com isso, muita gente foi comida e nem soube.



O PEDIDO DE ESCUSAS DE CORA CORALINA

IRAIDES BARBOSA

Confirmo o recebimento do convite para o FESTIVAL DA SEMANA DE ARTE MODERNA, ilustrado por Di Cavalcanti. O meu coração bateu forte num peito sonhador. Vi-me no saguão do Theatro Municipal paulista, declamando versos singelos, retratando os becos e a vida de gente simples. Contudo, encontrei impedimentos intransponíveis. Peço escusas. Vejo-me reclusa numa lesão que assola o ventre que chora o seu fruto. Tenho em mim um grito que percebo ecoar, bulindo em mim, paralisando a minha caligrafia. Vejo-me rebuçada do temor da despedida do que descende de mim.

Tenho comigo alguns versos que repito diuturnamente e que me alegraria declamar em tão importante evento: *Dai, Senhor, que minha humildade seja como a chuva desejada caindo mansa, longa noite escura numa terra sedenta e num telhado velho. Que eu possa agradecer a Vós, minha cama estreita, minhas coisinhas pobres, minha casa de chão, pedras e tábuas remontadas. E ter sempre um feixe de lenha debaixo do meu fogão de taipa, e acender, eu mesma, o fogo alegre da minha casa na manhã de um novo dia que começa.* São composições simples. Decifro as palavras no tacho fervente no fogão de taipa, nas pedras e nas tarefas do dia, que teimo em revestir de poesia. Esforço-me por revelar o belo e o singelo do cotidiano arrastado, que se apresenta, na maioria das vezes, camuflado, mas que grita por todos os poros reclamando pela revelação.

Escrevo à noite, após acudir as tarefas, especialmente com as crianças. Desprovida de muitos recursos, a minha obra

é tímida, praticamente uma conversa de comadre. Três anos na escola não me permitiram um estudo pormenorizado, razão pela qual não me apego à estética da arte acadêmica, ao contrário, me inclino ao vocabulário formado por meus passos em ladeiras que percorro com desejo de apreender os ensinamentos da vida. *Ajuntei todas as pedras que vieram sobre mim. Levantei uma escada muito alta e no alto subi. Teci um tapete floreado e no sonho me perdi. Uma estrada, um leito, uma casa, um companheiro. Tudo de pedra. Tenho em mim O cântico da terra.*

Tenho exercitado o doce sabor da leveza, com o compromisso apenas de permitir fluir o que se apresenta aos meus olhos atentos. A minha contribuição seria infantil, própria de quem apenas observa ao redor com olhos de muito ver, as mãos encardidas, sujas de melado, estendidas e acenando para dias melhores. Admito que não seria muito.

Por certo, os autores que admiro como o irreverente Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida que sugere revelar o Brasil pela poesia e **Graça Aranha**, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, que, coincidentemente, comemora neste ano as suas bodas de prata, representarão com maestria a ânsia de todos que debruçam em suas escrivatinhas. Encantar-me-ia conhecer ainda Plínio Salgado, Menotti Del Picchia e Guilherme de Almeida. Cada um com o seu talento admirável.

Não estarei presente nesse evento nascedouro da liberdade para a criação e toda a forma de expressão artística, que não pode ser aprisionada. Tenho admiração e tendência para a escrita livre de métrica, desnuda de formalismo. O singelo e harmônico me apetece.

Que o acontecimento atinja o seu objetivo com a renovação do ambiente artístico-cultural e consolide a informalidade, o improviso e a liberdade de produção. Temos, no atual cenário, obras genuínas e autenticamente brasileiras, a exemplo do esti-

lo inovador e marcante do jovem Mário de Andrade que, em seu primeiro livro, reflete a sociedade contemporânea e revela uma inquietação própria de todos nós. Passei a conhecer a sua obra com a minha vinda para o estado de São Paulo. Li com admiração o poema “Há uma gota de sangue em cada poema”. *Assim como há resquício de barro, nas estradas asfaltadas e ruínas, pelo impacto das guerras e catástrofes, há em cada poema uma lágrima; Assim como ecoam aplausos e vaias, da grande semana! Onde sobra pedaços mastigados na antropofagia, Mário não desperdiçaria uma ideia sem que esfacelasse fontes, rituais e oferendas. Há uma gota de suor em cada letra; e em cada verso um gozo de dor, por que sempre a dor do poeta? Simples... É exatamente aí que sucumbi as mágoas de exprimir pelo dom; E despedir a força vital paulatinamente... Mas há de deixar cada poeta, em cada página seca, a ata boêmia, ideia difusa e sua vida latente!*

De onde eu vim, o meu querido estado de Goiás, convivi com Hugo de Carvalho Ramos, nascido também em Vila Boa, assim como eu, que nos deixou precocemente em 1921, deixando um importante legado: o livro *Tropas e boiadas*. Em sua obra, ele retratou histórias do regionalismo brasileiro que apresentam em detalhes o cotidiano, tal como ocorreu na sociedade goiana, valorizando igualmente a autenticidade.

Com o aflorar de um estilo mais solto, não nos deixemos bloquear com as imposições do Parnasianismo que tanto nos ensinou, mas que reclama por renovação e liberdade. Em terras novas, repletas de criatividade e talentos natos, a literatura e a arte em geral, não podem se deixar castrar. Não desperdicemos uma ideia, conforme nos ensina Mário de Andrade. “Semeador da Parábola. Lancei a boa semente...”. Assim, vejo o festival, uma boa ideia que trará bons frutos. Comemoremos o centenário da Independência, sabendo que a Semana de Arte Moderna também será comemorada no futuro.



À SOMBRA DE LIMA BARRETO

ITANEY CAMPOS

À mesa do jantar, em sua espaçosa casa, no tranquilo bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro, no começo do século XX, cercado por sua numerosa família, o velho e consagrado escritor, que acabara de dar a público o seu vigésimo romance, esbravejava:

“Era só o que me faltava! Esse pernóstico Lima Barreto me elegeu para Cristo! Como se não lhe bastasse escorraçar o meu estilo, tem que apedrejar-me, pintar-me como escritor das elites; não se satisfaz em demolir a obra, tem de demonizar o autor. Um invejoso, e sem razão para tanto! Seus romances repercutiram muito bem na imprensa carioca. E também junto aos escritores mais respeitáveis. Veja-se o que dele comentou o Machado, o Lúcio e o Graça. E isso apesar de notar-se em seus contos um certo desapeço ao vernáculo! Sua única atenuante, se as há, é que parece não bater muito bem da cachola. O seu Diário do Hospício já indica, pelo título, a neurastenia que o ameaça. A bem da verdade, um alienado, que não cultua a língua mater!

Nesse ponto, foi interrompido pela esposa, preocupada com a exaltação do marido:

– Acalma-te, Henrique, pelo amor de Deus! Vais ter um ataque apoplético! E poupa as crianças, que nada compreendem dessas desavenças literárias. Escritores parecem ter caprichos de crianças. Por coisas insignificantes entram em mal querenças! Uma vírgula, uma nota, uma palavra pode desencadear um incêndio! Sossega, meu esposo, as críticas desse mulato sem eira nem beira passarão como passam as chuvas de verão...

O velho escritor, no entanto, parecendo ignorar as ponderações da mulher, mantinha o cenho franzido, denotando preocupação, e retomava suas lamúrias, acrescentando em tom exaltado:

– As coisas não são tão simples assim! No Brasil, destroem-se em algumas horas reputações construídas ao longo de décadas. Basta ver o que andam fazendo com o velho Alencar. Mal se foi desta para melhor, começou a malhação. Não bastasse o menosprezo ao romancista, deram de desbançar o renhido político, taxando-o de conservador e irascível. O político era um monarquista? Era, mas e daí? Ora, diabos, o imperador já deu às de vila de Diogo, está no ostracismo, e instaurou-se a República. Respeitemos a memória dos mortos, e a pena criativa do autor de Iracema. Quanto a mim, já estou pondo as barbas, ou melhor, os bigodes, de molho, Maria! Notícias nada alvissareiras emanam das terras dos bandeirantes. Um grupo de iconoclasta vem preconizando o abandono das tradições camonianas e dos bons hábitos cristãos. E a finesse que nos ensinaram os franceses... Infelizmente!... Que tempos! Vá se entender a alma humana!

A esposa retrucou:

– Mas, homem, não eras tu que te dizias abolicionista e republicano? Por que te lamentas agora, a criticar as mudanças, a renovação dos costumes?

Confrontado com a sua aparente incoerência, o romancista, em tom irado, cortou bruscamente a mulher: “Não, senhora, não confundas as coisas! Renovação não significa anarquia. E nem se pode dizer que essa balbúrdia que se instalou seja a República que sonhávamos. Como disse Machado, a sereníssima república tornou-se um valhacouto de leis encomendadas, as quais, belas na teoria, revelam-se podres na prática...”

A tranquila Maria Gabriela entendeu que objetar ao mari-

do ou chamá-lo à reflexão era torná-lo mais irascível. Resolveu retomar a conversa prosaica, mais saudável, nas circunstâncias.

– Tens razão, meu esposo, são tempos turbulentos, mas voltemos ao jantar, Henrique Coelho, o teu prato esfria! E está soberbo esse surubim ao molho de hortelã preparado pela Cândida, essa cozinheira foi um verdadeiro presente dos deuses. E quem te indicou foi o Bilac, lembra?

A mulher mudava novamente de assunto, buscando desanuviar o clima.

Nesse mesmo instante, ou poucos momentos depois, a 430 quilômetros dali, no Bar Rutli, ponto de encontro de intelectuais paulistas, na rua Barão de Itapetininga, na cidade de São Paulo, o nome do escritor Henrique Coelho Neto era um dos mais citados, na espalhafatosa roda de conversas, animada por várias doses de absinto, um coquetel com mais de 80% de teor alcoólico. Em duas mesas, próximas uma da outra, afogavam-se em bebidas e opiniões, os poetas Oswald e Mário de Andrade, a pintora Anita Malfati, o jornalista Menotti del Picchia, também poeta, o pintor comunista Di Cavalcanti, o diplomata Graça Aranha e o contista e romancista Lima Barreto. Este último, sob a láurea dos elogios pelo lançamento do último livro, “Histórias e Sonhos”, e o estímulo das várias doses de conhaque, bradava: “A literatura brasileira está enredada em teias de aranha! Urge que a renovemos, liberando-a do formalismo parnasiano! Basta de rococós! Esse incensado Coelho Neto, tido como nosso maior escritor, é um contemplativo, magnetizado pelo Flaubert de Madame Bovary. É a figura mais nefasta que tem aparecido no nosso meio intelectual. Só se preocupa com o estilo, com o vocabulário, ignorando as questões sociais, políticas e morais que permeiam nosso tempo. Um anacrônico, eis a verdade, meus amigos!”

A contundente crítica de Lima Barreto à obra literária de

Coelho Neto chamou a atenção de todos os seus companheiros de mesa. Afinal, tratava-se o veterano escritor de um dos integrantes do grupo fundador da Academia Brasileira de Letras, fora próximo de Machado de Assis, Lúcio Mendonça e Joaquim Nabuco, elite da intelectualidade carioca. Mas a voz do absinto e do conhaque estimulava o grupo, se é que precisavam eles de estímulo externo. Oswald de Andrade, observando a indignação de Barreto, pensava: Fora ele menos furioso e mais irônico, seria digno da minha maior admiração. O polímata Mário de Andrade, por sua vez, concluía, com seus botões, fora o Lima Barreto menos político, realçaria o seu perfil intelectual. Sua origem humilde é um galardão. Uma figura de efetivo extrato popular. Anita teve vontade de convidar o mulato carioca para posar para um retrato a óleo. Di Cavalcante, pintor de mulatas, olhava admirado para Barreto e pensava: para um descendente de escravo, ele é bem audacioso. Tarsila ouvia com atenção, mas preocupou-se com o olhar injetado do interlocutor. Um sujeito de alta tensão, concluía. Nesse passo, Oswald atalhou a fala de Lima Barreto, tomando a palavra:

— Precisamos sim, caro Lima Barreto, romper com essa velharia, essas formas fixas, essa prosa insípida e formal. Cumpre-nos fazer a crítica dos valores da burguesia nacional e divulgar as aspirações da massa trabalhadora. Sugiro que se elabore um manifesto, proclamando nosso vínculo com os ideais das camadas populares, com a linguagem do povo e a liberdade de criação, em todas os setores de arte. Vou escrever um manifesto e publicar no Diário Popular. O ideal é fundarmos uma revista literária e política, para propagarmos as novas ideias e conceitos de estética moderna. A mudança social pode ter início pelas artes. Proponho a realização de uma exposição de arte moderna. Tenho amigos influentes, e a nossa mostra poderá ter lugar no Teatro Municipal de São Paulo! Vamos valorizar as tradições nacionais,

o socialismo, a classe trabalhadora, o português falado no Brasil!

Mário de Andrade aplaudiu com entusiasmo e secundou Oswald, no mesmo tom. Di Cavalcanti pediu um viva ao Partido Comunista do Brasil! Sessenta dias depois realizou-se o evento litero-artístico no glamoroso Teatro da capital paulista. A cidade se transformava, então, no início do século, em um importante centro industrial e financeiro. No dia seguinte à Mostra e no curso da semana, a imprensa paulista festejou e incentivou o movimento, mas atribuiu à burguesia paulista a iniciativa de renovação dos métodos e estilos nas artes, com fartos elogios à elite intelectual e à aristocracia cafeeira, grande incentivadora da liderança paulista nas artes. Enquanto isso, no Rio de Janeiro, vítima de pertinaz neurastenia, Lima Barreto agonizava, esquecido, em uma clínica para alienados. Coelho Neto, titular da Cadeira nº 2 da Academia Brasileira de Letras, foi, nada obstante, proscrito da literatura nacional. De sua monumental obra, composta de mais de uma centena de romances, restaram apenas, na memória popular, dois versos: *“Ser mãe é desdobrar fibra por fibra, o coração... Ser mãe é andar chorando num sorriso/ ser mãe é padecer no paraíso.”*



QUIXOTE NO PARANAÍBA

JOSÉ M. UMBELINO FILHO

Foi Firmino Mascate quem trouxe, no meio das coisas todas, um exemplar já puído de *O Jatahy* e deixou sobre a mesa da varanda, com displicência calculada, querendo muito que o seu Deodato olhasse. Seu Deodato nem olhou; passou batendo botina de um lado para outro, no seu gingado de velho cavaleiro, interessado como estava pelo sal e pelo sebo de porco que já faltavam nas reservas. Devido às chuvas e à cheia dos rios, a rotagem de mascates se prejudicara naquele início de ano, e o velho queria só ter olhos para os mantimentos. Digo queria só ter e não só tinha olhos, porque também ele, com calculada displicência, perguntara ao final da visita: “Quanto lhe devo pelo papel, seu Firmino?” – e com isso demonstrava ter, sim, espiado a folhinha na mesa da varanda. “Deve nada, seu Deodato. Aquilo é pra o senhor aventar um pouco as ideias. Saber do que se passa no mundo.”, respondeu o mascate, botando o chapelão engraçado na cabeça e rumando sítio afora. A cachorrada latiu em despedida, seu Deodato foi arrumar o que fazer e o jornal caiu nas mãos do Gentil, que lia bem, era metido a poeta, tinha mão lisa de princesa e se achava francês. Mais tarde, antes do sol se pôr, a família se reuniu perto do fogão e o seu Deodato disse: “Lê aí as notícias do mundo, genro.” Era seu melhor momento, e o Gentil não se rogava. Sentado muito ereto ante a luz do fogo, bigodinho afilado de gavião, fez questão redobrada de empertigar a voz, caprichar na curvatura dos erres e eles, acentuar exoticamente a tônica das oxítonas, meio ao modelo francês que um dia escutara de alguém importante na capital. Leu as notícias bolorentas como se declamasse um de seus poemas inéditos. De noite, já na cama, não podia dormir. A Maria perguntou: “O que houve, homem?” “Maria, você não ouviu a notícia?” “Dos Caiado?” “Não, meu bem, de São Paulo.” “O que tem

São Paulo?" "A revolução!" "Que diabo de revolução? Ah, você fala dos poetas." "Uma revolução modernizante da nossa cultura. Finalmente o Brasil entra no mundo moderno, e entra bem, entra para não sair mais. Viu que linda a gravura da Semana da Arte Moderna? Viu que revolucionária, que aventada, que futurística? Talvez lá eu encontre quem entenda meus versos, quem tenha a cabeça mais arejada que esses parnasianos da província, esses retrógrados que criam boi mas só falam de ovelhas e pastores e das ninfas gregas, e ficam rimando versos ao invés da aventura bela que é a liberdade de métrica, a onomatopeia, o antiformalismo! Esses sonetistas cheirando a bolor e cornos de boi!" "Papai cria boi." "Não me refiro ao seu Deodato, meu bem, mas aos poetinhas dessa província. Essa penca que despreza os últimos trabalhos de Leo Lynce porque não entende nada. Maria, eu preciso ir à Semana de Arte Moderna. Se sair agora, chego lá. Bendito Firmino que não demorou na cheia do rio, aquele turco esperto, contornou pela Santa Bernadete e chegou aqui em bom tempo com a boa nova!" "Você quer chegar em São Paulo nessa época de chuva? Que ideia, Gentil. Que ideia!" "Vou na cidade e de lá pego transporte. Quem sabe no trem não me dão uma beirada?" "Mas homem, você está marcado lá em Santa Rita. Mercado para morrer! Nem pode pôr os pés na rua direita que o Salomão te mata duas vezes; a alma primeiro, o corpo depois. Mata até sua sombra, e aí caem vocês três, corpo, alma e sombra, na mesma poça da vergonha. Não te deixo chegar nem perto da cidade." "Ai, diabos. Aquele bruto. Por conta de um versinho de nada, Maria." "Um versinho horroroso, isso sim. Como que você fala aquelas coisas, ai ai ai, nem gosto de repetir. Jesus não perdoaria. Salomão Jardim, que sempre foi mais pra Herodes que pra Cristo, menos ainda." " Falei a verdade, e falei com verve, como Gregório de Matos. Sou o Boca do Inferno desse lado do Paranaíba. Ele que me respondesse com versos, e não com tiros. Selvagem. Mas enfim, Maria, vou a cavalo. É possível chegar lá para os meados de fevereiro, ainda em tempo, não vê? Se chego até dia 15, ainda estou em tempo." "Mas nem o caminho você sabe direito. Nunca foi mais longe que Nossa Senhora d'Abadia. Como vai atravessar o Paranaíba sem ser pela cidade?" E mais Maria não pôde argumentar,

porque Gentil estava decidido. No outro dia, cedinho, engordou o em-bornal, dilapidou a despensa do sogro de linguiça na banha, farinha e carne de sol, encheu-se de matulas, prometeu umas benesses para que o Tônico o acompanhasse num burrico, fazendo às vezes de Sancho Pança caboclo e descrente, e montou o bom baio de meia pataca que tinha, e que chamava Derradeiro. Juntos, Gentil e Tônico, Derradeiro e o burrico, pegaram a estradinha serpenteadeira que ladeava o Sossegado e miraram o sul, na direção do Paranaíba, onde haveriam de achar um bom cristão que os atravessasse, se assim quisessem Deus, Nossa Senhora e, mais fervorosamente, São João da Cruz, padroeiro dos poetas e dos simbolistas. De lá, Minas Gerais. Talvez conseguissem transporte em Uberaba; pegassem o trem, ou até automóvel, talvez por rio, qualquer caminho que descesse até São Paulo, de onde Mário, Oswald e Tarsila espraiavam a Modernidade. Quicá, sonhava Gentil, espraiassem-na com tanta velocidade, nas asas fumegante da indústria, e com tanta diligência, nas rodas mecânicas do futuro, que a própria Modernidade os encontrasse antes, no meio do caminho, porque era certo que ela vinha – vinha com tudo – para tomar o Brasil inteiro. “Se não nos apressamos, Tônico, é capaz da Modernidade chegar a Goiás antes de nós chegarmos a São Paulo! Adiante! Adiante!” ele gritava. Tônico ensimesmava atrás do pito, porque não tinha mesmo o que responder, analfabeto que era, parnasiano que nem sabia ser, e preocupado que estava com a trilha quase desaparecida no cerradão, as nuvens pretas e gordas pastando no céu e os mosquitos, os muitos mosquitos. Mas as palavras esperançosas de Gentil não calavam no vazio, não caíam desacreditadas pelo caminho, pois o burrico, ele próprio poeta e modernista, respondia sempre com zurros vitoriosos, sem nenhum formalismo.

Só que encontraram o grande rio bem antes do previsto. Isso porque a chuva estava plena e o Paranaíba engolira seus próprios beijos, abrindo-se para dentro do mato. Por sorte, acharam o acampamento de um ribeirinho que sabia passar o barco, e ele havia dito: “Amanhã, ou depois de amanhã, ou depois de depois de amanhã, três dias no máximo, não mais nem menos, dá passagem. Temos só que esperar a chuva. O rio ficou mais

largo, mas não está perigoso não.” Chovia muito. Gentil e Tónico se espremiavam numa tapera junto do ribeirão e de mais dois mascates, ou bandoleiros, difícil dizer, que aguardavam também para a travessia. Era dia ainda, mas escuro e cabisbaixo, e o mato parecia choramingar de saudade. Os mascates, talvez comovidos pelo cinza do céu, pela solidão do cerrado, pelo coaxar dos sapos, sacaram suas violas e cantaram uma moda triste:

Me pus a chorar saudade / no quintal de uma tapera. / Responderam as paredes / De uma ingrata é o que se espera / Eu fui para a beira do rio / para ver a água correr / para ver como é tão triste / o querer e não poder

E mais tarde, como o dia parecia responder ao canto, a chuva se envergonhasse da tristeza que causava, e um solzinho mequetrefe surgisse pelo meio das nuvens, os dois se tornaram mais atrevidos:

Eu tratei um casamento / Com a filha do fazendeiro / “Mas meu pai eu não me caso / Com moço tão sem dinheiro” / A moça falou tão franca / E pegou logo a dizer / Que eu era mocinho novo / Também não sabia ler / Eu tive que então sair / Lá de casa nesta mente / A moça me envergonhou / No meio de tanta gente / Eu não vivo só por dinheiro / Nem também por saber ler / Eu vivo só por viver / E morrerei por morrer

O ribeirão desempacou umas pingas e todos deram a beber. Então os dois violeiros se esqueceram das caboclas, das morenas e das galegas, e cada homem naquela tapera se lembrou que um dia foi rei de quermesse, príncipe da catira, senhor das chinas e das arábias. Até Tónico, que sempre ressabiava por ser menino novo, criado de casa, índio, e já banguela de tanto pitar, soltou a vozinha de taquara rachada, abraçado à cuia. Mesmo o burrico e o Derradeiro, e o resto da animália, que se molhavam sem reclamar no quintal, murmuravam a melodia:

Quem mais pouco bebe é o sacristão / Se chega na venda / Em-

penha o botão / Quem mais pouco bebe é o seu vigário / Se chega na venda / Empenha o rosário / Quem mais pouco bebe é a moça bonita / Se chega na venda / Empenha uma fita / Quem mais pouco bebe é a mulher casada / Se chega na venda / Está relaxada / Gentil, de peito cheio e quente, movido pelo álcool e pelo espírito de São João da Cruz, pediu licença para declamar um de seus poemas, o que os demais aceitaram aos brados de camaradagem. Ele se empertigou, como de praxe, puxando a memória de seus erros e eles, de suas oxítonas francesas, e explicou que os camaradas ouviriam uns versinhos inéditos, que ele apresentaria em breve no Theatro Municipal de São Paulo, na Semana de Arte Moderna, para o embaçamento da paulistada e introdução da província no mundo moderno. Declamou então seus versos de pé quebrado, cheios de modernismos, e que foram recebidos com muxoxos de sapo pela plateia. “Não dá pra cantar isso.” disse um dos violeiros. “Foi bonito, mas não rima.” reclamou o outro. Ofendido, o Gentil respondeu: “Seus parnasianos, com suas rimas quatrocentistas, suas trovinhas ridículas, que cheiram a arenga de índio e banzo de preto, não sabem o que estão dizendo. Vocês não entendem nada! Nada! Cantando cachaça, mulher e festa, quando a Modernidade pede os ventos refinados da Europa! Os ventos da civilização, que vão expulsar desse Brasil os últimos ranços do colonialismo. O cheiro ocre da bosta de vaca e do couro curtido. Ventos da liberdade, da verdadeira expressão brasileira, que só podem alcançar uma alma atinada e atenta ao antiformalismo, à locomotiva, à cidade grande, à França libertária e aos Estados Unidos da América! O que eu queria, afinal? Ser entendido por uns broncos, uns bugres, uns pés-rapados?” Os mascates olhavam atônitos e não sabiam se deviam se ofender ou se lisonjear, já que não entendiam metade das palavras de Gentil. Assim se resolveram num acordo tácito: um deles se ofenderia e o outro se lisonjearia, e ficaria portanto equilibrada a reação, já que a metade que entenderam era de

ofensas, e a metade que não entenderam parecia elogio. Para azar de Gentil, o que resolveu se ofender era o mais parrudo dos dois, e logo o coitado estava enxotado da tapera aos tapas, roxeado na cara e nos bofes, diminuído no orgulho, e debaixo da chuvinha melancólica do começo de noite. Foi dormir no quintal com os bichos, de castigo, e ainda teve de escutar o Tônico, o burrico, os cavalos e os broncos cantando o resto da noite:

Eu não sou pau de porteira / Mourão de jacarandá / Eu não sou pires de doce / Pra você vir me prová / Eu me chamo topa-topa / Cai aqui, cai acolá / Gente não gosta de mim / Eu topo em vosso lugar / Você não me conhece / Nem não sabe quem eu sou / Eu chamo mundé armado / Quando dispara pegô /

No outro dia, Gentil acordou mole e febril. A febre piorou logo e ele começou a delirar. Chamava por Maria, chamava pela mãe, por uma tal Cecília Moreira, namoradinha de infância, e por seus cavalos. Os mascates, que não eram gente ruim, arrependidos da briga e temerosos pela saúde do poeta, juntaram-se ao Tônico na vigília. O ribeirinho conseguiu umas raizadas e umas beberagens, mas Gentil não melhorava. Podia ter sido a chuva, podia bem ter sido picada de algum mosquito mal-intencionado, podia até ter sido cobra. Em seu delírio, Gentil chegava a São Paulo como um bandeirante às avessas, um *desdescobridor* do Brasil. Vinha com uma comitiva de caipiras descalços, índios pintados, cavalos, burros e camelos. Mesmo os reis magos o acompanhavam, cobrindo seu caminho com pétalas de rosa e folhas volantes. Gentil declamava versos em todos os teatros de São Paulo. Os modernistas faziam fila para apertar sua mão. Mário de Andrade, com sua careca reluzente e sua cara de cavalo com tartaruga, chamava-o em particular. Debaixo de panos, prometia-lhe editar seu livro na capital, distribuí-los até nas livrarias de Lisboa. “Serás lido em Coimbra, meu amigo, nas faculdades, serás discutido em saraus repletos de flamengos, ingleses e californianos, meu amigo Gentil.” Ele sonhava

com a apoteose das apoteoses: seus versos ufanistas, nacionalistas, brasileiros, modernistas, antiformalistas, antissonetistas, declamados em Portugal. Quiçá na França! E os parnasianos, os retrógrados, com suas perucas brancas e seus sapatos de tamanca, curvados diante do fracasso iminente do passado e da irrevogável marcha do progresso. E Oswald de Andrade surgia em Goiás montado numa locomotiva bravia, como um deus das guerras futuras, um Hefesto de macacão e boina azul. Seu charuto soltava fagulhas que incendiavam o cerrado e transformavam mato em indústria, árvore em poste, rio em rodovia, índio em alemão, saci em leprechaun, iara em valquíria. Tarsila e Anita então surgiam gigantescas, em cores vibrantes, por trás dos morros, como mulheres sem feições, nuas e de seios enormes. De suas bocas derramavam livros, revistas, jornais, panfletos, toda uma miríade de impressos que batiam asas de celulose e cobriam os céus como abelhas jataí – e enquanto seus gigantescos pés destruíam as casas coloniais de Pirenópolis, amassavam as fazendas de Salomão Jardim, arruinavam as praças e o coreto de Goiás, e suas soberbas coxas engoliam as igrejas de Ouro Preto e Mariana, de seus ventres místicos afloravam prédios, ruas asphaltadas, bondes, aparelhos elétricos curiosíssimos, fios e cabos que atravessavam o atlântico, mulheres de cabelos curtos e saias até os joelhos, maçons futuristas, republicanos napoleônicos, negros americanos e japoneses mais leves que o vento. Trens e poemas sem rimas borborejavam das musas elétricas, e edições da Klaxon e da Revista da Antropofagia pastavam mansamente nas várzeas como enormes vacas consagradas ao deus Aton, ao círculo solar, e ao Apolo nu. No centro de tudo isso, com os pés firmes num cometa feito de metal e alumínio, ele, Gentil de Souza Carneiro, a tudo regia com sua batuta, sua boca transformada num efervescente gramofone.

Quando acordou, estava em sua cama, em seu quarto, no sítio do velho Deodato. Maria passava-lhe um pano úmido sobre

a testa. Tonico estava à janela. “Ele acordou!” gritou a esposa e o resto da família veio se amontoar ao pé da cama. “O que está acontecendo?” “Você adoeceu no caminho para São Paulo, querido. Na margem mesmo do Paranaíba. Tonico e os dois outros moços muito gentis te trouxeram de volta. Estávamos com medo de que a febre não quebrasse, mas quebrou!” “Eu preciso ir a São Paulo. Ainda dá tempo de pegar o final da Semana de Arte Moderna.” “Deixa disso, homem.” Gentil tentou se levantar. Encostou-se na cabeceira da cama e era a imagem do homem derrotado. “Talvez ainda consigamos. Que dia é hoje?” “É vinte de janeiro.” “Viu, vinte de janeiro! Ainda há tempo! Se sairmos hoje, podemos chegar lá. Eu vou à cidade, enfrento o Salomão, não me importo, pegamos o trem e vamos. Pegamos o caminho mais curto.” “Querido, vinte de janeiro de 1928.” “Sim, ainda há tempo.” “Você leu errado o jornal.” “Li errado?” “Você não atentou para as datas. As notícias eram velhas, Gentil. O jornal era de 1922. A Semana da Arte Moderna foi em fevereiro de 1922. Isso já tem seis anos.” Maria passou as mãos nos cabelos molhados do marido. “Você sabe como as notícias demoram a chegar aqui. O pobre do Firmino Mascate trouxe o que de mais recente tinha, mas você sabe como é...”: Ela o olhava com imensa mansidão. Gentil tocou a testa suada com a ponta dos dedos: “Mas e a Modernidade? E a Modernidade onde está? Oswald de Andrade já devia estar abrindo nossa porteira, chutando os cachorros. Onde está ele?” Foi seu Deodato quem deu por terminado o assunto, batendo com as mãos nos próprios joelhos, levantando-se já no rumo da porta e dizendo: “Olha, essa tal Modernidade, se passou por aqui, passou fugida, viu? Nem apeou do cavalo pra um dedo de prosa. Passou desenfreada e já deve estar lá pelos lados de Cuiabá.”

Essa e as demais trovas usadas nesse conto pertencem ao domínio público e foram retiradas da obra Cancioneiro de Trovas do Brasil Central (Editora Oriente; 1973) de Americano do Brasil.



UM LIVRO MODERNISTA

JOSÉ FÁBIO DA SILVA

No meio da selva de pedra um livro foi escrito, a grande obra de uma geração. Naquele momento o barulho era tão grande calando a buzinação dos carros, que o escritor concebeu um tomo ruim. Esse volume único – cujo o título se perdeu – foi o primeiro livro modernista. Imerso em forma, vazio em conteúdo. De modo que só era possível interpretá-lo por meio de seu autor. O autor, por sua vez, mesmo influente em toda uma geração, é tão ou mais desconhecido que a sua própria obra. Sabendo pouco do autor, menos ainda se pode conhecer do livro, visto que este nada diz e o que se ler não se entende. Ainda assim, é bonito no que diz respeito as palavras. O autor desejava escrever um livro em que o próprio leitor inventasse a história. O modernista em seu sonho de negar o peso estético do passado e evitar julgamentos futuros manuseou as palavras de modo que nada dissessem. Produziu um livro lindo, sonoro, deglutido... digno de habitar a fonte de Duchamp.

Dos exemplares restantes dessa imensurável obra, só se sabe o paradeiro de um apenas. Desgastado pelo tempo e quase intocado em leitura, vive em uma estante de um sebo de uma cidade sonoramente similar àquela que o concebeu. Não lhe resta mais a capa. Ou melhor, devido ao seu teor excessivamente modernista, especula-se que tenha sido concebido sem capa. Graças a isso não é possível conhecer nem o título e nem o autor. O livro começa já em seu primeiro capítulo e termina no que aparenta ser um final. De tão modernista não se sabe se é uma obra completa ou inacabada. Os críticos, entretanto, concordam que é uma obra aberta apesar de hermética.

Historiadores que se debruçaram sobre a vida de seu autor encontraram documentos sólidos comprovando a grande influência exercida tanto pelo livro quanto pelo autor. Notas de jornais da época falam sobre o lançamento da obra e sobre a influência do autor entre a nova geração. A capacidade criativa em não ser criativo era tema de diversos elogios. Um livro que só pode ser interpretado à luz da vida de seu autor traz em si algumas complicações. O problema é que ninguém é um coisa só. Assim, o livro muda dependendo do ângulo e da época em que se observa o escritor.

No início o livro foi considerado modernista porque o seu autor era modernista. Ninguém entendeu um linha do escrito. Todavia, para não se passarem por passadistas disseram em uníssono: “eis uma obra modernista, contemplem a pedra fundamental de uma nova literatura.” O autor ficou tão famoso que de simples homem passou a ser visto como divindade. E como toda boa divindade, os seus seguidores evitavam falar o seu nome em vão. O mesmo se sucedeu ao livro. De tão impactante, aspirantes a escritores e mesmo escritores profissionais, receavam dizer o seu nome sob o temor de esfacelar a própria criatividade. Reza a lenda que o editor, pioneiro na leitura da obra, ficou tão bestializado que desaprendeu a ler. Com medo de não reconhecer outra grande obra ofuscada pela luz daquele livro passou a se dedicar a editar somente *best sellers*. Livros que, assim como aquela genial obra, também careciam de conteúdo. Dessa forma, o título daquele volume sem forma e o nome de seu autor se perderam no tempo.

Apesar de pouco se saber sobre um e sobre outro a sua importância ficou para a história. Mesmo quem nunca ouviu falar do escritor, mesmo que ninguém saiba o título da obra, todos conhecem a sua alcunha: “o livro modernista”. A primeira e única edição se esgotou em tempo recorde. Diante do sucesso,

a editora planejava pular a segunda edição e partir logo para a terceira. A censura reinante na época, todavia, impediu os planos. Primeiro porque o autor integrou um movimento patriota. Naquele período ainda não se sabia o que de fato era a pátria. Era função dos modernista – segundo eles próprios – inventá-la. A maioria dos modernistas acreditavam que para fazer aquilo direito era preciso ser do contra. O autor do livro modernista, todavia, era contra ser do contra. Abraçou as cores da bandeira nacional e exaltou animais nativos. A editora cedeu à pressão dos escritores e declinou de uma nova edição.

Diante da pressão de seus colegas escritores, o autor modernista passou a fazer parte das colunas revolucionárias. Trocou a bandeira nacional por outra genérica que se dizia universal – mesmo que nem mundialmente fosse unanimidade. Outro problema surgiu, ser revolucionário passou a ser crime e o autor foi preso. A editora, mesmo compartilhando aqueles ideais, optou por seguir as normas do governo e não reeditou o livro. Na prisão, como um típico revolucionário, o autor trocou de nome. Aproveitou o tempo na cadeia para fazer o que todo bom revolucionário que se preze faz de melhor: relatar os seus dias de cárcere.

Ao contrário de seu livro modernista, o seu escrito político ostentava um título que resumia tudo o que o autor achava que era a sua causa. Logo abaixo do pseudônimo de revolucionário seguia o título: *Minha luta*. Infelizmente, todos acharam que a obra se tratava de uma tradução. Os revolucionários acusaram o autor modernista de totalitarismo e o expulsaram do partido. Mesmo que em tese não existisse partido visto que era proibido existir partido revolucionário. Ao sair do partido, saiu também da cadeia. O governo simpatizava com radicais que não fossem revolucionários. A editora, todavia, mesmo que fizesse o que o governo queria, não publicava obra de autores declarados

totalitaristas. Assim, mais uma vez, o livro modernista não pôde ser editado.

O tempo passou e o livro foi esquecido. A sua influência, entretanto, permaneceu viva em toda obra que se pretendesse modernista. Graças mais uma vez ao tempo, se esqueceu que o autor do livro da prisão e o autor do livro modernista eram a mesma pessoa. Assim, surgiram não só duas obras, mas também dois autores. O autor modernista, assim, não teve a sua história manchada por fazer parte de movimentos revolucionários ou contrarrevolucionários.

Agora, um século após a sua publicação, finalmente vem a lume a sua segunda edição. Totalmente revisada e atualizada segundo as normas correntes da língua. Apresenta uma grande novidade, dessa vez tem capa. Sim, uma linda capa que não traz título e nem autor. Mas diz tanto quando o seu conteúdo que é só forma. A dúvida agora é como será possível entender o livro sem ter um autor como referência para interpretá-lo. Os editores, sabiamente, elaboraram um prefácio com uma breve biografia da vida do autor. Biógrafos, todavia, acusam o prefácio de imprecisão histórica. Isso pode levar o leitor a interpretar errado o livro. Para evitar esse risco, críticos literários já elaboram outros livros com interpretações da obra para assim o leitor não ficar na dúvida.

Por fim, é perceptível a importância dessa obra que, mesmo depois de um século, ainda levanta questões sobre o que quer ou queria dizer. O fato é que de tão modernista o livro nasceu à frente de seu tempo. Hoje, sociólogos, antropólogos e antropofágicos já o consideram pós-modernista. Um divisor de águas do presente escrito no passado. Algo que permanece atual em não dizer nada. Certamente, você leitor ao ler essa moderníssima obra dirá: "Ai, que preguiça!" Tem mais não.



TRILHAS. TRAVESSIAS. CHEGADAS

LÊDA SELMA

Um fio de manhã embaçada entrou no quarto de Anita Catarina, ao colear por uma frincha da janela. A jovem olhou a vidraça suada de garoa, sentiu cheiro de sol maldormido e espreguiçou. Bocejou os restos da noite, alongou-se, calçou o tênis *All Star* branco, presente de um amigo americano, e pés, pra que te quero?! Bateu a porta e saiu para a caminhada. Momentos de contemplação. De esmiuçar lembranças. De desalojar saudades. Com o pensamento, Anita Catarina monologa com entusiasmo e privacidade. E diz em tom jocoso: *Eu consigo, que solidão saudável e prazerosa! Perder-me no passado, incita-me a digressões bizarras ou intrigantes. E o melhor, sem testemunhas. Eu consigo, boa parceria!*

O sol, mesmo esbatido, marca território. Anita Catarina encolhe a distância, enquanto pontilha o tempo, deixado para trás e, como se caçoasse de si e dele, traz à tona questões inúteis. *Não gosto desta dupla que me nomeia. Dois nomes bonitos, que não se harmonizam, não se acasalam, não têm liga nem sonoridade. Anita... Minha mãe teria se inspirado na heroína Garibaldi? E a inspiração para Catarina? Que não seja a Grande, Catarina II, Imperatriz déspota da Rússia, colecionadora de amantes! Catarina de Alexandria, mártir cristã santificada, admirável intelectual e mestra das artes, sim.*

Findo o passeio, chega a casa, entra na banheira e entrega o corpo e a imaginação ao deleite de um espumante banho. Ora cantarola, ora ri um riso inteiro, sem quê nem para quê. Está feliz, como se os humores do dia expelisses cores, sabores, ardores. Imagina o espetáculo sonoro e malabarista dos pássaros, em cópulas exóticas e estridentes, e bendiz o valor da liberdade em

sua forma mais genuína. Vê-se beija-flor. *E se as estrelas também copulassem? Ah! tilintariam de gozo!* Deseja ser estrela.

Paulistana, bem-nascida, cabelos curtos, *corte bob*, o charme da época. Destra de nascença, todavia, por imposição de uma atrofia congênita irreversível, no braço direito, tornou-se canhota. Os pais até levaram-na a Lucca, Itália, com apenas três anos, para tentar um procedimento cirúrgico que prometia curá-la. Voltaram decepcionados. Uma governanta inglesa ensinou a menina a usar a mão esquerda e também cuidou do seu aprendizado na escrita e na arte. *Minha mão esquerda é ágil e habilidosa*, dizia sempre, como se pretendesse aliviar a frustração dos pais.

Adolescência atribulada. Perda do pai, dificuldades financeiras. *Como dói, saber que meu pai não abrirá mais a janela do meu quarto para a manhã espichar-se na cama, ao meu lado!* Aos 13 anos, ímpeto suicida, só ensaiado, que resultou em inspiração para o rumo que daria ao seu futuro. *Em vez de atirar-me nos trilhos do trem, por que não buscar as trilhas da vida?*

A mãe, pintora. *Amava vê-la pintar e sentir os odores de sua roupa colorida de tintas!* Guiada por essa influência, aprendeu técnicas, com a mãe, e treinou os primeiros toques com os pincéis. Ficaram íntimos, inseparáveis. Nos estudos, ia bem. Formou-se professora, aos 19 anos. Admirava a profissão. *É o exercício que leva à magia do conhecimento e da criação*, dizia orgulhosa.

O sino de bronze da porta principal da casa é ouvido. *Cedo demais para visita*, resmunga Anita Catarina. Seu tio entra e saúda-a.

– Trago-lhe um presente: passagem para a Alemanha. Já está com 21 anos, então, estudará arte em Berlim.

Ela abre farto sorriso, olha para o tio e abraça-o com efusiva gratidão. Falseia pose solene e imposta a voz: *Tio, apresento-lhe Anita Malfatti!*

Depois, cochicha para si mesma: *Catarina ficará nos bastidores, sempre vigilante, que não sou boba de abandonar a santa minha xará. A partir de agora, Padroeira de Anita Malfatti!*

Em Berlim, estuda do Museu Real de Artes Plásticas, onde o expressionismo grassa vigoroso. Muitos experimentos, técnicas novas e contatos importantes, inclusive, com grupos de vanguarda. Quatro anos enriquecedores.

Volta a São Paulo, quase de passagem, com ideias novas e entusiasmo. Compartilha-os com os colegas e amigos, na improvisada “Exposição de Estudos de Pintura Anita Malfatti”, individual realizada no centro da capital, com 33 obras: gravuras, pinturas a óleo, desenhos e aquarelas. Baixa repercussão e algumas críticas. Anita dá de ombros. *Bye, bye! A terra do Tio Sam espera-me.*

Irresistível o impulso de ver, de perto, a liberdade da expressão artística nova-iorquina. Mais uma vez, patrocinada pelo tio, viaja. Matricula-se na Art Students League, entidade desligada dos moldes acadêmicos. Sente-se confortável. *Liberdade, que sensação transcendente! Poderei pintar o que quiser e como quiser.* Rodopiando, feito bailarina de caixinha de música, vangloria-se: *Juntei a tentação com a vontade de ousar e propus-me outras decolagens para transpor os limites da percepção estética e impulsionar meu apetite criativo!*

Caminhar pelo jardim, aspirar um pouco de flores e de sol, um hábito que lhe traz lembranças de São Paulo. Nesses momentos, a saudade, sem lhe pedir licença, umedece seu rosto. Dois anos passados, o regresso a Sampa. Delineia encontros com seus amigos escritores e colegas pintores. Quantas novidades para apresentar-lhes! *Em Nova Iorque, notáveis mestres, artistas e o público interpretaram positiva e elogiosamente minhas obras. E em São Paulo, como será? O provincianismo é parte de suas entranhas, e o conservadorismo, um atraso, desabafa.*

Encontra 1917 apático e no mesmo ritmo de seus antecessores. Ao contrário, está confiante, madura e desejosa de contribuir com a vanguarda modernista que parece encruada. Quer mostrar sua evolução, as nuances de seu trabalho, as possibilidades de uma criação própria, com tons expressivos, fortes, concepções audaciosas apartadas das formas convencionais e

obsoletas vigentes. *Isso despertará nas pessoas visão mais aberta e dilatada. O lugar-comum e a estagnação tornaram-se sufocantes. Democratizar e libertar a arte é o caminho*, frisa.

Anita Malfatti recebe alguns familiares para uma visita ao seu ateliê. Quer exibir suas telas, criações inovadoras já consagradas em Nova Iorque. Porém, um clima de estranhamento, de reprovação paira no ambiente. Nada entenderam. Esperavam telas de santos, cores leves, traços clássicos. Pior, a indignação de seu tio. Estupefato, não se contém: “Isso não são pinturas, são coisas dantescas!”. Embora decepcionada, decide apresentar as 53 telas a amigos, colegas e amantes das artes, dias depois. *O olhar e a palavra são de vocês*, desafia-os.

Alguns olhares arregalam-se. Outros contemplam, interessados ou aturdidos, impactados ou admirados, cada obra. O crítico Nestor Rangel Pestana e o artista Di Cavalcanti adiantam-se em tecer comentários consistentes e entusiastas sobre as telas. *Estou salva!* E até provocaram Anita, para fazer uma exposição individual.

– O momento é oportuno para expor seus arrojados trabalhos. Artistas e críticos americanos endossaram sua libertação estética, alguns, aqui, já a apreciaram. O novo está injetado no conceito do seu fazer artístico. Os que amam e os que praticam arte saberão interpretar essa ruptura com o tradicional. A princípio, é possível que até cause certo espanto aos mais ligados às tradições. E daí?! Os reflexos dessa mostra se disseminarão, qual rastilho de pólvora, não só em São Paulo, Brasil afora –. As palavras de Di Cavalcanti, respaldadas por Pestana, animaram-na tanto que ela concorda. E prepararam a exposição.

Ansiedade, expectativa e insônia antecedem o evento. Inquieta, Anita, da janela do quarto, espia a noite, carrancuda e impassível. E, enquanto espera a chegada do sono, divaga... *O destino da escuridão é ser solitária e assombrosa! Parece que Érebo e Nix a espionam*. Fita as alturas negras da amplidão suspensa, encantada com seus olhos de prata. *Senhor, por que permite ao céu engolir es-*

treelas?! Ele fica tão triste e vazio! Outra coisa: acho que Vossa Santidade faz da lua lanterna para vigiar os anjos anarquistas que tentam fugir da pasmaceira do Paraíso. Imagina-se um anjo anarquista.

Já na cama, pergunta-se: *o que acharão do Homem amarelo? E da mulher de cabelos verdes? A Boba impactará alguém? Espero que a burguesia paulista abandone o ar pernóstico, os intelectuais desarmem seus preconceitos e todos se voltem para a emoção que cada obra carrega. Que aceitem a arte concebida pelo pincel e pela paleta da transgressão, da rebeldia, no pleno exercício da liberdade.* Espreme os olhos. E acolhe Hypnos que a abençoa com o sono. Evoca a aparição de seu filho, Morfeu, para povoar-lhe, de sonhos, a mente.

Grande cartaz na frente do Mappin Stores, na Líbero Badaró, em São Paulo: “Exposição de Pintura Moderna Anita Malfatti”. A curiosidade agita a sociedade e os artistas. Abertura da mostra, singela. E lá, as 53 telas com pinceladas e traços do arrojo e ousadia de Anita Malfatti. Algumas obras de pintores americanos, convidados propositalmente, destacam-se ao lado das suas. A sensação de que há desconforto no ar é real. Poucos elogios, muxoxos, risinhos, cabeças desentendidas balançando, opiniões conflitantes. *O provincianismo da elite paulista está em choque*, deduz Anita. Mesmo assim, oito telas vendidas.

A manhã, com jeito de aziaga, assanha artistas, intelectuais e a sociedade. Motivo? A crítica ríspida e violenta do editor e escritor Monteiro Lobato, estampada no jornal O Estado de São Paulo. Enxurrada de agressões à arte e à artista Anita Malfatti. Daí, para uma barafunda, basta um piscanejar de cílios. De repente, devolução de telas, com exigência de ressarcimentos. Bilhetes desrespeitosos. Ofensas. A loucura está solta. O desvario aniquila a razão e envergonha a arte.

Anita, devastada, pensa em abandonar seu ofício. Com muita raiva, caricatura Monteiro Lobato com rabo, chifres e tridente, em desenhos a lápis. Não desperdiçaria suas tintas caras com o detrator. Nem isso consegue aplacar sua revolta.

Talvez, um diário. Abre seu desengonçado caderno ainda com algumas folhas e crava sua ira em cada palavra. *Quem esse maldito pensa que é?! E quem ele pensa que sou?! Que homem rude! Mete-se a crítico, mostra-se renovador, pré-modernista, desvinculado dos padrões engessados da literatura, no entanto, vive às turras com os vanguardistas e não consegue entender que a arte é livre. E ainda compara minhas pinturas “aos desenhos dos internos do manicômio”! Desequilibrado!*

Monteiro Lobato também recebe duras críticas. O tempo mostrará que seu artigo foi um tiro que saiu pela culatra, o estopim que irromperá o movimento modernista. Jovens poetas protestam em defesa da ofendida. Jovens artistas visitam as obras de Anita, várias vezes. Os dois Andrades e Di Cavalcanti dão apoio irrestrito à amiga, isolada, desde o lamentável acontecimento.

Acredite, dileto diário: fui o bode expiatório daquele infeliz e dissimulado. Ele está em pé de guerra com os modernistas, embora sua editora tenha publicado livro de um deles, meu amigo Oswald de Andrade. E quem fez a capa? Eu! Oportunista de uma figa, o sujeito! Talvez, entenda mais de petróleo!

O tempo passa, mas não, o desencanto de Anita Malfatti. Tempo demais de isolamento. De abandono dos pincéis. Mas nada que uma viagem a Paris, para espairecer e buscar outros desafios, não resolva. Nessa viagem, conhece a pintora Tarsila do Amaral. Amigas para sempre.

Anita volta. Irreverente. Dona do seu nariz. Do seu pincel. Da sua paleta. Com novas concepções. E a palavra afiada. *Não me apego a tendências. Sou livre. Minha arte é livre. Gosto do novo. De experimentos.*

Sente que o triste episódio, na exposição de 1917, provocou os literatos e artistas, incitando-os a buscar caminhos para um tempo novo na arte do Brasil. Anita inspira a criação do Grupo dos Cinco (Anita, Tarsila, Mário, Oswald e Menotti), base do movimento modernista. Espera lavar a alma.

Vem aí, 1922. E fevereiro, além do carnaval e do samba, terá a Semana da Arte Moderna. Juntas, a literatura, as artes plásticas, em todas as suas vertentes, e a música, alardeia Anita.

Esperavam mais da emblemática Semana de 22 que, iniciada em 13 de fevereiro, foi reduzida a três dias.

Pois é, caro diário, o Modernismo aterrissou na Pauliceia desvairada e instalou a Semana da Arte Moderna de 22, no Theatro Municipal, aplaudido e vaiado. Manuel Bandeira, tísico, não pôde participar presencialmente. Para representá-lo, chegou, orgulhoso, seu colega Ronald de Carvalho, com Os sapos do poeta. Alguns não os engoliram, muitos torceram o nariz. Outros aplaudiram a recitação calorosa do poema! Tarsila não conseguiu deixar Paris. Em carta lhe contarei as minúcias dos três dias agitados e polêmicos que marcaram a história cultural brasileira. Renomadas figuras iluminaram o evento, com poemas, pinturas, músicas, opiniões, debates, manifestos. Mário foi enfático em suas ideias de brasilidade. Oswald brilhou. Ah! não me tome por cabotina, diário: fui a protagonista do evento, chamada de a “Precursora do Modernismo no Brasil”.

Anita ganha notoriedade merecida. Volta a Paris, onde reside durante 5 anos. Mas antes, ainda em São Paulo, escreve nos últimos espaços do seu caderno desengonçado: *dia 17 de fevereiro, após findadas as atividades culturais da famosa Semana, dileto diário, procurou-me um rapaz bem-apessoado, porte elegante, uns 35 anos. Óculos redondos, pequenos, lentes escuras, voz compassada, grave. Entusiasta do modernismo. Poeta, ainda sem livro publicado, embora já com o título escolhido. Mostrou-me uns poemas interessantes, alguns com ranços simbolistas, parnasianos, outros com traços modernistas, poemas bons, de quem é mesmo poeta. Nasceu em Pouso Alto, uma cidadezinha do interior goiano, lá no Centro-Oeste. Acredito no seu potencial e futuro promissor. Combinamos novo encontro quando eu voltar de Paris. Diz minha intuição que ele introduzirá o Modernismo em Goiás. Ah! o título do livro que virá à luz? “Ontem”. E o nome do poeta? Leo Lynce.*



O VENENO DA ARTE MODERNA

LEONARDO TEIXEIRA

Algumas coisas de fato existem para serem mudadas. Mas em qualquer tempo, não importa em qual sociedade, sempre existirão vozes da resistência. Quase toda moralidade excessiva é maculada por uma sombra corrupta de, pelo menos, algum dos capitais e distritais pecados. Cada pessoa tem seu jeito de enxergar seu mundo com a cegueira das próprias limitações. Muitos já nascem tolhidos no seu sistema de freios e contrapesos, combatendo o que desagrada com o que mais lhe convém.

Boatos fuxiqueiros sempre existiram por conta de uma demanda ainda maior pela curiosidade e pelo hábito de falar mal dos outros. Programas vespertinos televisivos e páginas de fofoca sempre aguçaram a fome sangrenta de vampiros humanos. O problema é que há fofoca com o aval da realidade e o lastro da verdade, mas muitos se espalham como fogo em pólvora por notícias falsas. Preste atenção! Hoje revelo um crime que ficou escondido desde 1954 praticado contra um ícone da Semana de Arte Moderna, de 1922.

Ao viés da novidade: o muro do conservador. O mundo sempre foi desta maneira contra os destemperamentos de cada modernidade de sua época. A vida nos recicla de tempos em tempos. Quando não o faz por si mesma, vem uma tragédia da natureza, uma doença fulminante, um súbito mover coletivo do anjo da morte. Dezenas de pandemias vieram ao longo da história, ceifando vidas aleatórias para amenizar o peso da humanidade sobre a Terra. Só não existem mais catástrofes por conta de muitos seres que se matam em violências, guerras, vinganças e ódios.

Foi assim que morreu um dos principais pivôs do movimento modernista brasileiro, fruto da ojeriza alimentada anteriormente.

Era uma segunda-feira nada calma, no dia 13 de fevereiro de 1922, quando o discurso de ódio estava estampado nos rostos, nas vaias e nos xingamentos de parte da plateia do Teatro Municipal de São Paulo, como se aquilo fosse aviltante demais. Como se alguns dos incomodados nutrissem uma ira diabólica, uma sede de sangue, que explodiria a bomba do homicídio, acumulando sentimentos terríveis até 1954.

Monteiro Lobato, conhecido pela sensibilidade e criatividade do mundo infantil de Narizinho, destilava polêmicas e proferia impropérios diante da insanidade daquele movimento. Inclusive disse que aquele levante insano acabaria com a cultura que demorou milênios a se desenvolver. Em relação aos quadros de Anita Malfatti, foi muito claro quando disse que talvez servisse pra decorar corredores de manicômios. Os jornais aceitavam essas trocas de farpas. Afinal, uma polêmica cumpre seu papel pra bater as metas de vendas diárias. Por qual razão ninguém prestou atenção quando Cesare Lombroso publicou 46 anos antes, em 1876, o *Tratado Antropológico Experimental do Homem Delinquente?* Ele já alertava que o criminoso nato tem a testa inclinada, uma protuberância inferior traseira, e principalmente o fato de sobrançelha emendada ser tendência de psicopatia. Isso sem falar do bigode de Hitler, que não era nascido quando o livro foi publicado. Aliás, Charles Chaplin tinha o mesmo design raspado e nem por isso foi vilão. O pior é que o alarde foi tanto, que muitos quadros vendidos foram devolvidos por conta desses comentários. Pessoas sem opinião ficaram com medo de serem símbolos da reprovação carimbada por aquela intelectualidade.

Os modernistas rebateram inclusive com poemas e trechos literários. No segundo dia do evento, quarta-feira dia 15, Ronald de Carvalho recitou o poema *Os sapos* de Manuel Bandeira, cha-

mando os parnasianos de sapos e seus coaxos repetitivos. Afinal, o formalismo excessivo do parnasianismo e estética realista do Academicismo eram aclamados pela sua mania de perfeccionismo e meticulosidade (metrificação), como se andassem por aí com viseira de cavalo em meio aos seus transtornos obsessivos compulsivos. Isso estava nos corredores sendo proferido por aquela nova intelectualidade contemporânea. Aos poucos o mundo sempre fica obsoleto. Muitos se apoiam em grandes pensadores do passado para embasar suas elucubrações presentes. As palavras carraspana, ceroula e perfídia não fazem sentido numa frase atual. Mas qualquer pessoa consegue imaginar uma frase inteira apenas com as correspondentes palavras bebedeira, cueca e cilada. Hoje é difícil imaginar um mundo sem celular e redes sociais. Mas é fácil visualizar lados nervosos de dois opostos, porém sem memes, vídeos e achincalhes: artigos, réplicas e tréplicas. Foi assim aquela semana que rompeu costumes e deu um novo rumo na arte brasileira.

Línguas ferinas disseram que os artistas viraram debiloides e que crianças com restrições neurológicas fariam obras melhores. Compararam a arte plástica com excrementos defecados por intestinos desajustados. Disseram que a linguagem coloquial não era normal, não era culta e que buscar uma origem nativa era um retrocesso rumo à selvageria. Quando perceberam que a estética foi inovadora e teria ampliado uma visão tacanha, partiram para os ataques pessoais, como sempre fizeram as críticas especializadas em descreditar e menosprezar qualquer talento. Espalharam que aquela busca pela cultura brasileira, valorizando as raízes locais, na verdade era fruto de uma oligarquia burguesa muito rica que teria sido influenciada pela vanguarda europeia, e que os filhinhos de papais nobres viveram muito tempo fora pra trazer toda aquela porcaria de lá. De fato muitos ali tiveram condições de conhecer outras culturas e eram pessoas de posses

mais que confortáveis, porém, toda a miscigenação sempre fez do Brasil um grande e expoente de múltiplas faces. Por isso um passaporte brasileiro sempre foi mais caro no mercado negro, por poder caracterizar qualquer fisionomia. Falaram que os artistas e escritores eram pseudointelectuais e que qualquer pessoa sem a menor instrução teria melhor noção das proporções e estéticas artísticas. Quando perceberam que o movimento teria destacado São Paulo, que os holofotes do Rio de Janeiro teriam se desviado, e que a política do Café com Leite traria uma nova força nas oligarquias e no cenário político, partiram de fato com as intrigas e com as ofensas pessoais.

As ofensas se intensificaram. Passaram a chamar alguns talentosos artistas daquela Semana de Arte Moderna de devassos, pederastas, alcoólatras, desmiolados, drogados, desestruturados e que teriam uma vida insana cuja sexualidade causaria escândalo até mesmo aos mais ousados discípulos de Dionísio. Fizeram questão de espalhar tais comentários em mesas de bares, em salões importantes, em casebres simplórios e até mesmo em repartições oficiais. Era a chamada desconstrução de legados, carimbando uma prévia histórica do que seria a atual, famigerada e compartilhada rede de *fake news*.

O problema era que essa rede de intrigas pegava também informações verdadeiras. O melhor exemplo foi o que ocorreu com Oswald de Andrade, um dos pilares da Semana de Arte Moderna, neto do escritor Inglês de Souza. Disseram que Oswald era um boêmio nato e que teria namorado com centenas de mulheres anônimas, dançarinas de cabarés (como Helem Carmen, Jade Rebouças, Crisangela Fonseca), prostitutas (Kelly Pimenta, Suzy Matos, Carol Melão), amantes, estrangeiras (a francesa Henriette Denise, a espanhola Carmen Lydia, a italiana Helena Hosbale), a jornalista Maria de Lourdes Olzan, além das artistas Tarsila do Amaral (de quem ganhou o famoso quadro

Abaporu), escritora Pagu e Anita Malfatti. Espalharam que seus casamentos sempre tiveram divórcios por conta de suas inúmeras infidelidades. Inclusive uma dessas dançarinas com quem se envolveu, mas por questões de ética não se pode divulgar o nome da Janete Peclatti, era casada com Márcio Peclatti, um figurão empresário que também era cafeicultor como Paulo Prado. Esses dois empresários ajudaram a pagar o aluguel do Teatro daquela Semana.

Monteiro Lobato nutria uma amargura diante de tão falada lábia ou melado de Dom Oswald Juan, como era apelidado. Talvez o fato de ele ter ficado com uma namorada de Monteiro, fosse mais um motivo para acumular aquele ódio aumentado. Essa língua fofoqueira também espalhou que Oswald teria assumido sua amante, a pianista Pilar Ferrer, mas depois a abandonou pela nova amante, a poetisa Julieta Guerrini, para somente casar novamente em 1943 com Maria Antonieta D'Alkmin. A notícia que todos sabiam era que Oswald teria ficado junto de Maria Antonieta até 1954, quando na verdade foi envenenado por Márcio Peclatti. Há quem acredita que Oswald teria sido vítima de infarto e que ele agora descansa em paz no Cemitério da Consolação. De qualquer forma, Oswald, Mário, Menotti, Malfatti, Tarsila, Villa-Lobos, Di Cavalcanti, entre outros, jamais serão esquecidos como os precursores de uma estética inusitada que modificou para sempre a arte brasileira. Se alguém imaginou que Monteiro Lobato teria sido o autor desse crime precisa rever seus hábitos de julgamento. Talvez por isso, o veneno da língua continua solta e mata cada vez mais novas reputações.



A SEMANA DE 40 ANOS!

LUIZ DE AQUINO

De um ponto favorável, ou seja, não sendo visto nem sentido com clareza pelas pessoas, acompanho a vida de um pacato lugarejo no Sul de Goiás. Isso faz de mim um espectador privilegiado e, ao meu modo, sei como e quando interferir em favor de melhores condições nesse povoado.

Contarei, a seguir, aspectos de seu cotidiano, numa realidade carente de recursos e iniciativas – daí os meus palpites, cada um como mola a ativar algum movimento.

1920 – CALDAS NOVAS E A PONTE SÃO BENTO

Manhã cinzenta, esta, de céu fechado e chão lamacento. Faz frio e o chão é mole, baboso, escorregadio. As ruas cheias de poças, algumas alongadas pela trilha das carroças com roda de madeira. Tem também os caminhões e dois automóveis, que têm rodas de borracha chamadas de pneus, mas esses carros com máquinas não levam vantagem sobre as carroças e charretes, as máquinas atolam mais – porém, os caminhões que passam às vezes por aqui não ficam presos na lama, porque nos tempos de chuva colocam correntes nas rodas e assim escapam do grude dos atoleiros. Os caminhões levam sacas da produção de arroz, feijão, mandioca e milho para Ipameri, onde tem a estação do trem e de lá essa carga segue para Minas e São Paulo. Na volta, os caminhões trazem produtos das fábricas de São Paulo ou dos portos do Rio de Janeiro e de Santos para as lojas daqui e de Morrinhos.

Minha presença é pouco notada. Aliás, ninguém me olha, ninguém me vê. A bem de ser justo e sincero, sou quase imperceptível: alguns me ouvem, não em som aberto e nítido, claro, límpido: costume soprar

sugestões e conselhos, ou apenas palpites ocasionais e determinantes ao ouvido dos seres, em especial dos capazes de impor decisões por novos atos e feitos que venham em favor da melhoria de vida da comunidade.

O coronel Bento de Godoy pediu ao governo que fizesse uma ponte no Corumbá, na divisa de Caldas Novas com Ipameri, mas o presidente do Estado disse que não tem recurso para a ponte, por isso o coronel mudou o pedido e trouxe de lá a concessão para construir e aplicar pedágio para recuperar o investimento. A ponte está em construção, estão fazendo as cabeceiras dos dois lados, em alvenaria forte para aguentar o peso. Um engenheiro estrangeiro falou numa ponte pênsil, que vai levar madeira de lei e cabos de aço. Ele explica que não vai ter colunas dentro d'água porque a garganta onde se constrói a ponte é muito estreita e de grande profundidade, por isso a tal de ponte pênsil – que será sustentada por fortes cabos de aço. Por enquanto, os caminhões e carroças grandes levam a produção das roças até a beira do rio e passam para o outro lado na balsa; quando a ponte estiver pronta, vão passar direto, vai ser só pagar o pedágio e seguir viagem.

Incomoda-me tanta chuva. Mas, dirão as senhoras e os senhores leitores, se não me molho nem sinto frio, porque me incomodo com a chuva? Simples: muitos são os entraves, os incidentes e mesmo os acidentes em que minha presença, minha quase imperceptível presença, se faz necessária e, não raro, decisiva. Estimulo a criatividade dos que acodem, inspiro força física aos que dela necessitam para solucionar determinados impasses – como uma carroça atolada, alguém ferido que necessite de remoção e não tem condição individual para isso et cetera.

O dia está terrível! Ninguém aguenta tanta chuva! Os caminhões que vêm de Ipameri trazem também doentes e viajantes

curiosos para tratar ou apenas conhecer as águas. Chegam cheios de dúvidas, não acreditam que há minas d'água quente no leito e nas margens do córrego das Lavras. Este nome é por causa da mineração. Quando chegaram aqui, os bandeirantes batiam bateias pelo aluvião do córrego procurando ouro. Acharam um pouco, pouco mesmo; a riqueza da terra é a temperatura das águas.

Cheguei a vê-los, naqueles primórdios, no afã de bamburrar, colhendo muito de ouro em pó ou, eventualmente, uma expressiva pepita. Deliciavam-se, mesmo, no prazer do banho quente à margem, relaxando a musculatura cansada e sentindo aumentar o desejo sexual, para saciá-lo com a parceira costumeira, com um rapazola que ainda não tivesse sua definição e preferência ou, ainda, dando vazão solitária ao imaginário.

Gosto de ver a chegada dos caminhões e carroças trazendo produtos da indústria e viajantes para os banhos. Como disse, uns vêm pela saúde, outros pela curiosidade. Os primeiros são chamados de pacientes, os outros de turistas que, dizem, é algo que vai acontecer muito no futuro. Sei não... Fosse para receber tanta gente aqui e se isso fosse render dinheiro para a cidadezinha, o trem teria vindo p'ra cá, mas preferiram manter a rota e levar a linha para os rumos do Roncador. Estão fazendo lá a estação e já surge por lá um povoado, uma cidade nova. Por isso o coronel Bento teima com a tal ponte; afinal, Ipameri está a umas dez ou doze léguas, nem é tão longe – o problema é o Corumbá.

Viajantes que vêm de Minas e de São Paulo costumam trazer jornais. Ipameri também tem jornal. E todos são interessantes, como o Lavoura e Comércio, de Uberaba, além dos que chegam da capital de São Paulo e da capital federal, o Rio de Janeiro. Comerciantes gostam dos jornais para, depois de lidos por eles e clientes que frequentam suas lojas para os dedos de prosa de todas as manhã, servirem de papel de embrulho.

Em Caldas Novas, os doentes pobres acomodam-se em ranchos simples num alinhamento novo chamado de Rua da Palha, por causa da cobertura dessas casinhas com folhas de palmeiras, que são muitas na região. Os mais afortunados hospedam-se na pensão que tem no largo da Matriz. E é ali, no salão de entrada, que os viajantes vindouros costumam deixar jornais, que leram durante a viagem de vinda. Cadernos e folhas são separados e passam de mão em mão para a leitura de todos, ávidos de novidades e de assuntos para as conversas naquele ermo: um povoado pequeno que, menos de dez anos atrás, ganhou foro de município.

Gostei das ações, das agitações e das reuniões que anteciparam e coincidiram com a outorga legal que fez do arraial de Caldas Novas um município autônomo, em 1911. Fiz zumbidos oportunos e saudáveis nos ouvidos internos do coronel Bento, de seu sobrinho José Teófilo, do coronel Orcalino Lopes de Moraes e outros notáveis da pequenina comunidade chamada, na época, de caldense; com o tempo, fez-se necessário aplicar-se o gentílico apropriado, diferenciado de outras localidades que se valiam do mesmo termo, por isso a mudança foi necessária e oportuna, corrigido para caldas-novense.

E nestes tempos, seu prefeito é um engenheiro civil, sobrinho do coronel Bento, nascido em Estrela do Sul, em Minas, e formado no Rio de Janeiro. Esse moço é filho de importante figura do Triângulo Mineiro, Teófilo de Godoy, o pioneiro que buscou na Índia uma raça exótica de bovinos, o zebu. O engenheiro José Teófilo só ostentava o nome civil em documentos, como seus autos e lados profissionais, além da papelada da Prefeitura, pois, para toda a cidade, e até sua morte, seria conhecido como Juca. Juca de Godoy, engenheiro e poeta.

Um ano depois dessa invernada de chuvas persistentes, deu-se a inauguração da ponte, no ponto em que o rio Corumbá

se estreita e – dizem – torna-se mais profundo o seu leito; o local é chamado de Rochedo, referência óbvia às colunas de pedras escolhidas como alicerces para as cabeceiras da ponte pênsil. Seu nome, Ponte São Bento, é uma evocação ao santo de que o coronel Bento de Godoy é devoto.

1922 – A SEMANA DE ARTE MODERNA E UMA NOVA CIDADE NA PONTA DA LINHA

Neste ano de 1922, no salão da Pensão Central, no largo da Matriz, diverti-me com os comentários entre sorrisos dos leitores de um exemplar do Correio Paulistano. Era uma reportagem interessante, falando numa tal “arte moderna” que um grupo de escritores, músicos e artistas da pintura e da escultura e outros promoveriam na Pauliceia. E seria no mês que vem, quero dizer, fevereiro. Eu não preciso de ler o jornal, pois basta que estejam próximos e já me informo de seu conteúdo; os leitores na pensão, porém, ficaram curiosos: o que é arte moderna? Se um quadro foi pintado hoje, ou se uma música foi composta ontem, é claro que é moderna. Sei não... – pensavam, intrigados, esses leitores.

Um dos recém-chegados, justo o portador do grande jornal paulistano, resolveu esclarecer o tema. O homem, aparentando 30 anos, apresentou-se como “advogado e beletrista”, e começou a discorrer sobre o que vinha a ser a tal arte moderna: nas letras, o escape das formas tradicionais – na poesia, por exemplo, caiu o rigor das métricas e acentuações tônicas, como também as rimas seriam ignoradas ou até mesmo abolidas. No conteúdo, uma drástica transformação na contística, nos romances e também nos versos; qualquer assunto passa a ser interessante e digno da arte das belas letras. No desenho e na pintura, como na escultura, as formas seriam mexidas de modo radical! A figuração perderia muito de sua importância, as cores viriam intensas nos tons e nas variedades, o artista passa a desfrutar de sua plena liberdade

criadora etc. e tal, e na música muita novidade viria, também, pois o admirado maestro Heitor Villa-Lobos era um dos mais animados dentre os participantes do importante evento.

Não faltou quem questionasse: mas isso vai continuar se chamando arte? O beletrista, em defesa de sua adesão ao tema, afirmava que sim; e como advogado, evocava o direito às liberdades da criação, pelo fim dos rigores escravagistas que cerceiam os voos da imaginação e exaltava “o abuso dos sonhos em seus voos sem limites”.

Esse beletrista doutor em leis e processos foi meu escolhido nesse fim de tarde, comecinho de noite. Ele próprio surpreendeu-se por tão espontânea e eficaz inspiração, buscando palavras apropriadas e de modo a ser bem compreendido por aquele público, no qual, sem dúvida, haveria pessoas sem alcance acurado ante um discurso pomposo; era preciso falar claro, de modo a ser bem compreendido e, convenhamos, era esse um dos propósitos nos argumentos de Oswald de Andrade.

Na capital do Estado, a antiga Vila Boa que, agora, se chama Goiás (na escrita da época, Goyaz), uns poucos letrados destacam-se por seus feitos estampados em poucos jornais locais. Nos primeiros anos do século, por volta de 1905, circulava até mesmo um jornal feminino, *A Rosa*, no qual destacavam-se duas meninas-moças, Leodegária (de Jesus) e Aninha (Ana Lins dos Guimarães Peixoto), poetisas.

Em 1922, poucos letrados – quase sempre advogados e alguns farmacêuticos, que, por extensão e necessidade da sociedade, eram também professores – praticavam as letras. Poucos eram também os artistas plásticos em lides de escultura e pintura; um grau de artesanato marcava os afazeres de costureiras, alfaiates e finalizadores das construções civis.

Lá em São Paulo, capital de província – depois Estado –

importante na política e na economia desde os tempos coloniais, a vida cultural se agitava sob ações dos escritores Oswald e Mário, ambos de Andrade (sem parentesco), Menotti Del Picchia e Guilherme de Almeida, entre outros. Também de realce era a participação de vários artistas plásticos, como Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Victor Brecheret e Tarsila do Amaral. O maestro Heitor Villa-Lobos há de ter sido a maior referência entre os músicos.

1922 EM GOIÁS: UM POEMA DIFERENTE, FORA DOS PRUMOS ROMÂNTICOS E PARNASIANOS

Contudo, o movimento não atingiu Goiás. Soube-se do acontecido, comentou-se a novidade. A mudança – como toda mudança – amedronta; e amedrontou. Tanto é que, seis anos depois, o juiz de Direito Cylleneo de Araújo, ao publicar seu único livro (em vida), *Ontem*, foi tido como o pioneiro do modernismo em Goiás. Cylleneo, em seu ofício de poeta, construiu um codinome com um diagrama de seu prenome: Leo Lynce.

Nascido em Pouso Alto, recebeu o nome de Cylleneo Marques de Araújo Valle. No ano de completar o décimo aniversário é internado no Seminário de Ouro Fino, pequena e importante localidade bem próxima a Vila Boa, capital do Estado. Em breve o seminário era transferido para Uberaba, em Minas; o menino segue para Bela Vista de Goiás, nova residência de sua família após a morte do pai. O menino – ele diz isso em um poema – teria herdado da mãe os dons que o levaram à escrita literária.

Caldas Novas voltara a um estressante marasmo após a inauguração, em 31 de janeiro de 1921, da Ponte São Bento, que a aproximava da estação ferroviária de Ipameri. Alguns jovens como Oscar e Celso, liam notícias sobre os artistas modernistas de São Paulo, mas não tinham nada a fazer senão trocar ideias entre si. E o coronel Bento,

por volta de 1925, procurou seu adversário político Luís José Pereira e propôs-lhe uma sociedade, uma empresa para construir uma usina hidrelétrica que, em 1927, iluminaria a pequenina cidade das termas. E eu, na existência etérea, troquei o foco; percebi a inquietação daquele Cylleneo e não o perdi em minhas observações.

Aos 15 anos, publica seus primeiros versos. Nesse mesmo ano, 1900, o jornalzinho de sua estreia deixa de ser desenhado e entra na fase impressa; Cylleneo cria um Grêmio Instrutivo, com rapazes (como ele) ávidos de conhecimentos; e passa a ser publicado nos jornais *Araguari*, *Gazeta de Uberaba* e *Lavoura e Comércio* (também de Uberaba). Fez-se, ao fim da adolescência um peregrino sem receios, pronto a deslocar-se e adaptar-se a novos sítios e ares. Tais andanças por Goiás (ele gosta de escrever Goyaz) e outras terras, umas meio distantes, outras distantes demais, rendem-lhe um valoroso conhecimento – o que se tem por autodidatismo. E o natural, em tais casos, é um aprendizado espontâneo, processo que assegura, mais que a memorização, a fixação indelével do que se viu (e se assimilou). Antes dos 20 anos, é nomeado Juiz Municipal para a Comarca de Bela Vista – que cobria uma grande área no Sul de Goiás, um Estado cujo território supera os 700 mil quilômetros quadrados e uma extensão superior a dois mil km, de Norte a Sul. Funcionário hábil em questões de terras, assume direções de jornais aos 21 anos e abrevia seu nome para Cylleneo de Araújo. Ato contínuo, adota o nome literário pelo qual se faz conhecido – Leo Lynce (anagrama de seu nome). Envolve-se em política, é perseguido, muda-se para o Rio de Janeiro, depois para Uberaba, retorna a Goiás e vive em várias cidades (Jataí, Palmeiras de Goiás, Catalão; elege-se deputado e, na capital (Cidade de Goiás), começa o curso de Direito. Vive, por curto tempo, em Campos de Goitacazes, no Estado do Rio, retorna a Goiás.

Vida muito ativa, pois, com intensa atividade no jornalismo e na Instrução. Em 1922, empolga-se com as notícias acerca da Semana de Arte Moderna – é nesse mesmo ano que produz o poema *Goyaz* (que não pode ter seu título mudado para a grafia *Goiás*, pela exaltação do Y na terceira estrofe. O poema, com estrofes ora de seis versos, ora de cinco e, ainda, com sete versos, tem nítida integração com os propósitos dos literatos do movimento, em especial com as ideias dos Andrade – Mário e Oswald.

1945 – RESOLVI NASCER, QUE A VIDA ETÉREA IMPEDIA-ME DE PRATICAR A ESCRITA COM GRAFITE OU TINTA SOBRE O PAPEL

Viriam outros tempos tediosos: um golpe político em 1930, uma efervescência em 1934, muito barulho em 1937 e. no final da década, uma guerra por demais sangrenta na Europa, com reflexos inevitáveis no Novo Mundo. O conflito teve reflexos amplos, chegando a perturbar a paz dos pachorrentos sertões de Goiás. Por tantas assim, decidi por outra coisa – materializar-me por estes cerrados e veredas, com prioridade para as tépidas águas das Caldas – as Velhas, as Novas e as de Pirapitinga.

Nasci, então.

Alguns estudiosos entendem como marco da modernidade literária em Goiás com sendo 1928, ano da publicação do único livro, em vida, pelo autor: **Ontem**. O poema *Goyaz*, porém, foi escrito em 1922, nas proximidades de 9 de novembro – data de fundação da cidade de Pires do Rio, nascida em torno da nova estação “no fim da linha” da Estrada de Ferro Goiás.

Aqueles seis anos de intervalo entre *A Semana* e a publicação de **Ontem** foram ignorados pelos poetas locais, ainda fixados nas marcas do Romantismo e do Parnasianismo.

APENAS 41 ANOS...

E a Semana de Arte Moderna, em São Paulo, refletiu-se em 1922 na pena sensível de Leo Lynce, quando um pequeno grupo se reunia em torno de um obelisco para marcar o surgimento de uma nova cidade em ponta de linha férrea, nestes confins de Goiás; críticos e pesquisadores precisaram de um livro em 1928 para saber dessa estreia, que só encontra eco, de vez, a partir de 1963, com a surpreendente revoada de versos livres por um bando de jovens impertinentes que se identificavam como Grupo de Escritores Novos.

Ainda assim, e ainda desde 1963, não são raros os proadores que insistem num linguajar anacrônico, com palavras em desuso desde os antecessores de Machado e Lima Barreto. Também ainda surgem poetas que elaboram uma narrativa curta o bastante para não passar de cinco linhas de prosa que, a esmo, são cortadas em supostos versos e espalhados na página – muitos deles, em nome de uma modernidade personalíssima que nada tem a ver com modernismo, sem pontuação e sequer com o uso de maiúsculas.

E a estes, surpreendentemente, retornam comentários e críticas feito *alvíssaras* em tons de *retardos*, expondo críticos sem lastro intelectual nem apego à arte das letras. Menos ainda a princípios os mais *comezinhos* da Última Flor do Lácio, conceito que tais *beletristas* podem bem atribuir a Bandeira – ou a Neruda, sabe-se lá!



A MULHER DE PAGODIM NA SEMANA DE 22

MARIA HELENA CHEIN

Costumava saber de tudo, a mulher de Pagodim. Ah, a mulher de Valteres Ilídio Pagodim! Enfeitava qualquer lugar, sala de concertos, igrejas, velórios, cafeterias, aniversários, com seu deslumbramento pela vida. Era perfeita, ou quase. O que a enfeava era a unha roxa do dedão do pé esquerdo, machucado quando quis levantar, do chão, o andor de Nossa Senhora das Dores, para seguir a procissão. Deu um gritinho, e a fileira de homens correu para ajudá-la, alguns com lenços alvos, cheiro de alfazema ou flores do campo, outros com o vidrinho de água benta guardado no bolso do paletó. O mulhério dava de beijos, ronronando, olhavam umas para as outras, naquela vontade de estrangular a mulher desaforada de bonita.

Maria Estela Ramos de Siqueira Pagodim, Telinha para aqueles bem próximos, os de sempre, era flor que se abria todos os dias, na janela bege do sobrado *Art Déco*, de fachada desenhada com linhas simétricas, bem destacadas, em uma rua silenciosa de São Paulo. Telinha dava notícia de tudo. Lia os jornais, conversava com as moças das lojas, ávidas para vender as sedas, rendas e cetim que chegavam da Europa. E ouvia atenta o Padre Nicolau, quando vinha para jantar, cheio das novidades que pingavam entre os cálices de vinho português ou de licor, que saboreava de olhos fechados, estalando a língua e arremessando suspiros ar fora. Pagodim, sempre solícito, enchia os cálices e taças, antes de se esvaziarem, para gosto e alegria do amigo. Telinha falava

dos livros que lia, de poesia ou prosa, que seu romance preferido era *O Crime do Padre Amaro* e, com muito enlevo, seguia seu autor, Eça de Queiroz.

Então, ela soube. Ao experimentar o terceiro sapato, naquela loja cheia de tudo, ouviu de um freguês, hesitante entre a gravata de risquinhos e a lisa, que a capital ia sediar um acontecimento inusitado, *acompanhe pelos jornais, a coisa vai ferver*, disse-lhe. O homem empoadado era um dos amigos de Mário de Andrade, de quem ela leu o livro *Há uma gota de sangue em cada poema*, do qual guardou para sempre o verso “Ser feliz é ser grande. Imenso de alma,/ ainda que o coração se lhe dobre...”

Pagodim sentava-se para o café da tarde, contente consigo mesmo, pois havia fechado um excelente negócio, quando ela entrou, tal sol que arde a pele, alegria dividida e aquele sorriso debulhado no fogo de que era feita. Um anjo, um demônio?! Desejou ir à Europa, capricho da época, foi. Quis um professor de piano, conseguiu. Estudou francês, ouviu suas músicas na vitrola novinha, contratou novos empregados e pulou de contente com a chegada do Ford. Possuía tudo? Sim. Feliz? Sempre. Amava o marido? Muito. Mas por que ela era assim? Perguntavam todos. Porque ela era Maria Estela Ramos de Siqueira Pagodim. Então, com seus modos de moça refinada, pertencente à alta burguesia, aproximou-se do amado, passou os dedos em seu rosto e falou da novidade marcada para breve, a Semana de Arte Moderna de 1922. Eles iriam, claro, como não? *Não posso, vá você. Ao menos um dia, amor. Não posso, vá você, amor. Vou mesmo, convidarei uns amigos.*

O único que se dispôs a ir foi Deodato. Com um nome assim, o marido nem sentia ciúmes. Essa mulher não tinha o que fazer? Perguntavam entre cochichos e muxoxos. Tinha, sim. Ela não parava. Acompanhou a programação do evento pelos jornais, rádio e nas conversas com Padre Nicolau, sempre bem

informado, principalmente, com as notícias vindas de Portugal. A empolgação crescia num emaranhado de ideias e suposições. Diversos países da Europa agitavam-se frente às novas perspectivas da arte e seus segredos. Nossos escritores e artistas iam romper com o conservadorismo vigente, construir uma identidade brasileira, diferente do que se fazia.

Roupas novas saíram das caixas e vestiram aquele corpo de vinte e oito anos, reluzente de vida e de coragem, corpo de alma sem mistério, guardiã, porém, de desejos que só o marido, pouco a pouco, conhecia. E os cabelos bem cuidados, a pele de cetim, a boca chamativa. Ao amado, todas as ofertas do amor e suas festas. Em meio aos inúmeros motivos que a noite prometia, Telinha e o amigo Deodato foram ao primeiro dia da Semana de 22, dia 13 de fevereiro, segunda-feira. Na realidade, seriam apenas três noites. O Teatro Municipal estava cheio. Um ar de expectativa nos rostos de todos os presentes. Ela aplaudiu o escritor Graça Aranha e sua fala sobre *A Emoção Estética da Arte Moderna* e os “horrores” que começavam ali e àquela hora, com exposição de artes plásticas, a poesia liberta e a música extravagante. À saída do Teatro, ouviam-se comentários, opiniões impactantes a respeito do momento desafiante e novo. Ninguém entendia nada. Nem Telinha, que repetia para Deodato “que loucura”, enquanto sorria, sem compromisso. No entanto, estava instaurado o movimento que mudaria o contexto cultural brasileiro.

Deodato devolveu, ao amigo Pagodim, a mulher linda e sem nenhum estrago. E Telinha, logo, contou ao marido, as perturbadoras novidades do evento. Ela teria que arrumar companhia para a segunda noite. Deodato ia viajar. Duvidou da viagem, não por ter que a acompanhar, mas pelo programa que em nada lhe dizia respeito. Era pouco afeito aos gostos requintados pela cultura.

Telinha encontrou Dona Emerenciana, um tanto conver-

sadeira, que gostava de exibir as joias em festas ou atos públicos, e sua protetora, desde que a conheceu. As duas mulheres prepararam-se com esmero. Na quarta-feira, entraram gloriosas no saguão do Teatro Municipal de São Paulo, que não estava tão cheio, a mais moça absorvendo todos os olhares e inveja sem fim. Após a apresentação musical e palestra do escritor Menotti del Picchia, a celeuma estabelecida foi por conta do poema *Os Sapos*, de Manuel Bandeira, leitura de Ronald de Carvalho, pois o autor padecia com a tuberculose. Indignação da plateia, que considerou um insulto à poesia parnasiana.

Na terceira noite, pensa se Telinha desejou ir ou não? Imagine se iria perder a última noite. Quem seria sua companhia, pois Dona Emerenciana amanheceu com uma forte gripe? O próprio marido, o ocupadíssimo Pagodim, atento à sua indústria cafeeira, mas curioso para ver de perto a tão discutida Semana, afinal, os jornais não se cansavam de publicar artigos e opiniões sobre as desordens armadas pelos intelectuais e artistas de São Paulo e do Rio de Janeiro. O casal chegou, cumprimentou um ou outro conhecido, ele bem à vontade com sua mulher, acostumado a vê-la admirada por sua incomum beleza, e confiante em si mesmo, pois além de rico, era um belo homem. O teatro estava mais vazio. Quando o músico Villa Lobos subiu ao palco, de casaca, com um chinelo em um dos pés, o público vaiou, pensando que ele queria chocar a assistência. Nada mais era que um calo a incomodá-lo. À saída do teatro, Padre Nicolau aproximou-se dos amigos e aceitou o convite para jantar, no outro dia.

Mais um dos inúmeros cálices de vinho, tomou o padre, e ainda degustou a Cachaça 22, uma das referências de resgate de nossa brasilidade, escolhida a bebida oficial da Semana da Arte Moderna. Convidado também, o professor Álvaro, estudioso de Literatura, sentia dificuldade de tirar os olhos da fulgurante mulher, bem à sua frente, mas conseguiu, Deus seja louvado! Forte

e seguro como nunca, disse que ia resumir na frase do pintor Di Cavalcanti, o que os escritores e artistas pretendiam: *Seria uma semana de escândalos literários e artísticos, de meter os estribos na barriga da burguesiazinha paulista*. Continuou falando que havia a burguesia do café, da indústria, os filhos estudando na Europa, aliás, foi lá que alguns de nossos escritores buscaram o motivo para tal acontecimento, queriam romper definitivamente com os padrões estéticos da época, ir contra a formalidade, a arte pela arte. Tencionavam valorizar a cultura e a identidade brasileira. Era um grupo pequeno, mas ousado, irreverente, corajoso. Álvaro parou de falar, e o silêncio foi quebrado com a voz de Pagodim: *Um brinde ao novo, ao que há de ser, sob as bênçãos de Nosso Senhor Jesus Cristo!* Vinho, risos e palavras recolhiam aquela noite de verão. Maria Estela pediu licença para retirar-se e, de repente, o mundo do professor ficou minguado, triste e abafado. Nele, já não cabiam Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Plínio Salgado e tantos outros que revolucionaram nosso universo cultural. Eles foram o começo de tudo. O começo do voo livre nas Artes e na Literatura, sem que se perdessem o alicerce construído antes e o legado das grandes obras. Perto da meia-noite, a última luz do aposento quieto apagou-se quase devagar.

Se Maria Estela Pagodim morasse ainda naquele sobrado *Art Déco*, estaria lendo um dos excelentes livros de autores goianos, prosa ou poesia, enviados por mim, que a conheci tão bem. Como não?



A CIDADE ANTROPOFÁGICA

PABLO MATHIAS

“Será necessária uma cidade voraz, que absorva toda a força e magnetismo do paralelo 16 e meridiano 49. A cidade deverá ser a motriz tecnológica, o coração pulsante nacional. Suas aortas, artérias, veias e femorais serão desenhadas e sustentarão o fluxo dos corpos que serão devorados pelos dias e noites agrestes para depois regurgita-los em felicidade. A cidade antropofágica.” Oswald acordou assustado e suando. Estava sozinho em seu apartamento da Líbero Badaró. Levantou, acendeu um cigarro e, pela janela que lhe escancarou a madrugada paulistana, soprou sua inquietação com o sonho. A imagem da figura bíblica, lhe apontando o dedo e dedicando aquelas frases impositivas, ainda era cristalina em sua visão. O timbre da voz, nítido em seus ouvidos, contrastava com a avenida silenciosa abaixo de seu apartamento. Era preciso criar uma cidade que seria a fusão de tudo o que eles vivenciaram na semana de 22. Era preciso atingir aquelas coordenadas.

Oswald cruzou o Rio Meia Ponte no começo da tarde. O carro puxado por curraleiros seguia lento pela estreita trilha que cortava o cerrado. Os animais estavam atados às carroças desde o nascer do sol e, às margens do Córrego Botafogo, foram liberados para descanso. Oswald se encontraria com um emissário do governador no dia seguinte. Viriam de Vila Boa de Goiás. Apesar do cansaço e da poeira, Oswald rabiscou em sua caderneta algumas frases do que ele gostaria que fosse seu manifesto arquitetônico urbanístico. Com o cair da noite, acenderam uma

fogueira próximo a um buritizal. A brisa fresca que soprava da vereda, o aroma do brejo e o geógrafo que os acompanhavam repetindo, sempre que questionado, que estavam nas coordenadas indicadas, fizeram com que o sono de todos fosse reparador.

Quando acordou, Oswald estava sozinho, havia um barulho urbano difícil de identificar. Sua vista, ainda turva, o deixou em pânico. Havia um volume de gente, de concreto e de agitação que ele supôs estar dormindo. Caminhou perdido por uma trilha calçada e avaliava cada passo. O som metálico e os chiados onipresentes o assustaram. Começou a suar frio sob seu terno claro e amassado do dia anterior. Cruzou por diversos passantes. Com dificuldade de se localizar, atingiu um prédio e achou que ali poderia procurar ajuda. Buscou uma entrada e foi recepcionado por um imenso cavalo de metal. Um cartaz no corredor dizia: 100 anos da semana de arte moderna. Gostou da temática ser futurista. Mal tinham acabado de apresentar e já estavam projetando a semana cem anos para frente. Viu um quadro, uma mulher em uma sacada, vestida de branco. Reconheceu os traços. Na identificação lateral leu: Anita Malfatti, Mulher do Pará – 1927. “Onde estou?”, perguntou a um jovem rapaz. “Museu de Arte de Goiânia”, respondeu-lhe sem muito interesse. Oswald saiu do prédio tentando buscar ar. O que estava acontecendo? Não parecia sonho. “Onde estou? Que lugar é esse?”, perguntou aflito ao segurança na porta do museu. Foram tantos questionamentos que o homem o tomou por doido e quando ele se preparava para conter o visitante atordoado, uma turma de estudantes que, escutando-o falar que tinha um encontro com o governador, se ofereceu para acompanhá-lo até a Praça Cívica. No caminho, a imensidão e velocidade da cidade o deixaram mais transtornado. Era impossível aquela humanidade em 1925.

Diante do Palácio das Esmeraldas, admirou o prédio e a arquitetura. Era isso que ele tinha visto em seu sonho. O barulho

e a desordem envolta daquele largo não estavam tão intensos quanto sonhara, mas era justamente aquilo que seus pensamentos haviam projetado e o guiado até aquele ponto geográfico. Disse a um grande homem de terno que teria um encontro com o governador. Precisava lhe dizer seu manifesto arquitetônico. A cidade antropofágica. Pedro Ludovico precisava escutar: “Goyazes levantem-se! Avante seus arpões e flechas. Ergam seus martelos e ferramentas. Urbanos! Mastigados pelos dentes de tijolo e concreto, digeridos pelo ácido solo – Cerrado. Guarás, seriemas, teiús, levantem-se! A cidade, traço imortal parisiense, será decolonial. O sertanejo vinagrá...”

Acordou com o dia amanhecendo em seu apartamento na Libero Badaró. O travesseiro e o lençol encharcados de suor. Acendeu um cigarro e teve a certeza que o coração do país seria a expressão de sua semana. Uma cidade modernamente brasileira, engolindo as culturas diversas e as regurgitando em urbanidade.



OS SAPOS NA SEMANA

RAFAEL FLEURY

Pela rua ao lado destro do Municipal de São Paulo – dele mesmo, visto por ele, fosse uma pessoa –, vinha pulando um sapo, saindo da penumbra. Na verdade, eram três sapos. Uma tríade. Vinha um mais à frente – não estava muito enfunado –, mas vinha saltando.

Devo retificar-me uma vez mais: eram, na verdade, quatro sapos. Perdoem-me pelo lapso... O quarto vinha mais atrás. Quase ninguém nem sequer o conhecia – e não o conhece – como sapo, mas fato que é. Não era bem um sapo, mas era também... Bem, como poderíamos explicar... Enfim, vinha também pulando...

Depois de muito pular e pular e pular, aquela canseira em forma de sapo, em passos de sapo, em jeito de sapo, em cantos de sapo, em versos de sapo, em rimas de sapo, chegaram num ponto em frente à esquina do Municipal, a certa distância dela, rumo do vértice direito da bela fachada – aliás, em estilo eclético.

Pararam ali os quatro anfíbios a apreciar o belíssimo prédio do Municipal da terra da garoa. Apreciavam, mas não se deixavam descuidar de suas próprias vidas. Sim, claro. Não se podiam distrair demasiado a ponto de lhes custarem suas infaustas vidas coaxadas. Ali estavam a pular e a viver o tempo, curtindo a segunda-feira da semana, mas sempre alertas por suas vidas. Que, como cediço, vida de sapo não é fácil. É marcada a vida do sapo por infortúnio e por desgraça. Pobrezinho o sapo, inocente e indefeso, de passagem pelo mundo, quase sempre, envilecida.

Tetricamente, qual sói vir da parte de alguns estultos, o sapo está sempre sujeito a levar um chute – quando mais caprichado, desferido por moleque rapaz duns quinz’anos, passa a se chamar “bicuda”, como se diz no interior –; está sujeito também a levar

uma rodada – o que já é de mais costume das mães ou avós, enfim, tal expediente é mais típico das senhoras de meia-idade, ou de meio-dia para tarde: empurrá-lo e repeli-lo com rodo –, se bem que, não raro, também não está ileso a levar as – já mais clássicas e consagradas – vassouradas.

Sujeita-se o sapo, bem ainda, a ser xingado, enxovalhado e vergastado, passível de toda a sorte de desonra e humilhação, imerecidas: “Que merda!”, “Porra!”, “Bosta!”, “Que horrível!”, “Nojento!”, “Asqueroso!”, “Cruz credo!”. São, deveras, quase sempre interjeições de cunho ignominioso, cuja essência é o xingamento mesmo e a ofensa pura e simples ao pobre bichinho – fundamental, já vamos dizer, na cadeia alimentar e na fauna e no bioma e na biologia e na arte (também) e no soneto e na bio: vida –, de forma que é tão malfadado o sapo que até em interjeições que, à primeira vista, sem palavras, per si, vis – e, ao contrário, até belas –, revestem-se, ao contexto, de carga semântica nocente, só pelo saber-se dirigidas a um sapo: “Minha Nossa Senhora!”, “Meu Deus!”, “Jesus amado!”. Sujeita-se, assim, o sapo, por conseguinte, a grandes e severos abalos psicológicos, que não é qualquer um que aguenta viver uma vida como – injusto – símbolo de asco e abjeção.

O sapo, igualmente, sujeita-se a ser pisado – que crueldade hedionda –, sim – como dói imaginar –, sujeita-se a ser pisado, e, assim, desventrado, estourado, estripado pela força da pisadura, como fosse um coitado balão em forma de sapo que, uma vez pisado, explode, esbugalhando suas tripas, suas vísceras, seus ânimos, seu sentir, suas coisas internas e, pois, também sua alma, já que costuma, destarte, morrer. Está sujeito, outrossim – Oh! Inditosa e coitada criatura! –, a ser repellido, enxotado, por meio de uma técnica – entre toda a sorte de técnicas funestas que o maldoso engenho humano já se diversificou para livrar-se dos sapos – mais usada entre os mais jovens, mais comum entre os mancebos, que é a abjeta prática – antiga e dolorosa – de jogar

sal sobre os sapinhos, no único intuito de que saiam pulando para longe de onde quer que esteja o dispensador de sal. Malgrado se pudessem enumerar diversas outras, nesta última forma de violência contra os sapos – a salgada, ensinada, em criança, aos guris do interior –, encerra-se, por aqui, tal dantesco rol.

Fato é que o sapo é destino de todo o escárnio e nojo e repulsa de grande parte da sociedade – o que é, porém, uma grande injustiça, não sendo das melhores metáforas para quem se diz moderno, mas deixe estar... –, é objeto das palavras do campo lexical mais negativo e indecoroso, sempre ligado ao repugnante, ao enjeitado e quejandos, o que, em última análise, mira o desígnio claro de todos os que odeiam os sapos: seu assassínio. Quem odeia sapos quer, quase sempre, sua morte. Os detratores mais moderados, que talvez não queiram a morte, anseiam, no mínimo, seu exílio.

Pois bem, o que importa é que ficou claro que vida de sapo não é fácil. É uma vida de quase sempre sobrevivência. É uma vida – quando próxima de humanos – sempre alerta, vigilante, atenta, ante um sempre iminente próximo ataque, uma próxima afronta, um próximo rompante de ódio antissapo, um próximo opróbrio.

Conseguiram ficar até um bom tempo contemplando o magnífico teatro. Muito mais que o usual que ficariam até que fossem chutados, esmagados, enxotados ou salgados. A verdade é que ninguém, naquela noite de gala, nem sequer repararia neles. Era, a propósito, uma boa ocasião para sapo frequentar teatro. Ensejo único. Azo inigualável, já que ninguém nem os veria, muito focados em coisas mais importantes os convidados e os participantes, de modo que ninguém teria olhos para sapos. E mesmo que alguém os visse, deixaria passar – numa falsa atitude de compaixão, travestida, na verdade, de pressa e de empáfia –, que ninguém perderia tempo, nobres da Semana.

De todo modo, eram sapos deveras diferenciados – adjetivo ignóbil, para retratar a grã vileza contra os sapinhos. Eram sapos

muito nobres, ínclitos, cultos, ilustrados, rimados, decassílabos, digamos que fossem sapos poetas, ou, quiçá, herdeiros de Petrarca. Sapos como aqueles eram raros. Eles amavam cultura, arte, erudição, literatura, poesia. Honravam e engrandeciam a estirpe dos sapos. Assim sendo, aqueles sapos, por óbvio, amavam teatro. Ainda mais um Municipal como o de São Paulo. Queriam participar daquela efervescente Semana de 22. Queriam entrar no teatro e assistir à conferência de Graça Aranha para ver no que dava. Queriam ver e apreciar as obras de arte moderna pelo saguão do teatro. Quanta curiosidade... Quem sabe não haveria algum quadro de sapo... Naquela Semana de Arte Moderna seria a única chance de encontrar um desses. Excelente ensejo para tanto. Antes, jamais.

Então ficaram ali namorando uma das imensas portas do Municipal. Desejando, avidamente, passar por alguma delas. Apesar de todas as circunstâncias propícias a entrarem, o medo era maior e acabaram cedendo, ficando de fora, só na vontade. Querendo ou não, era perigoso entrar. Nunca se sabe o que esperar de caprichos de quatrocentões... Vai que matassem os quatro sapos só para fazer arte moderna... Eram sempre muito reflexivos, prudentes e ariscos os quatro. Assim, não entraram. E assim ficaram a Semana inteira: sempre chegavam até a esquina do teatro e ficavam admirando todos entrarem, só no anelo de fazerem o mesmo, mas sem coragem e sem credenciais para tanto.

Quando deu sábado, colocaram-se, novamente, os quatro em frente ao vértice direito da fachada do teatro, no mesmo lugar de sempre, a certa distância do prédio. Tão sozinhos e desejosos de ver tudo o que ocorria lá dentro...

Pois então que a semana passou. Acabou a Semana. E pois que o que tinha de ocorrer lá dentro ocorreu e os convidados foram saindo, e foram saindo, por derradeiro, os idealizadores, organizadores, etc., os artistas modernos.

Manuel Bandeira também saiu – embora sequer tenha ido (pois, de fato, nem foi à Semana – por causa da tísica –, mas

aqui, nestas glosas inúteis, para todos os efeitos, ele foi, sim, ora bolas! Deixe-me com minha invencionice! Licença, que aqui a Semana é minha, ledor atrevido! Aliás, das coisas loucas – e boas – que à própria Semana agradaria: fazer essas digressões absurdas e patéticas... Aff... Mas, a propósito, estou apenas a seguir a máxima de Mário, um dos modernistas: conto é tudo o que o autor diz que é conto... E ponto. E assim ele ajudou o serviço de tantos contistas... Mas enfim, voltemos à contação...).

Manuel Bandeira também saiu. Galante, veio descendo os degraus com seu costume branco, sendo o paletó estilo jaquetão com botões dourados, gravata bonita de fundo azul marinho com listras grossas cor vinho. Vinha conversando com Ronald, inclusive, felicitando-o pela declamação de seu poema, feita dias antes, até que, descida toda a escadaria, já na calçada, despediram-se, porque um carro esperava Ronald, em frente ao teatro, e outro viria buscar Manuel, talvez daqui a 15, 20 ou, quiçá, 30 minutos.

Assim que andando mais à frente pela calçada, à espera do auto, viu aqueles quatro sapos reunidos em meia-lua, compenetrados entre si, sapos donairosos, clássicos, de boa compostura, como estivessem em reunião solene, como, de fato, conversassem qualquer assunto muito crucial, qual discutissem qualquer centenário de independência (o que já seria importante, pois qualquer centenário é centenário e qualquer independência é independência, ou não?) ou o desfecho da Primeira Guerra ou o sorriso da Gioconda ou *Le Penseur* de Rodin ou *Le Parnasse Contemporain* ou outros assuntos de interesses nacional e global que também muito interessam mesas cultas de botequim.

Qualquer coisa naquela cena chamou a Manuel a atenção. Resolveu, cautelosa e discretamente, aproximar-se do distinto quarteto anfíbio, de tal forma que não percebesse sua aproximação. Mas isso não foi possível por mais que três ou cinco passos de Manuel em direção a eles. Já que os sapinhos, malgrado conversassem entre si, não paravam, concomitante, de mirar a

fachada do Municipal e suas gradas portas, primeiro, pela conduta vigilante de cuidado contínuo por suas vidas, como explanado, mas, principalmente, por acompanharem, atentos, a saída de tanta gente *chic* e importante, da alta sociedade paulistana, o que se costuma chamar de escol da cidade.

Os quatro perceberam, então, a chegada de Manuel. Como já o conhecessem de nome, pela fama, não sentiram medo. De mais a mais, pensaram, de pronto, que ele não queria ser mal falado na sociedade e na imprensa por assassinar quatro sapos indefesos em frente ao Teatro Municipal de São Paulo. Não seria um grande, mas talvez fosse um pequeno escândalo, escândalo módico, daqueles de elite – na categoria dos banais, lógico, que a elite quando quer um dos grandes, ah... Vêm requintados, grandeza infame... – talvez fosse escândalo ínfimo, bem-comportado, de duração de 2 ou 3 dias nas bocas sequiosas e malélicas – pois, há um século, as coisas duravam mais, até os pequenos escândalos. Mas, enfim, não queria nem um pequeno. Além do quê, era também um poeta, como os sapos, ultimando estes, pois, que haveria de haver qualquer compaixão ou simpatia ou afinidade mínima que fosse entre eles. E, bem ainda, já tinham ouvido falar que Manuel não aquiescia com demasiada ferocidade contra os sapos. Enfim, ligeiramente, concluíram, em consenso uníssono, que aquele poeta modernista não os chutaria, xingaria, insultaria, pisaria, esmagaria ou salgaria.

Manuel chegou defronte à roda de amigos, digo, a roda de anfíbios, e cumprimentou-os, ao que responderam os quatro sapos, educadamente, confirmando a polidez e a galhardia que lhes eram peculiares.

Manuel não se assustou muito com o fato, talvez ainda insólito, de sapos falarem e saudarem humanos. Afinal de contas, modernistas estão preparados para tudo, melhor dizendo, naquela época da Semana, para quase tudo, menos para alexandrinos franceses, ou brasileiros que fossem. Então Manuel perguntou o

que faziam ali, tendo eles contado o que lhe contei. Lamentou Manuel o fato de não terem entrado e apreciado as apresentações, as exposições, as obras de arte e tudo o mais modernista, asseverando que teriam sido muito bem recebidos.

Os quatro agradeceram pela grande gentileza, mas, num pensamento simultâneo entre todos, nenhum acreditou muito.

Manuel explicou um pouco o movimento, contou um pouco o que acontecera nos dias da Semana, etc. e tal. Por sua vez, os sapos, com certa modéstia, falaram um pouco de si, e, por fim, o sapo Bilac foi direto ao ponto com Manuel (revelando o motivo precípua de terem ido para o Municipal e ali ficado toda a Semana, algo que, até agora, nem eu contei...): – Senhor Manuel, o verdadeiro motivo de termos vindo para cá e cá ficado toda a Semana era mesmo encontrar o Sr. Foi providencial que o Sr. tenha vindo ao nosso encontro, pois é vital para nós conversarmos. Pois bem, ocorre que somos sapos poetas. E mais, somos sapos do seu poema. Isso mesmo: somos quatro sapos parnasianos, quer o Sr. odeie ou não. No caso, sabemos que odeia, talvez pelo menos um pouco, porque para um poema daquele há que se ter alguma – ou muita – pitada de ódio de nós. Nossos nomes são Olavo, Alberto, Raimundo e Joaquim Maria. Mas, enfim, não éramos sapos. Éramos pessoas mesmo, normais. Viramos sapos no exato instante em que o Sr. escreveu a última palavra do último verso livre do seu poema sobre nós. Seu poema teve alguma espécie de encanto modernista que nos transformou em sapos de verdade. E isso descobrimos por meio de consulta a uma cartomante da confiança do Joaquim Maria. Então viemos aqui para simplesmente fazer um pedido ao Sr. Coisa muito simples, que pode até lhe parecer arcaico, démodé e cafona – e que, aliás, muito nos envergonha –, mas é estritamente necessário...

– Meus diletos sapos poetas, primeiro, fique claro que não os odeio. Confesso que, em certa medida, até os admiro por alguma cousa. Devo, ainda, confessar que estou absolutamente

perplexo com o que me acaba de contar, Olavo! Como pôde um simples meu poema tê-los transformado em sapos?! De todo modo, se mo contam, crê-lo-ei. E então me digam, podem pedir o que querem, que, se ao meu alcance estiver, farei com gosto.

– Então, Sr. Manuel, precisamos, na verdade, de duas coisas para quebrar o feitiço do seu poema: primeiro que declame aqui agora em frente ao Municipal de São Paulo um soneto parnasiano e, em seguida, beije-nos os quatro. Ah, e tudo isso tem que ser antes da estrela da manhã.

De súbito, Manuel se opôs: – Qual o quê, meus caros sapos! Aí também já é demais! Aí vocês passaram de todos os limites!... Não! Não! Não! Jamais! Isso é um absurdo para mim! Declamar um soneto parnasiano?! Não! Isso não!

– Então, concorda em, pelo menos, oscular-nos? Perguntou Raimundo.

– Não disse que concordo em beijar, mas declamar está fora de cogitação. Acabo de sair da Semana de Arte Moderna e me querem declamando um soneto?!? Isso seria um escândalo na cidade, e dos grandes. O que diriam todos? Um absurdo completo! Uma paranoia! Uma mistificação! Um desvario! Não! Não!

Joaquim Maria tentou persuadi-lo num golpe direto, com toda a sua perspicácia: – Sr. Manuel, primeiro, devo salientar que não somos sapos poetas, mas poetas sapos, pelas adversas circunstâncias que já lhe deu a conhecer Olavo. E, depois, se o Sr. fosse um sapo modernista – a isso transformado por culpa minha de algum eventual poema encantado meu, remotíssimo – eu lhe leria, sem pejo, um de seus poemas modernos e até lhe daria, sem libertinagem, um beijo para que deixasse essa aborrecível e tão mortífera condição de sapo.

Um silêncio solene se fez entre os cinco. Esse argumento tocou fundíssimo no coração de Manuel, inspirando nele, ao mesmo tempo, remorso, piedade e compaixão pelos pobres sapos. Pensou detidamente durante alguns instantes. Em seguida, pronunciou-se:

– Tudo bem... Se eu lhes causei essa acerba condição – ainda que sem jamais imaginá-lo e nem querê-lo – farei então o que me pedem.

Olavo, então, tirou do bolso de sapo – não me perguntem como e nem onde – um manuscrito com um soneto. Manuel abaixou-se e pegou o papelzinho. Declamou o soneto. Era um soneto bem parnasiano, todo metrificado – heroicos, todo rimado e coisa e tal. Manuel não poderia esconsar seu desconforto, mesclado, entanto, com duas ou três gotas de apreciação e de beleza. Eis que declamou. Os quatro aplaudiram.

Feito isso, devolveu o papelzinho para Olavo, que o voltou à algibeira anfíbia. Agora só faltavam os quatro beijos.

Assim que, um por um, Manuel se agachava, pegava com as duas mãos, erguia-se e beijava. Fez assim com os quatro. Cumpriu, pois, o que lhe haviam pedido.

O que correu, a seguir, foi o mais óbvio e clichê, beirando a conto feérico. Imediatamente, onde estavam, ali mesmo, em frente ao Municipal, formaram-se pequenos ciclones mágicos, com mechas de raios dourados no vento, em torno de cada sapo. E os pequeninos ciclones foram crescendo à medida em que os bardos anfíbios tomavam suas feições humanas de novo. E, em coisa de segundos, já eram novamente príncipes, digo, homens.

Então os sapos voltaram a humanos e Manuel não virou sapo.

Logo em seguida, os quatro agradeceram enormemente a Manuel, prometendo, até, dedicar-lhe sonetos. E Manuel ficou contente pelo final feliz, até sorriu. Ainda, prometeu-lhes também versos livres, contudo, desta vez, mais graciosos.

Surgiu, pois, um sentimento de afeição entre todos. Afinal de contas, tinham ocorrido até beijos naquela noite. Manuel falou:

– Vamos marcar um jantar na casa de Tarsila... Ela precisa pintar essa história...

E, como se lembrasse do detalhe, acresceu: – Assim que voltar de Paris...



A MODERNISTA

SIMONE ATHAYDE

Eu sabia que eu ia *chegar chegando*, que iria *abafar*! Nem sei se essas gírias ainda estão na moda nesse começo de 2022, no ultrarrápido século XXI, mas de *quando* eu vim, há cem anos, minha chegada foi mesmo um *arraso* (no bom e no mau sentidos)!

Cem anos! Nossa, como o tempo passa rápido! Eu quase posso sentir a relatividade preconizada por Einstein como algo vivo passando por meu corpo (se eu tivesse um)!

Você deve estar curioso para saber quem sou.

Cheguei para colocar um novo foco na arte, um olhar diferente e irreverente, mesmo que muitos o tenham dito “estrábico”. Naquela época, reuni-me com meus amigos, todos ansiosos por liberdade criativa, em busca de uma arte liberta de paradigmas que considerávamos ultrapassados, por uma nova forma de expressão caracterizada pelo subjetivismo, em que a arte não fosse ela mesmo considerada sinônimo de beleza, posto que a beleza, na nossa visão coletiva e revolucionária, não é experienciada de forma igual para todos.

Por falar no *belo*, um dos estopins para o nosso encontro foi a exposição de Anita Malfatti em 1917, na qual minha amiga, influenciada por seus estudos na Europa e nos Estados Unidos, trazia de lá as referências expressionistas. Anita era uma mulher corajosa, à frente de seu tempo, e resolveu mostrar aos brasileiros sua arte, bela sim, mas cheia de um estranhamento que a maioria ainda não estava preparada para receber. Oh, qual foi a decepção dessa artista quando leu a crítica corrosiva de Monteiro Lobato no jornal O Estado de São Paulo! Sim, aquele mesmo Lobato criador dos simpáticos personagens que

ela tanto admirava, como a peralta boneca Emília e a amorosa Tia Nastácia, usava cruéis adjetivos para descrever a exposição de minha amiga. Acostumado a pensar que só havia uma forma de representação na arte, que fosse fiel ao real, o escritor viu as distorções produzidas pela pintora como aberrações sem fundamento, uma nova espécie de “caricatura”. É certo que ele ainda tentou apaziguar um pouco as duras críticas ao dizer que Anita era dona de um “talento vigoroso, fora do comum”, e que havia marcas dele em “qualquer daqueles quadrinhos”, mas o estrago já estava feito. Anita foi execrada, seus quadros foram devolvidos e vilipendiados, e isso tudo lhe causou desânimo e uma profunda tristeza.

Se nossa pintora não desistiu de seus ideais, forjados nas Vanguardas Europeias, foi porque ela encontrou apoio em outros artistas brasileiros que, assim como ela, pensavam que a arte precisava se expandir, ir além do academicismo, do padrão clássico, das ideias totalitárias e desses ultrapassados paradigmas.

É aí que começa a minha história.

Quando esses artistas maluquinhos e desbravadores, tendo à frente Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, Tarsila do Amaral, Mário de Andrade e a própria Anita, resolveram se unir e fazer um evento barulhento, um grande manifesto pela arte moderna, eu nasci. Eu sou a Semana de Arte Moderna de 1922.

Querido leitor, está estranhando que eu, uma velhinha extravagante de cem anos, uma abstração, possa estar me dirigindo a você neste texto? Se não estranhou, esse é um dos legados do Modernismo e, é claro, meu também. Depois do Modernismo, as fronteiras cambetas entre imaginação e sua concretização na arte, entre o que era considerado certo e errado no fazer artístico ruíram de vez. O Modernismo tudo permite! A sensação do artista ao objeto que ele retrata e, conseqüentemente, de quem observa a arte gerada, passa a ser mais importante do que a retratação

fiel desse objeto. Além disso, o falar “errado” do povo brasileiro e os mitos primordiais passam a ser retratados sem vergonha ou maquiagens, mas com direito a roupagens extravagantes, como fez o Mário em seu livro *Macunaíma*.

Por isso, depois do Modernismo, e aqui no Brasil, depois que eu aconteci, vocês puderam aprender a apreciar, por exemplo, os quadros de Anita, ou o Abaporu de Tarsila do Amaral, sem os olhos enviesados do preconceito. O intuito era que a visão fosse libertada, como muito bem disse Graça Aranha no meu segundo dia de evento: “Cada homem é um pensamento independente, cada artista exprimirá livremente, sem compromissos, a sua interpretação da vida, a emoção estética que lhe vem dos contatos com a natureza. Cada um é livre de criar e manifestar o seu sonho, a sua fantasia íntima desencadeada de toda regra, de toda sanção”. Que lindo manifesto! Eu, por exemplo, sempre me achei bonita, mas não tenho a mesma beleza da Vênus de Botticelli, e sim sou mais parecida com “A mulher sentada” de Pablo Picasso. Será que lhe agrado? Se não, agradarei a outros, e está tudo bem.

O que muitos não compreendem é que eu não vim com o objetivo de destruir ou derrubar o *velho*. Talvez meus amigos, na ânsia de romper de vez com tais paradigmas e preconceitos, assim o quisessem naquele momento, mas eu, especialmente com a experiência dos anos, posso dizer que *desconstruir* seja a palavra mais certa. Hoje eu amo toda forma de arte, amo o clássico, amo o parnasiano, amo o que veio antes de mim e as rupturas que me forjaram. E se você, amigo leitor, pensa que estou sendo contraditória, também lhe digo que essa é uma das características da Modernidade. Eu posso aglutinar tudo em mim, eu posso desconstruir, eu posso visitar e reformular, posso especialmente criar o *novo*, o até então não visto, não escrito, o *original*, eis a mágica da Arte! Amo, por exemplo, *A Divina Comédia*, de

Dante, que em 1300 e pouco já era moderníssima ao fazer o poeta Virgílio visitar os nove círculos do inferno! Amo Cervantes e seu *Dom Quixote de La Mancha*, pois a partir dele modificou-se e definiu-se o que era o gênero romance! Amo Machado de Assis e seu *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de 1881! Apesar de ser classificado como uma obra do Realismo, quer algo mais moderno do que um defunto autor que faz sua dedicatória ao “*verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver?*”

Eu vejo beleza nisso tudo, assim como vejo beleza no poema *Dualismo* do parnasiano Olavo Bilac, que é uma verdadeira descrição poética e clássica da alma e da experiência humanas! Amo tudo o que me emociona, me encanta, me assombra ou me causa estranheza, porque é da Arte ressignificar a vida, seja de que forma for, sem formas (leia-se formas com o ô fechado). E às vezes, irá acontecer de alguém perguntar “mas isso lá é arte?” ou questionar se a qualidade artística não está decaindo com o tempo, agora que os parâmetros clássicos não são mais obrigatórios. O certo é que o moderno sempre virá, e sempre causará estranhamento num primeiro momento. Não há como conter essa expansão, o tempo não volta, por mais que os saudosistas assim o queiram. Afinal, não foi um talentoso músico brasileiro na década de setenta que disse que “o novo sempre vem?”

E enquanto não vem nenhum novo movimento que seja ruidoso e necessário, vou aproveitando as comemorações do meu centenário. Quem diria que cem anos depois, ainda falariam tanto de mim?



SOBRE SAPOS

SOLEMAR OLIVEIRA

*Os olhos hipócritas dos viajantes andavam longe dos livros –
agora polichinelos sentados nas cadeiras vazias.*

Oswald de Andrade,
Memórias Sentimentais de João Miramar

Francisco estava atento aos sons. De dentro do escritório, apenas silêncio. Deu duas voltas no corredor e decidiu chamar. Manuel estava confortável à escrivaninha de seu escritório. Muito atento à caneta na mão firme. A cabeça levemente inclinada em reverência sincera, espontânea. Não pensava nos excessos com a devoção à escrita e deixava-se imprimir o cuidado de longos anos em seu ato sensível e involuntário. Executava uma tarefa leve e mecânica que consistia, periodicamente, em conter um surto de tosse que se anunciava. Aquele moribundo, ali sentado era, de muitas maneiras, admirável. A postura austera. A convicção no olhar. O sorriso um pouco desconcertante, culpa da anatomia. A trova imposta pelo timbre grave da voz. E a poesia que recheava o recinto, ditada pela mesma voz contundente, atemporal.

O seu secretário inquieto. Homem de poucas palavras e cuidado ampliado pela história de lealdade e tempo, Francisco, observava o que conhecia há anos. O escritor cauteloso mergulhado no mundo tridimensional visível e, absolutamente, infinito no seu íntimo solitário. Manuel mastigava o papel com a caneta muito lenta. Murmurava palavras sem sentido e liberava miúdos de tosse para um lado e para outro, defendendo a mesa e a folha branca. Ali criava uma obra para a posteridade ou um insulto aos incautos. Quem sabe?

Francisco apreciava, no breu do corredor, pela fresta generosa e a parca luz da luminária. Ali, na semiescuridão, brotavam as ideias e nasciam os versos. De fora, ouvia os risos entrecortados por surtos de tosse seca e horripilante. Depois, a concentração novamente. E o papel se enchia. Como incomodá-lo? Mas era caridoso e simpático. Também gostava de ouvir e falar.

Era 1917, o ano do avento da ideia. Surgiram muitas, mas nenhuma tão boa quanto aquela que fez surgir o poema que faria história. Francisco anunciou sua entrada com três soquinhos na porta. Manuel alçou a sobancelha, olhou de soslaio. Viu o homem entrando.

– Pode falar, Chico. Diga o que quer.

Manuel manteve-se firme. Uma estátua inflando-se em períodos. Repousava controlado sobre o móvel. Ocupava o cotovelo com uma página do caderno que teimava em virar-se cobrindo a escrita da folha esquerda. Levantava o braço, sequencialmente, produzindo um clique incomodo, mas que, tudo indica, embalava sua concentração.

– Desembucha, homem.

– Senhor Manuel, estão à porta. Seis homens bem vestidos. Trajes completos. Ternos bem cortados e gravata com arabescos. Os cabelos muito bem penteados e não há traços de barba. Impecáveis, os velhos. Se autodenominam parnasianos. Ah, quase esqueci, usam óculos pretos e quadrados, iguais. Relógios alemães, nos pulsos esquerdos. Falam pausadamente e, com isso, causam demasiado enfado.

– Foi você que os trouxe aqui, não foi, Chico?

– Foi. Não foi. Foi. – Gaguejava um pouco e apregoava, em ondas sutis, um desespero, que não se concretizou.

– São uns sapos. Livre-se deles. Não estou pra ninguém.

Francisco deu desculpas aos homens. Os seis se olharam com desgosto. Logo mudaram as caras tristonhas para carrancas

ameaçadoras e, em seguida, ficaram enigmáticos. Foram-se irritados. Olharam para Francisco e disseram em uníssono:

– Vais pagar, rapaz. Vais pagar. Tu és jovem, não entendes. Submisso. Vais pagar. Verás.

Quando voltou, Manuel sorria.

– Sem cacoetes, Chico. Sem cacoetes. – E gargalhou.

Alguns meses passaram e Manuel se lembrou da visita dos seis homens estranhos. Aqueles sapos, disse. Chico riu da indignação e quis saber o motivo da lembrança.

– Querem tudo ao seu modo. Apenas isso. Você quase me fez aceitá-los em minha casa. Sabe que não gostei?

– Sei!

– Não sabe! Sabe!

– Sinceramente patrão. Não sei! Sei!

– Não se preocupe, Chico. Que loucura. – E riu. – Não tem importância. Deixemos.

Manuel, enfiado em ações e estudos, confiava à Francisco seus negócios enquanto dedicava-se aos escritos. Confabulava com o secretário, apenas para observar o tipo curioso e sua fala entrecortada e cômica. Não ria, mas sugava aquela magia sem pudores e abstraía-se em imaginativas situações pitorescas. Queria que fossem para a folha branca. Queria aquele ritmo e aquela tensão. Manteve-se nesse exercício por algum tempo.

Quatro anos se passaram. As tosses ficaram mais intensas e a disposição abandonou Manuel por um tempo. Escrevia um pouco menos, mas tinha um volume de coisas relevantes e considerável orgulho de tê-las escrito.

Conferenciando com Francisco, Manuel passou-lhe incumbências, contou sobre necessidades relevantes para manutenção da casa e pediu ao homem para resolver suas pendências bancárias mais urgentes. Depois de muito falar e pouco ouvir,

disse para Francisco que precisava de um favor. Recebera um convite, como convidado ilustre, para declamar um poema seu, em uma Semana de Arte Moderna, cuja data se avizinhava. Não iria, estava certo disso. A tosse não permitia, o sentimento o freava e o desejo de estar com outros, colegas importantes, mingudara nos últimos dias como as chuvas de janeiro, que há pouco se encerraram.

– Você vai ler o poema para mim, Chico. É um pedido. Devo isso a você.

O homem não entendeu toda a fala, mas brilhou no olhar e os lábios tremeram um pouquinho. Encheu-se de orgulho e vontade. Não pensou muito para dizer o que pensava.

– Vou! Não vou! Vou! Não vou. Voouu!!! Definitivamente, vou! – Elevado o cacoete às alturas, a graça se estabeleceu na intimidade e riram os dois.

Chegado o dia do grande evento, Francisco chegou cedo à Cidade de São Paulo. Foi para o Teatro sem pressa, mas o trânsito era lento e os percalços no traslado sobrepuseram-se, à exaustão. Não bastasse os inúmeros entraves, à entrada do Teatro encontrou, novamente, os seis homens de 1917, os parnasianos, que o cercaram sem pudores. Ternos finos e cabelos engomados. O penteado, tão rigorosamente definido, e o gel depositado, em quantidade, para atender à necessidade do rigor geométrico, com uma divisa central e sem defeitos, dividiam, para sempre, duas partes de pelo proporcionalmente análogas. Os rostos quadrados, simétricos, excessivamente expressivos. Tipos enjoados, com gravadas de riscas transversais idênticas e igualmente posicionadas. Queriam detê-lo de qualquer modo. Anunciavam um discurso. A natureza simpática de Francisco impedia um ato impulsivo, então concordou em cumprimentá-los um a um e ouvir o que teimavam em dizer. Mas não embalaram coisa extensa. Simplificaram, por desdém,

a ação. Mas se falassem o que desejavam falar, por impostura de sua soberba, até as ondas de suas seis fontes criadoras do verbo, teriam a mesma frequência de vibração.

– És escritor, rapaz? – Disse um.

– Aonde vai? Para que a pressa? O que tens aí, rapaz? – Outro disse, em tom intimidador.

– Vou ler o poema do Senhor Manuel. Ele me incumbiu desta tarefa.

– Não tenha pressa. Tome um trago conosco. Deixe-nos comemorar com você.

– Não posso.

– Venha. Só uma dose. É especial. Sentimos ter passado uma impressão ruim. Queremos exaltá-lo.

Francisco foi enredado pela prosa envolvente. Deixou-se convencer. Bebeu uma, duas, três e a hora foi-se como a bebida garganta abaixo. Quando entrou, no palco se encontrava o leitor substituto de Os sapos, desculpando-se pela ausência do declamador oficial, Francisco Alves, que até o momento não anunciara sua chegada e nem encaminhara aviso sobre um possível atraso. Francisco desconhecia as formalidades, apenas foi. Ao ser confrontado pelo olhar simples do homem que veio declamar o poema anunciado, olhando do corretor, desolado e triste, Ronald, convicto, iniciou: Enfunando os papos... Não demorou e vieram os uivos, os gritos, os rangidos, os sibilos toscos de raiva e os inspirados protestos da plateia. Francisco deu vários passos para trás. Não entendia o que estava acontecendo. À sua direita e à sua esquerda, homens e mulheres vaiavam de pé o declamador imóvel. Às suas costas, os seis parnasianos assombrados. Olhavam Francisco com visível espanto e respeito imposto.

Alguém já disse: o coração humano é terreno hostil, terra que ninguém anda. Essa via desorganizada, engendrou-se no

passado e no sentimento de autopreservação. Humilhados, os seis orientaram sua lança vingativa para o homem, e deixaram a ideia ao lado. Outra voz, perdida no tempo, já anunciou que não há como organizar o caos. A medida do sucesso é um plano do acaso. Os seis homens finos intentaram contra Francisco, e apenas contra ele. Eis a comicidade de toda a cena.

Penso que Francisco ouviu um eco na cabeça, grave e carregado de certeza, um ruído decidido, emanado de sua timidez, do fundo de seu constrangimento, para lavar a sua alma ingênua, como se o senhor Manuel dissesse algo, entre risadas estridentes e sinceras, demasiado satisfeito, após a sua tosse companheira, irritando as palavras, que não carecem, sempre, de rigorosa simetria.



PELOS CAMINHOS DE MENOTTI

SÔNIA ELIZABETH

Veio de Menotti o caboclo Juca Mulato. O que de Del Picchia ficou na história, esse quase insano doutor poeta, prosador, político? O autor modernista que desenhou, em forma literária, um pacato caboclo, imortalizado em longo desenrolar de versos. E o que foi e representou a Semana de Arte Moderna, de 22? A que veio, pergunto? Menotti no centro dela, ativista nela, articulando, colaborando. Pelos braços dele, entro agora no Correio Paulistano. Leio a última coluna, toda à disposição da revolução que estava acontecendo nas artes. A poesia alí, alinhada aos tempos modernos, purismo brasileiro, liberdade de toda e qualquer expressão nos versos livres.

“E o mulato parou/

Do alto daquela serra/,

cismando, o seu olhar era vago e tristonho:/

Se minha alma surgiu para a glória do sonho,/

o meu braço nasceu para a faina da terra”

Um trecho aí da poética Picchiana, esse poema fundamental e importante para a literatura brasileira. Ah, esse marco são paulino, esse romper com as estruturas tradicionais, esse novo rebentando na manhã, esse padrão europeu nas artes, veios de surrealismo, cubismo, futurismo e mais ismos na história! Vou caminhando com Menotti, não paro por aqui. Vou como se desfilasse aos acordes de Villa Lobos no desenrolar da Semana de 22. Algarismos surgindo, letras, arte por todo lado, liberdade, formas novas, maneiras singulares de dizer muitas coisas. A Pri-

meira Guerra Mundial que tanta influência causou na mudança de mentalidade dos artistas. O novo olhar, o renovar, precisavam instalar-se no Brasil, com o advento da modernidade. Menotti e sua conferência sobre a nova estética, arrancando entusiasmo e vaias da plateia.

Centenário da Independência do Brasil, cenário propício para mudanças de toda ordem, sejam políticas, econômicas, artísticas, e Menotti Del Pichia, além de escritor também artista plástico, advogado, foi participante fundamental na revolução. Semana de Arte Moderna, divisor de águas da cultura nacional. Vou indo pelo Teatro Municipal de São Paulo, em 14 de fevereiro de 1922. Menotti é meu cicerone. Assisto danças, escuto música, vibro com poemas recitados, artes em exposição, palestras – a revolucionária palestra de Del Pichia, movimentando-se em teses polêmicas, Hélios – sol, assim Menotti assinava suas crônicas, atacando o passado e defendendo a arte do futuro. Na verdade, Menotti muitas vezes utilizou em sua obra influências de correntes estéticas com as quais queria romper. Daí a contradição entre muitas vezes o que pregava e o que escrevia. Menotti leva-me pela mão. Ocupo a primeira cadeira para ouvi-lo, na segunda noite, a fundamental noite da Semana de Arte Moderna de 22. Ovacionei-o quando disse da importância de uma arte brasileira própria, genuína.

Ora dirão que Menotti caminhou para a literatura de massa (?) mas não esqueçamos: foi um grande escritor. Sua participação na Semana de Arte Moderna talvez tenha sido mais importante que sua obra criada após o Movimento, mas haja talento para ser um dos principais participantes de tão importante revolução nas artes brasileiras. Juca Mulato acaso foi um poema devedor da arte parnasiana tão criticada pelos modernos? Contradições, pois. E o que é o ato de escrever senão o resultado de inúmeras e tantas vezes cruéis contradições?

Adentrando com Menotti vou descobrindo a arte nouveau de Di Cavalcanti e esculturas de Victor Brecheret. Vou curtindo cada detalhe do modernismo que assustou o tradicionalismo puro. Vou sabendo que o jeito de fazer arte modificou-se radicalmente. A arte seria então a melhor forma de traduzir a identidade do país Brasil, em todas as suas manifestações. Passo por Mário de Andrade, vejo de pé, especulando tudo, Plínio Salgado. Flerto com Villa-Lobos, ensaio um passo de dança com Guilherme de Almeida, volto a atenção para Graça Aranha, invejo o figurino de Anita Malfatti. Menotti quase que ri de minha inocência e perplexidade.

O Teatro Municipal de São Paulo, cartão postal, aquela toda inspiração na ópera parisiense, palco para a instalação do movimento modernista no Brasil. Di Cavalcanti, o pintor, que expôs suas obras no Teatro, assim se expressou sobre a Semana mais famosa do Brasil: “Seria uma semana de escândalos literários e artísticos, de meter os estribos na barriga da burguesiazinha paulista”. E foi. Realmente a falsa hipocrisia que vem dessas classes altas arrepiava-se toda diante da ousadia, do novo, do que abre alas e rompe com o convencional. O que, na mentalidade delas, apresenta-se como um prostituir a moral existente em nome do desgoverno e da insanidade. Prosseguindo sempre ao lado de Menotti, descubro que todos os acontecimentos que por ali pipocavam traduziam, em suma, uma espécie de romper com a estética artística que estava em voga, também uma espécie de, digamos, crítica acadêmica, criar ou recriar um modernismo com fulcro nas vanguardas europeias, firmar a identidade nacional e popularizar a arte (será?).

Sabemos que na frente de todo o movimento de vanguarda, mudanças radicais já estavam acontecendo, feito a chegada da industrialização, crescimento urbano, a questão da imigração de estrangeiro (incutindo influências de outras culturas) e, nota-

damente, o fim da Primeira Guerra Mundial. E salve os artistas de coragem, como, além dos já citados nessa narrativa, Oswald de Andrade, Ronald de Carvalho, Sérgio Milliet, Tácito de Almeida, Guiomar Novaes, Manuel Bandeira (que nem pode ter tanta participação devido aos ataques de tuberculose).

Evento de cinco dias, segunda a sexta, cada dia dedicado a uma técnica. Oswald, o mais irreverente e debochado de todos os representantes da literatura, em seus *O Manifesto da Poesia Pau-Brasil* e o *Manifesto Antropófago*. E quase ia me esquecendo de citar o seu livro *Pau Brasil*, totalmente distanciado do romantismo que consideravam piegas. Mário de Andrade e sua Paulicéia Desvairada. Graça Aranha, o que causou enorme rebuliço. Bandeira que scandalizou com o poema *Os Sapos*.

E ficamos por aqui que o espaço é nosso mas é escasso (e assim tem que ser). E vamos nós, escritores que não ousamos tanto (ou ousamos e não sabemos?), aplaudindo esses pares que construíram grandes andaimes em prol da libertação seja da palavra escrita, pintada, esculpida ou musicada. Aplausos de pé! E termino minha jornada ao lado de Menotti Del Pichia. Honrada e agradecida pela nobre e imortal companhia. Salve a Semana de Arte Moderna de 22! Correntes ao chão!



MEMÓRIAS SENTIMENTAIS DE UMA MESA DE BAR

TALISSA TEIXEIRA COELHO

No meio do caminho para casa tinha um bar. Tinha um bar no meio do caminho. Anos atrás ele era frequentado somente por homens. Desde o início do bairro o bar já existia. Lembro que quando era criança, via meu padrinho de longe, sempre parado ali no fim da tarde. Eu pedia a benção e ele me dava balinhas de 2 centavos. No bar não havia mulheres, ao menos mulheres consideradas pela sociedade. A Pagu sempre parava ali, ria alto e detonava vários homens na dose de pinga. Não havia homem páreo para ela, sempre que apostava vencia.

Tira gosto eram miúdos e alguns caldos quando o dono fazia. De resto, os homens iam para beber pinga e cerveja, sempre após o expediente do trabalho. Naquela época não tinha asfalto e o bar ficava de baixo de um pé de Pau-Brasil. Com o tempo, o bairro foi ganhando forma e o bar também foi mudando. Os clientes não eram os mesmos velhos de sempre, mas os seus filhos e netos. Uma mesa de sinuca foi instalada e o cheiro de churrasquinho tomava conta do lugar. Mulheres começaram a frequentar o local, e hoje mesmo que incomode alguns homens, elas estão ali bebendo de igual para igual.

Nunca imaginei que um dia me sentaria em uma daquelas mesas para beber uma cerveja. Hoje bebo (e nem lembro quando isso começou) e observo quem passa. Me imponho quando algum cara inconveniente ainda questiona a minha presença no local. Ou eu só acho que questiona, pode ser que nem tenham

me notado. Por morar no bairro há anos, conheço todo mundo. Mas é diferente quando estão no bar. Como se algumas pessoas ganhassem outros contornos, contornos que as vezes não condiz com as aparências.

O bar se modernizou essa semana, mas ainda separa bem a periferia do resto. Só bebe no local quem cresceu ali. Não vem gente de fora para ver algum artista cantar. Se você quer uma bebida chega no balcão e pede. Se quer um cigarro e só falar: “Me dá um cigarro”. Se você quer um show, basta aguardar que logo alguém aparece com um violão ou com uma caixinha de som. É uma geração de pessoas que não tem nada em comum. Continuam no bairro porque não têm condições de sair. Se reúnem ali, em torno da bebida e do pouco lazer que podem pagar. Sempre deglutindo o que a sociedade pode oferecer e transformando em sobrevivência. O bar é uma espécie de ritual onde nos servimos não só de bebidas e tira gosto. É como uma eucaristia, onde nutrimos nossa alma para aturar mais um dia de estudo ou de trabalho exaustivo. Fico feliz que hoje esse ritual possa pertencer também as mulheres, e que Mário esteja conosco e não guardado em algum armário.



DE VOLTA A 1922: REBELDIA E RENOVAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL

VALDIVINO BRAZ

Estamos em fevereiro de 2022. Adentro agora o saguão do Teatro Municipal de São Paulo e sinto-me como se estivesse no passado... Mas, espere... Estou no passado! O passado é presente neste espaço e tempo da história. Um delírio meu? E como, se me encontro nele, presente no passado, se me sinto parte do presente? Ou apenas me recordo do passado? Me lembro agora de ter lido, ainda na infância, no para-choque de um caminhão, que recordar é reviver o passado. Por outro lado, se, como dizem, recordar o passado é sofrer duas vezes, meu caso, neste saguão, é reviver um passado glorioso, com as artes de um novo tempo.

Estou de volta. Estou? Sinto-me de volta, cem anos depois de 1922; de volta, como no filme *Somewhere in time* ("Em algum lugar do tempo", ou do passado, conforme traduzido no Brasil), de Jeannot Szwarc, em que o jovem teatrólogo Richard Collier, na estreia de sua primeira peça, se depara com uma idosa e misteriosa senhora, de uns sessenta anos, que lhe coloca na mão um relógio antigo, de bolso, e lhe faz intrigante pedido: "Volte para mim". Em seguida, ela se retira e desaparece. Oito anos depois, ele se encanta com a fotografia de uma bela mulher, Elise McKenna, destacada atriz do início do século. Fascinado, se apaixona pelo retrato. Investiga e descobre tratar-se da mulher que lhe deu o relógio, e que tinha morrido no mesmo dia em que lhe entregara o objeto. Obcecado, decide-se pela auto-hipnose para transpor o tempo e encontrá-la. E encontra. Então

é como num tempo de vivências passadas, de almas gêmeas, ou coisa parecida. Eles estão em 1912 e se amam, transcorre o romance, até que Richard, inadvertidamente, encontra no bolso uma intrusa moeda de 1972, que o remete ao seu tempo, pon-do tudo a perder. Quebra-se, abruptamente, o encanto de seu transe temporal. Richard retorna, sofre muito, acaba morrendo e, por suposto, no filme, reencontra-se com Elise na eternidade.

Aqui e agora no saguão do Teatro Municipal, sinto no ar a iminência de algo que está para acontecer; fermenta-se e articula-se nestes dias restantes de uma República Velha em decadência, vinda de um período histórico iniciado em 1889 com a Proclamação da República, em 15 de novembro, pelo marechal Deodoro da Fonseca. Cai a monarquia comandada por Dom Pedro II. Muita água passando debaixo das pontes, antes do ad-vento de uma nova era no país. No período de 1889 para cá, o Brasil é governado pelas oligarquias de São Paulo, de agricultura cafeeira, e Minas Gerais, com a economia de gado leiteiro. Uma República Velha controlada pela chamada política do “café com leite”. Em âmbito mundial, já por conta da Revolução Industrial de 1840, com inovações tecnológicas, o cenário é de intensas transformações sociais, econômicas e políticas. Contexto histórico e social em que se inserem os anseios de modernização das artes.

De tempos ultrapassados, desde a monarquia até essa República Velha — tal uma velha senhora caquética, puxando de uma perna —, buscando consolidar-se com o capitalismo crescente no país, vem a sociedade paulista influenciada pelos padrões europeus tradicionais, e a eles arraigada. A grande maioria da população é sem instrução e excluída no debate cultural e artístico, este em benefício de poucos, a elite republicana. Arte e cultura não são coisas para a “massa”, amorfa, ignara e incon-sciente, segundo a visão de alguns. Entrementes, algo se apronta, iminente, prestes a eclodir. Então acontece, neste mesmo saguão

do Teatro: a Semana de Arte Moderna, nesta histórica noite de segunda-feira, 13 de fevereiro de 1922, marco inicial do modernismo brasileiro. O escritor Graça Aranha abre a solenidade, com a conferência sobre “A emoção estética da arte moderna”. Ao fim, efusivos aplausos. E aqui estou, neste grande momento. Oportunamente, o evento celebra também o centenário da independência do Brasil, proclamada pelo imperador Dom Pedro I, em 7 de setembro de 1822.

Encontram-se aqui presentes Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Menotti Del Pichia, Anita Malfatti e Heitor Villa-Lobos, entre outros que redirecionam os rumos da arte brasileira. E Tarsila do Amaral, um dos nomes importantes do modernismo? Onde está Tarsila, que não a vejo por aqui? Ah, sim, está em Paris! Outro ausente é o poeta Manuel Bandeira, que — de ouvir dizer, fiquei sabendo — adoeceu e se vê impedido de comparecer; sequer amanhã, segundo dia da Semana, para declamar seu poema “Os Sapos”, como consta da programação. Para hoje, apresentações musicais, de dança (arte corporal) e recital de poesias, além de mostra de pinturas e esculturas já expostas aqui no saguão. Apraz-me circular pelo recinto, e a tudo aprecio — isso parece um sonho! —, dou testemunho e, em reconhecimento, presto meu tributo às artes.

Com espírito de, pode-se dizer, rebeldia e radicalismo artísticos, causando estranhamento, escandalizando boa parte da população, nossa Semana de Arte configura um primeiro e grande movimento vanguardista das artes em solo brasileiro. Constatado que interfaces com as vanguardas europeias, em conjunto, influem e confluem para iniciativas como essa; entretanto, a ideia central da Semana, a par com a renovação artística, por uma nova estética, contempla também um renovação social no Brasil.

Além dos supracitados artistas do movimento modernista, alinham-se Plínio Salgado, Paulo da Silva Prado, Ronaldo de Carvalho, Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet, Tácito de Almeida, Guiomar

Novaes e outros mais. Artistas insatisfeitos com os rumos que vêm sendo tomados pelas artes em nosso país. É uma tomada de posição, fincando seu marco oficial com esta Semana de Arte Moderna, ou simplesmente Semana de 22, como já é referida. Quer-se também no Brasil o rompimento com os paradigmas tradicionais, para tanto rejeitando as regras sobre como fazer arte e, em contraponto, estabelecendo os parâmetros de suas próprias regras. Ausência de academicismo, liberdade criadora, valorização da identidade e da cultura brasileira, dentro de uma realidade própria.

Curioso notar que os integrantes do Movimento artístico, em sua maior parte, são de famílias burguesas, estudaram na Europa e trouxeram modelos artísticos como referência. Irônico e crítico, Oswald de Andrade satiriza os meios acadêmicos ou a própria burguesia, sua classe de origem. Entretanto, tratando-se de filhos de fazendeiros da elite econômica de São Paulo e Minas Gerais, o movimento modernista conta com forte apoio do governador de São Paulo, Washington Luís. Curioso com tudo ao meu redor, ainda aqui me encontro, circulando pelo saguão do teatro. Fantástico! Com efeito, uma noite memorável.

*

Deixo agora o saguão do Teatro Municipal; não tenho a moeda de quebra do encanto, e no entanto, Galileu Galilei, eu me movo; como se desperto de um sonho, retorno ao meu tempo real. De volta a 2022. Sinto que, de alguma forma, porquanto nos diga respeito, posso (?) dizer: Meninos, eu vi. Eu estava lá. E agora, numa outra viagem pelo tempo, recorro às fontes de subsequentes movimentos de transformação que ocorriam pelo mundo, a exemplo, ainda em 1848, do “Manifesto Comunista” de Karl Marx e Friedrich Engels, e de influentes manifestos artísticos europeus, tais como o Futurismo (1909) do poeta italiano Fillipo Marinetti, negando o passado e saudando a revolução tecnológica e industrial. Expressionismo, começo do século XX,

na Alemanha; a realidade humana retratada de forma subjetiva, cujos primeiros sinais surgiram em fins do século XIX, com a pintura de Vincent van Gog. Surrealismo (1917), um novo modo de encarar a arte (“o que está acima do realismo”), inicialmente com Guilherme Apollinaire, num movimento artístico e literário que só ganhou corpo na década de 1920, em Paris, com o manifesto de André Breton, de 1924; uma das vanguardas que viriam definir o modernismo, entre as duas Grandes Guerras Mundiais. Deste período, obras de Salvador Dali, Frida Kahlo, René Magritte e também Pablo Picasso, com sua tela sobre Guernica.

Dentro de um cabaré em Zurique (Suíça), em 1916, surgiu o Dadaísmo, idealizado por intelectuais germânicos e anarquistas: desconstruir a arte, contrariando a sociedade, a religião, a ciência e a filosofia. Segue-se o Manifesto Dadaísta ou Dada (1918), de Tristan Tzara, rompendo com os parâmetros estabelecidos ao longo da história da arte ocidental, e propondo criação de arte como uma criança em suas primeiras falas, daí o termo Dada, referência ao primeiro balbúcio de um bebê. Deste movimento circulou a revista “Cabaré Voltaire”, numa alusão ao pseudônimo do filósofo iluminista francês Françoise-Marie Arouet. O século XX trouxe também o cubismo, com formas geométricas para retratar a natureza, cujos fundamentos artísticos surgiram em Paris com o espanhol Pablo Picasso e o francês Georges Braque. Por fim, num somatório, o Modernismo, no início do século XX.

No Brasil, o modernismo é marcado por obras de perene destaque, como as telas do pintor Di Cavalcante, com influência cubista e surrealista, nem por isso à margem de temas brasileiros tipicamente populares: carnaval, samba, mulatas, favelas, operários. A poesia de Mário de Andrade, depois (1928) o Macunaíma, herói sem caráter, obra-prima literária, rapsódia sobre a formação do Brasil. As esculturas de Victor Brecheret, autor do Monumento às Bandeiras, em São Paulo. A pintura de Anita

Malfatti, predecessora do modernismo no Brasil e que, conquanto portadora de deficiência motora (atrofia muscular congênita, no braço e na mão direita), lega obras valiosas ao acervo do país, entre elas “O homem amarelo”, “O homem de sete cores”, “A estudante” e outros temas.

O Movimento Antropofágico, liderado por Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, na primeira fase modernista, legenda-se com a finalidade de estruturar uma cultura de caráter nacional, temas com a cara do país, excluindo o eurocentrismo da arte. É assim, bem entendido, “engolir” as influências estrangeiras. Destaca-se como um dos marcos antropofágicos a clássica pintura do “Abaporu”, de Tarsila. Recorrente à proposta do Movimento Antropofágico, o nome da obra decorre do tupi-guarani, que significa “homem que come gente”, ou seja, canibal, antropófago. Trocando em miúdos, Abaporu resulta de uma junção dos termos *aba* (homem), *pora* (gente) e *ú* (comer). Comer gente, aliás, ganha uma outra acepção (erótica) na linguagem da modernidade. Que o diga o antropólogo Claude Lévi-Strauss, que revelou a relação entre “comer” e copular.

Publicações de valor histórico, decorrentes (e recorrentes) da Semana de 22, o “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” (1924), de Oswald de Andrade, trazia noções estéticas que iriam nortear sua poesia e sua escrita, influenciando também a outros modernistas brasileiros. Sua proposta, no sentido de renovar a cultura local, não implicava rejeitar os conhecimentos europeus, mas apropriar-se deles para criar algo novo, vinculado à realidade, às características culturais e à identidade do povo brasileiro. Em outras palavras, sentimento nacionalista — sem ingenuidade e ufanismo, mas de forma crítica —, e retomada de consciência. Numa publicação conjunta de vários autores, circulou, entre 1928 e 1929, a “Revista de Antropofagia”, baseada no “Manifesto antropofágico” (1928), também de Oswald de Andrade.

Outra publicação de destaque foi a revista “Klaxon” (1922-1923), divulgando os ideais modernistas. Oswald publicou os livros “Pau-Brasil” (1925), de poemas, e “Primeiro caderno de poesia do aluno Oswald de Andrade” (1927); estreou na prosa em 1922, com o romance “Os Condenados”, primeiro volume da Trilogia do Exílio, que incorpora as obras “Estrela do Absinto” e “Escada Vermelha”. Publicou ainda “A utopia antropofágica” (textos diversos), os romances “Memórias sentimentais de João Miramar” e “Serafim Ponte Grande”, e peças como “O rei da vela” (“vela” no sentido de agiotagem, a juros extorsivos) e “O homem e o cavalo”, paródia, carnavalização e sátira.

De resto, o que mais aqui dizer sobre a Semana de 22, que já não tenha sido dito por tantos outros, e senão que, de nossa parte, remontando e repetindo o que já disseram? Nem por isso, de nós outros, o dito por não-dito, porquanto manifesto reconhecimento da importância de tão marcante evento socio-cultural. De mais a mais, de que nos ufanamos senão que somos um elo nas correntes vanguardistas, no bom sentido da rebeldia, insatisfação questionadora, interferência criativa e transformação? Inovar para renovar e revolucionar. O esplendor das artes, enfim.

Toda arte é uma forma de expressão e interferência – política, inclusive. Assim a arte (o dom) da palavra, oral, escrita, impressa, musical, ou de forma figurativa (dança, desenho, pintura, escultura, folclore, arquitetura, fotografia, cinema, teatro). Abaixo a incultura cristalizada! Abaixo a ignorância institucionalizada! Abaixo a arrogância do saber! Abaixo a exclusão das massas anônimas, culturalmente desfavorecidas! Abaixo o intento fascista de calar a imprensa! Abaixo a sórdida falsidade das notícias (*fake news*)! Abaixo a imbecilidade nas tais de redes sociais! Abaixo o discurso do ódio! Abaixo o pandemônio com a politização da pandemia! Abaixo os inimigos da ciência! E abaixo, setenta vezes sete, os nefastos valetes de espada no jogo sujo da política!”



ANTROPOFAGIA INTERMITENTE

VALÉRIA V. VALLE

O ano de 1922 prometia vanguardistas e anarquistas com visão estrábica a fim de revolucionar a cidade de SapoPaulo. Entre os apupos dos que jogavam sal nos sapos irreverentes e dos sapos antigos que revidavam com espirros de leite ácido, ouvia-se um sussurro da Belle Époque e a batida ecoada do tambor “Tupy or not tupy”. Era dia 15 de fevereiro e vários sapos enrugados e disformes, cheios de reservas e paradigmas estéreis, ainda zombavam:

– Oiiiiss. Vinte e dois? Só se for depois, pois bois sois. – e riam ruidosos, à socapa.

Muitos desses sapos disputavam espaço no Teatro Lacult, no bairro Brasigirino. Entre o coaxar de velhos sapos e o inflar dos jovens anfitriões, desfilavam sapas surrealistas e celebridades cubistas, sempre acompanhados de figurantes expressionistas naquela semana de recíprocos desdêns corrosivos e de críticas ferinas proferidas pelos sapos conservadores.

Ouvindo os roncões dos sapos passadistas, o Sapo-boi, cheio de inquietações, brada eufórico: “Não foi!” – “Foi” – “Não foi”. Ele anuncia, aos berros, a presença do inquieto colega Sapo-Ta-noeiro, esperançoso de rupturas, para ironizar e ridicularizar o que já estava martelado, lapidado e burilado pelos velhos sapos da normose intelectualizada.

Esses sapos ranzinzas insistiam em recitar as estéticas anteriores a fim de estimular as vaias irracionais naquele espetáculo de sandice exibido no teatro Lacult durante a “Semana de Mal-às

Artes". Nesse necrológio da mesmice, os versos metrificados, exaltados aos gritos por eles, duelavam contra a decomposição, o ilogismo e a aglutinação caleidoscópica da vanguarda. Os casmurros sapos demoliam a desconstrução cultural defendida pelos sapos modernistas que, cada vez mais, quicavam soltos no cenário da expressividade descontrolada e libertadora do Ode ao Burguês.

As cortinas se abrem e surge o Sapo-tanoeiro, alegremente sarcástico, que incentiva o rompimento formal e a devoração crítica propostos pelos futuristas endiabrados, entre eles Oswald de Andrade. Esse humor erosivo e proibido aglutina vários adeptos, entre eles um novo companheiro: o Sapo-cururu. Esse sapo é divergente, aspirante da liberdade e da simplicidade, e dá piruetas no certame modernista com as armas da desierarquização da linguagem cotidiana, sempre triscando:

— Sou Abapuru! Sou gigante e danço a poraçê, canto a brasilidade, espirro a popularização da arte, rumino a conhecêcia mítica, devoro e reinvento a cultura. E redigo em Andrade para reverberar: "Para telha dizem teia / Para telhado dizem teiado / E vão fazendo telhados" e, dessa forma, teia após teia, seguimos em busca da Muiraquitã, escondida no mato-virgem, longe de Pasárgada.

Diante de tal assimilação e apropriação poética, a elite retrógrada dos sapos tenta reagir, tenta fugir do eminente Pneumotórax. Descontam a frustração num Sapo-Lobos, vestido elegantemente, mas que calça um pé de sapato e outro de chinelo. Espantam o pobrezinho com guarda-chuvas pretos, vangloriando os próprios papos no tutano da ignorância arraigada. Nesse epitáfio para o insignificante, acham-se modernos, mas são antimodernistas, pois não conseguem aceitar a possibilidade de fusão entre o primitivo e o inovador. Torna-se impossível para eles, vislumbrar o robustecimento simbólico de Cobra Norato e

da Pauliceia Desvairada, são apenas os puristas, aqueles acorrentados à Poética raquítica e sifilítica que não aceitam os protestos e nem críticas.

Antes que os caturros sapos pudessem tomar mais alguma atitude nessa saga da Profissão de Fé, um outro sapo chega para concretizar o Prefácio Interessantíssimo: O outro Andrade: o Sapo-pipa. Um animal magnífico, em construção para a poética livre de grilhões, um Ser exibidor de seu abasileiramento temático, tecido em rapsódia antropofágica que deseja devorar e digerir a transculturação. Ele está acompanhado da Ursa Maior, uma constelação de mulheres até então invisibilizadas, lideradas por Tarsila, ancorada nas raízes; Mafalitti, revitalizada no Carnaval e Pagu, revestida de criticidade. Eis aí o feminino que empodera a saparia do novo brejo multifacetado.

Nesta multiplicidade de síntese imaginária, emerge dessas águas fertilizadas, a Sapa-poesis. Vestida de Amar, Verbo Intransitivo, balança a cabeça da Uiara em suas mãos, com uma gota de sangue em cada poemarte e alinhava mais uma teia a fim de proclamar o atestado de óbito das culturas-cópias dominantes no Brasil. No seu corpo, exibe a tatuagem de um oito deitado em conexão com o Desvairismo que comemora o Bicentenário da Independência Brasileira - 1822 e o Centenário da Semana da Arte Moderna - 1922. A celebração no ano de 2022 perdura ciclicamente na compreensão do sem fim. A Sapa-poesis revisita a saparia Tupy e seus girinos, retoma a repetição obsessiva para aprendizagem:

- Oiiiss. É vinte e dois? Foi ou não foi? Si foi, foi logo depois, pois passadistas, de novo, já sois.

POSFÁCIO

22 contos de 22 autores evocando de diferentes formas a Semana de 22 como inspiração. As mais diferentes possibilidades estilísticas foram exploradas. Contos modernos, contos tradicionais, contos pós-modernos. De homenagens assumidas a severas reflexões críticas; narrativas evocativas, narrativas memorialísticas, narrativas ensaísticas, narrativas desconstrutivas. Algumas com humor, outras com amor, mas também com vaias, aplausos e mesmo com o som do coaxar de sapos antropófagos.

A Semana de Arte Moderna de 1922 representou um dos episódios mais importantes da história da cultura brasileira. Seu impacto e influência é inegável, ainda que, recentemente, tenha se tornado cada vez mais alvo de críticas. Algo comum na dinâmica dos debates intelectuais. Portanto, nada mais justo do que a realização das mais diferentes ações reflexivas e estéticas nesta temporada em que se completa 100 anos do evento.

Assim como aconteceu com os “Poemas da Pandemia” e “O Escritor como Personagem”, este livro é fruto de uma parceria entre o jornalista Euler de França Belém, que publicou alguns dos contos no Jornal Opção, o escritor Iuri Rincon Godinho, diretor da Contato Comunicação, e a União Brasileira de Escritores Seção Goiás (UBE-GO), que reuniu entre seus associados e simpatizantes os trabalhos selecionados.

Também é importante destacar que esse volume se filia as atividades propostas pelo evento “Semana de 22, 100 anos depois – Inquietações Modernistas”, desenvolvido na cidade de Goiânia, uma capital modernista, numa parceria entre o MAG (Museu de Arte de Goiânia), a Casa Galeria, Arte Plena – Produção em Cultura e a UBE Goiás. Diversas entidades culturais colaboraram com a ação, destacadamente a Secult Goiânia, na pessoa do secretário Zander Fábio; a Academia Goiana de Letras; o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Territórios e

Expressões Culturais do Cerrado (TECCER), da Universidade Estadual de Goiás (UEG); o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG); o Centro Cultural da Universidade Federal de Goiás; o Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Goiás (CAU / GO) e o Núcleo de Investigação em Histórias da Arte (Niha), entre outras associações culturais, artistas e pesquisadores. Especial agradecimento para Antônio da Mata, Wanessa Bezerra e Sandro Torres, idealizadores da “Semana de 22, 100 anos depois”.

22 contos, 22 autores, 22 visões de modernidade; 100 anos de uma semana que nunca acabou.

ADEMIR LUIZ – PRESIDENTE DA UBE-GO

Projeto desenvolvido pela
CONTATO COMUNICAÇÃO,
composto em estação Macintosh,
fonte Jaager Daily News, corpo 12 sobre 16,
em Goiânia,
no mês de fevereiro de 2022
com impressão da
CONTATO COMUNICAÇÃO